KÁTIA ARAÚJO DE MOURA

"BUSCAI AS COISAS DO ALTO":
aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de padre Léo

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Flávia Figueiredo

FRANCA
2009

KÁTIA ARAÚJO DE MOURA

“BUSCAI AS COISAS DO ALTO”: aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de padre Léo

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Profa. Dra. Profa Dra Maria Flávia Figueiredo
Universidade de Franca

Titular 1: Profa. Dra. Fernanda Mussalim G. L. Silveira
Universidade Federal de Uberlândia

Titular 2: Prof. Dr. Juscelino Pernambuco
Universidade de Franca

Franca, 28 de agosto de 2009.

***DEDICO** à minha família, mestres em amor: vidas que me ensinam sobre as coisas do alto.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, hoje e sempre, pelo dom da vida!

Aos meus familiares, em especial meu pai, Luiz, e minha mãe, Mariluci, por acreditarem em minhas potencialidades, incondicionalmente, incentivando meu crescimento com profundo amor;

à minha orientadora Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo, por seu apoio e estímulo à pesquisa, assim como sua amizade e afeto;

às professoras doutoras Ana Cristina Carmelino e Maria Sílvia Olivi Louzada, que compuseram minha banca de qualificação e contribuíram enormemente com este trabalho;

a todo o quadro de docentes do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca, pelos ensinamentos, leituras, convivência e crescimento acadêmico proporcionado;

à Lúcia Nassim, por toda generosidade e confiança;

à Suely Santiago de Sousa, por ser incentivo constante, profissional e pessoal;

às companheiras do curso de mestrado, “as meninas do céu garantido”, Regiane Cruz, Rosana Cláudia, Rosana Ferrareto, Ana Fabíola e Fabiana Parpinelli, pelas leituras atentas, disponibilidade e apoio durante a realização deste trabalho;

à Profa. Dra. Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira, por abrir meus olhares ao mundo da pesquisa, desde a graduação;

à Lidiane Moura, por sua amizade, sensibilidade e por acreditar que eu possa ser comparável à sua grandeza;

a Danilo Salomão, por toda a disponibilidade em me ajudar em momentos difíceis da finalização deste trabalho;

a Mateus Moreira Lance, meu marido, que, com seu amor, preenche meu coração com sonhos, planos e projetos de uma vida ainda mais feliz!

“A palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a ouve.”
(Michel De Montaigne)

RESUMO

MOURA, Kátia Araújo de. **“Buscai as coisas do alto”:** aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de Padre Léo. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Este trabalho tem por objetivo analisar linguisticamente a intersecção entre os elementos prosódicos e a constituição da argumentação que objetivam a adesão do auditório dentro do discurso religioso de padre Léo, representante carismático da igreja católica. Para esta análise, selecionamos como *corpus* a pregação intitulada “Buscai as coisas do alto”, proferida em dezembro de 2006. Partimos da hipótese de que, ao pregar de maneira aparentemente espontânea, o sacerdote realiza seu percurso argumentativo fazendo uso dos elementos retórico-argumentativos que são corroborados pelos elementos prosódicos, conferindo ao seu discurso maiores recursos para persuasão do auditório. Ao trabalharmos com os pressupostos teóricos da Argumentação, como sendo “o desejo de persuadir, o de escutar e de se deixar convencer”, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), e da Prosódia, como “conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além da representação segmental linear dos fonemas”, de acordo com Bollela (2006), encontramos no discurso religioso um *corpus* significativo para nossa análise. São inúmeros os aspectos passíveis de análise do *corpus* selecionado, no entanto, para o presente trabalho, mostramos como é construído o gênero pregação religiosa, quais os elementos retórico-argumentativos (os que são baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real) constituem esse discurso e como os elementos prosódicos interferem no processo persuasivo. Identificamos alguns elementos prosódicos que julgamos mais relevantes: a tessitura, como variação da altura melódica, o volume, como intensidade sonora, e a pausa, como variação de duração. Nossa análise foi fundamentada na teoria da Argumentação e da Retórica segundo Aristóteles (2003), nas concepções da Nova Retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), nos conceitos de Meyer (2003), Reboul (2004), Tringali (1988), Citelli (2005), entre outros, que estudaram as premissas e técnicas da argumentação, bem como nos estudos dos elementos prosódicos estudados por Bollela (2006), Cagliari (1992), Scarpa (1999), Massini-Cagliari & Cagliari (2001), entre outros. Como metologia de trabalho, abordamos uma caracterização do gênero pregação, à luz da Teoria dos Gêneros, baseados em Figueiredo et al. (2009) e da escuta e transcrição do áudio realizada segundo as normas do Projeto NURC/SP (1985). Para a verificação dos marcadores prosódicos, a análise contou com o apoio dos softwares *Praat 8.0* e *Sound Forge 8.0*. Pudemos compreender, por meio de nossa análise, que o orador imprime maior autoridade ao seu discurso ao fazer uso de citações de passagens bíblicas. Constrói um *ethos* de escolhido, demonstrando que é Deus quem dá ordens para que ele ministre, portanto, é digno de ser ouvido. O orador modula uma qualidade de voz mais adequada à argumentação quando quer suscitar a paixão da compaixão em momentos de reflexão. Argumenta pelo sacrifício, reforça seu prestígio perante seu auditório, demonstrando, assim, a diferença entre persuadir e convencer. Altera o volume e a tessitura e faz uso de repetições e pausas para demonstrar sua autoridade, sabedoria e persuasão. Esses elementos estão todos entrelaçados e dependem uns de outros para que o orador consiga realizar sua missão de evangelizar a partir do testemunho emotivo de sua própria experiência de vida, objetivando fazer-crer a pregação proferida.

Palavras-chave: Prosódia; Argumentação; Discurso Religioso; Persuasão.

ABSTRACT

MOURA, Kátia Araújo de. **"Buscai as coisas do alto":** aspectos argumentativos e prosódicos do discurso de Padre Léo. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

This work aims at linguistically analyzing the intersection between the prosodic elements and the constitution of argumentation which intends to gain the audience's support within the religious discourse of Priest Leo, a charismatic representative of the Catholic church. For this analysis, we have selected as *corpus* the sermon entitled "Buscai as coisas do alto", preached in December of 2006. We have a hypothetical idea that, when preaching, apparently spontaneously, the priest carries out his argumentative route by using rhetoric-argumentative elements that are corroborated by prosodic elements, which awards the discourse a greater resource to persuade his audience. By working with the theoretical considerations of Argumentation, as "the wish to persuade, to listen and to let be convinced", according to Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997), and of the Prosody, as "the set of phonic phenomena which are located beyond the linear segmented representation of phonemes", according to Bollela (2006), we have found, in the religious discourse, a meaningful *corpus* to our analysis. There is a countless number of aspects which could be analyzed in the selected *corpus*, however, for the present work, we have shown how the genre religious sermon is built, which rhetoric-argumentative elements (the arguments based on the structure of reality and the ones that found the structure of reality) constitute this discourse and how the prosodic elements interfere in the persuasion process. We have identified some prosodic elements which we have judged as the most relevant: pitch, as variation of melodic loudness; volume, as sound intensity; and pause, as variation of duration. Our analysis was based on the Theory of Argumentation and Rhetoric according to Aristoteles (2003), in the conception of New Rhetoric by Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), in the concepts of Meyer (2003), Reboul (2004), Tringali (1988), Citelli (2005), among others, who have studied the premises and argumentative techniques, as well as the studies of prosodic elements by Bollela (2006), Cagliari (1992), Scarpa (1999), Massini-Cagliari & Cagliari(2001), among others. As methodology, we have addressed the Theory of the Genre according to Figueiredo et al. (2009) in order to provide a characterization of the religious genre sermon. We have also listened and transcribed the audio according to the rules of Projeto NURC/SP (1985). The data collection and the transcription of the lectures were made with the help of the softwares Praat 4.6.12 and Sound Forge 8.0. We could verify that this discourse is built upon the *ethos* of the lecturer, which brings more authority to his speech in the quotations of the God's words. It is God the one who gives orders so that the priest can preach. Thus, the priest is chosen, obedient to the divine words, worthy of being listened to. The lecturer inserts the most appropriate quality of voice to the argumentation whenever he wants to wake the passion of compassion in moments of reflection. He argues through sacrifice, reinforces his prestige towards the audience, by showing the difference between persuading and convincing. He uses a different range of volume and pitch and makes use of repetitions and pauses in order to show his authority, wisdom and persuasion. These elements are all tied and depend upon one another so that the lecturer can achieve his mission of praying the Gospel based on an emotional testimony of his own life experience, by aiming at making-believe in the preached sermon.

Key words: Prosody; Argumentation; Religious Discourse; Persuasion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Exórdio	46
Figura 2 -	*Ethos* de escolhido	50
Figura 3 -	*Ethos* de obediente	52
Figura 4 -	Paixão da compaixão	55
Figura 5 -	Momento de oração – pausas	57
Figura 6 -	A pessoa e seus atos (argumento baseado na estrutura do real)	59
Figura 7 -	Modalidade argumentativo-persuasiva	62
Figura 8 -	Argumentação pelo sacrifício	65
Figura 9 -	Prestígio pelo sacrifício	66
Figura 10 -	Argumentação pragmática	69
Figura 11 -	Repetição	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 O DISCURSO RELIGIOSO E SUAS MANIFESTAÇÕES 13
2 A PREGAÇÃO "BUSCAI AS COISAS DO ALTO" E SEU PREGADOR PADRE LÉO: UMA CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* 20
2.1 ARCABOUÇO TEÓRICO 22
2.2 A RETÓRICA 22
2.2.1 A composição do sistema retórico 23
2.2.2 O Auditório 27
2.2.3 Modalidades argumentativo-persuasivas 28
2.2.4 *Ethos*, *pathos* e logos 30
2.2.5 As técnicas argumentativas 31
2.2.5.1 Argumentos quase-lógicos 32
2.2.5.2 Argumentos que fundamentam a estrutura do real 32
2.2.5.3 Argumentos fundados na estrutura do real 33
3 A PROSÓDIA 34
3.1 ELEMENTOS PROSÓDICOS 35
3.1.1 A Tessitura 35
3.1.2 A Entoação 36
3.1.3 O Acento Frasal 37
3.1.4 O ritmo 37
3.1.5 A Duração 37
3.1.6 A Pausa 37
3.1.7 A Velocidade 38
3.1.8 O Volume 38
3.1.9 Registro e Qualidade de Voz 39
4 BUSCAI AS COISAS DO ALTO: uma construção prosódica e argumentativa 41
CONSIDERAÇÕES FINAIS 80
REFERÊNCIAS 82
ANEXOS 85

INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, a Igreja Católica no Brasil parece fomentar uma nova forma de evangelização liderada pela Renovação Carismática Católica: o catolicismo midiático, encontrando em muitos sacerdotes da atualidade a fonte da sua legitimação pastoral. Múltiplas são as razões pelas quais a Renovação Carismática Católica tornou-se socialmente visível em meados dos anos 90 e, entre elas, podemos destacar a forma específica de apropriação dos meios de comunicação de massa e a sintonia cultural que sua proposta religiosa encontrou na época.

Inseridos no grupo de pesquisas sobre o discurso oral religioso na Universidade de Franca, analisamos linguisticamente a intersecção entre os elementos prosódicos e a constituição da argumentação que objetiva a adesão do auditório dentro deste discurso.

Ao trabalharmos com os pressupostos teóricos da Argumentação como sendo "o desejo de persuadir, o de escutar e de se deixar convencer", de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) e da Prosódia como "conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além da representação segmental linear dos fonemas", de acordo com Bollela (2006), encontramos no discurso religioso um *corpus* significativo para nossa análise.

São inúmeros os aspectos passíveis de análise do *corpus* selecionado, no entanto, para o presente trabalho, mostraremos como é construído o gênero pregação religiosa, quais os elementos retórico-argumentativos (os que são baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real) que constituem este discurso e como os elementos prosódicos interferem no processo persuasivo. Identificamos alguns elementos prosódicos que julgamos mais relevantes: a TESSITURA como variação da altura melódica, o VOLUME, como intensidade sonora e, a PAUSA, como variação de duração.

Oriundo da linhagem carismática, o discurso analisado neste trabalho tem como informante o sacerdote Tarcísio Gonçalves Pereira, mais conhecido como "Padre Léo", falecido em quatro de janeiro de 2006. Líder da Igreja Católica e membro da Renovação Carismática Católica no Brasil, Padre Léo proferiu a pregação "Buscai as coisas do alto", dentro de um retiro de experiência de oração denominado "Hosana Brasil: vitória de Deus",

na comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba, estado de São Paulo. A pregação foi transmitida ao vivo pela rede nacional de mesmo nome e gravada para distribuição em áudio e vídeo. Como objeto de nossa pesquisa, selecionamos o CD e, a partir dele, efetuamos a transcrição da pregação.

A escolha desse *corpus* se deu, em especial, pela expressividade do sacerdote dentro da Renovação Carismática Católica, bem como das circunstâncias de expectativa e comoção por parte do auditório. Há ainda o interesse linguístico sobre o *corpus* selecionado, pois o pregador, ao realizar esta sua última pregação antes de falecer, assume um estilo completamente diferente de todas as outras pregações já realizadas por ele, no que diz respeito às marcas linguísticas, vocabulário, em um relato comovente da própria vida e não mais cômico ou metafórico como de costume. Essas mudanças no estilo de pregações nos dão motivos para esta escolha, os quais serão aprofundados em capítulo posterior.

Para alcançar os objetivos expostos de relacionar os elementos prosódicos aos argumentativos, faremos, primeiramente, uma minuciosa descrição do *corpus*. Como arcabouço teórico, fundamentaremo-nos na teoria da Argumentação e Retórica segundo Aristóteles, nas concepções da Nova Retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997), nos conceitos de Meyer (2003), Reboul (2004), Tringali (1988), Citelli (2005), entre outros, que estudaram as premissas e técnicas da argumentação, bem como nos estudos dos elementos prosódicos estudados por Bollela (2006), Cagliari (1992), Scarpa (1999), Massini-Cagliari (2001), entre outros.

Como metodologia de trabalho, abordaremos uma caracterização do gênero pregação, à luz da Teoria dos Gêneros, baseados em Figueiredo et al. (2009) e da escuta e transcrição do áudio realizada segundo as normas do Projeto NURC/SP (1985), apresentada em anexo. Posteriormente faremos uso do programa computacional Praat 4.2.18, que possibilita uma análise mais detalhada dos elementos prosódicos relevantes para nossa dissertação.

O trabalho está dividido da seguinte forma: um primeiro capítulo sobre a constituição do discurso religioso e uma caracterização do gênero pregação, com a descrição minuciosa do *corpus* analisado; no segundo capítulo é feito um recorte teórico sobre a argumentação e os elementos prosódicos no discurso, fazendo uma explanação de cada um desses princípios. No terceiro capítulo traçamos as análises observadas sobre a intersecção entre Argumentação e Prosódia dentro da pregação “Buscai as coisas do alto”, primeiramente de forma qualitativa e em seguida de forma quantitativa.

Acima de todas as contribuições que este trabalho almeja suscitar, está a de reconhecer ainda mais a relevância dos estudos dos elementos prosódicos e argumentativos na efetivação da persuasão.

1 O DISCURSO RELIGIOSO E SUAS MANIFESTAÇÕES

> Seria preciso, para dar conta da evolução das relações oral/escrito, imaginar a língua como um teatro em que entram em conflito as diversas formas de expressão, conflito do qual a época presente apenas representa uma fase. A linguagem é a expressão do ser inteiro, e apesar de a nossa civilização tender a reduzir a uma unidade de funções o que foi plural e múltiplo, possuímos ainda restos das tensões que se produziram entre as diversas formas de expressões (BARTHES, 1984, p. 45).

O discurso e seus gêneros são formados nas estruturas e processos sociais. O discurso deriva das instituições, e o gênero das ocasiões sociais convencionalizadas em que a vida social acontece. Os textos são, portanto, duplamente determinados: pelos sentidos do discurso que aparecem no texto e pelas formas, significados e construções de um gênero específico.

Os domínios discursivos, segundo Marcuschi (2002), designam uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Tais domínios não são categoricamente textos, nem discursos, todavia proporcionam condições para aparecimento de discursos bastante específicos. É do ponto de vista dos domínios que produzimos os discursos, como por exemplo, o religioso, foco de nossas observações.

O homem transforma o mundo através da utilização de instrumentos e atribui à linguagem o papel de instrumento essencial para essa atuação transformadora. O material que constitui a base empírica de nossa análise apresenta especificidade discursiva: o discurso religioso. Trata-se de uma doutrinação religiosa cristã que, conforme Orlandi (1987, p. 243), identifica-se como aquele em que “fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu.”

De acordo com a referida autora, é uma produção marcada pela anulação da reversibilidade, ou seja, pela impossibilidade de interlocução, de dialogismo entre o pregador e seu auditório. Tal anulação se motiva pelo papel do pregador nesse tipo de discurso, que se resume a ser o de porta-voz da palavra de Deus, o de mediador dos planos celestial e humano. Essa condição impõe grande distância entre o contexto da produção e o da recepção do discurso religioso, uma vez que estabelece de modo definido, a separação entre os dois universos envolvidos: de um lado, a virtude, o bem, a salvação; de outro, o pecado, o mal, a purgação.

Assim caracterizado, o discurso religioso define-se também como assimétrico e não-autônomo. Assimétrico por desnivelar categoricamente os envolvidos – pregador e auditório –, situando o primeiro num patamar distinto daquele em que estão os demais, na medida em que o pregador ocupa o privilegiado lugar de representante da palavra de Deus. Não-autônomo porque o pregador, nesse contexto, não tem qualquer possibilidade de alteração ou modificação da mensagem a ser veiculada, que se resume nos preceitos religiosos, nos dogmas, nas crenças e convicções que precisam ser repassados aos humanos, como seres mortais e pecadores, a fim de que possam chegar ao único caminho da salvação – a palavra divina. Nesse contexto, o pregador não fala em seu nome, não tem maior identidade, resumindo seu papel no de mero repassador da palavra maior.

Todos esses traços conferem ao discurso religioso a marca geral do autoritarismo. A impossibilidade de reversão de papéis entre pregador e auditório, bem como a falta de simetria de seus lugares e de autonomia da mensagem veiculada, concorrem para que se instaure o dualismo, o antagonismo, que submete o auditório, os que não sabem e não vêem, à força ideológica da fé, que tudo conhece. Por ela, pode-se chegar ao conhecimento e, por tabela, à salvação. No *corpus* selecionado para este trabalho, de cunho religioso cristão, o contexto da fé tem estreita relação com a Igreja, que se coloca como marco divisório. Para os humanos, pertencer à Igreja significa ser crédulo, portanto, estar em condições de descobrir o caminho da salvação e do perdão; por outro lado, estar fora da Igreja constitui traço de exclusão e marginalização, lugar da ignorância e do pecado.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 24), o discurso religioso é um tipo de *domínio discursivo*, uma vez que não é o texto propriamente dito, mas uma prática discursiva que origina gêneros textuais. Assim, o material aqui analisado, enquanto manifestação do discurso religioso constitui um gênero mais específico: trata-se de uma pregação voltada para a doutrinação, para a evangelização de jovens e adultos. De acordo com tal perspectiva, essas fontes conjugam o sagrado (todo o capital simbólico da Igreja, seus dogmas, sua tradição) e o social (a proposta de salvação pela palavra divina, a sua missão).

Há no discurso religioso o jogo dos espaços; assim, terra/céu, inferno/paraíso, humanidade/divindade, por exemplo, constituem dimensões ou lugares muito recorrentes nesse tipo de discurso. A oposição de mundos tão heterogêneos concorre para a configuração da dualidade característica da pregação analisada neste trabalho: “Buscai as coisas do alto”.

1.1 O gênero pregação

Faz-se necessário a partir de agora, uma abordagem mais aprofundada sobre a teoria dos gêneros para caracterização da pregação, objeto de nossa dissertação. É sabido que a linguagem deve ser analisada por suas funções sociais e por isso vamos conferir assaz relevância para os gêneros de grande circulação social. Entretanto, há que se considerar as classificações sistemáticas desses gêneros.

Desde Aristóteles e Platão até Bakhtin, a noção de gênero está associada à recorrência de certas especificidades e certos parâmetros, por meio dos quais um texto é produzido e consumido. Assim, para que se constitua como gênero, o texto apresenta características estruturais relativamente permanentes, percebidas após sua utilização reiteradas pela coletividade. Denominamos aqui como *texto* toda interação verbal humana dotada de significado, seja oral ou escrita, assim como conceitua Bronckart (1999).

Conhecer a organização textual a ser utilizada em cada situação é indispensável. Tal procedimento de análise permite estabelecer a qual gênero pertence determinado texto de acordo com sua estrutura.

Em sua *Introdução à Retórica*, Reboul (2004) apresenta procedimentos de interpretação textual, mas que podem ser transferidos para a análise de gêneros por sua pertinência. Cada questionamento do autor para a interpretação de textos serve como sinalizador da produção, aludindo ao gênero escolhido pelo produtor.

Figueiredo et al. (2009) inserem alguns questionamentos necessários para a caracterização da estrutura textual dos gêneros orais: Quem fala? Onde? Para quem? Qual a duração? Qual o intuito? Existem marcas linguísticas determinantes? A produção está baseada em quais parâmetros? Qual o meio de transmissão?

Ao respondermos a cada um desses questionamentos fica-nos clara a possibilidade de caracterização de qualquer gênero por meio de suas particularidades sistematizadas.

Figueiredo et al. (2009) afirmam que o termo *pregação* está intrinsecamente ligado, no seu uso, às religiões cristãs, mas que, no entanto, ao se levantarem as características desse gênero, percebe-se que este termo também pode ser utilizado para designar o discurso de outras religiões.

> Uma das formações discursivas onde se reconhece a presença da persuasão é a religiosa: nesse caso, o paroxismo autoritário eleva-se: o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado; é ao mesmo tempo o tudo e o nada. A voz de Deus plasmará as demais vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o agente religioso (pastor, padre, rabino etc) (CITELLI, 2005, p. 61).

Desta forma, ao lançar mão da palavra sagrada, o líder religioso confere maior credibilidade ao que diz, pois não fala por ele, mas sim em nome de um ser imaterial, dotado de verdade.

No caso do discurso oral religioso que caracterizaremos como *pregação*, temos o seguinte: o líder religioso é o responsável pela realização desse gênero, ou seja, é a fala dele que serve de suporte para tal feito. O local, habitualmente, é um templo religioso mantido pela comunidade religiosa. O líder fala sempre para a comunidade religiosa de que faz parte. Mesmo que esta contenha, por vezes, ouvintes não-fiéis, a maioria é constituída de ouvintes fiéis. A duração/temporalidade de uma pregação é um aspecto variável, porém, há predominância de pregações com aproximadamente 40 minutos. Geralmente, a pregação é realizada com o intuito de formar o caráter dos fiéis, converte novos fiéis, bem como conservar aqueles que já fazem parte da comunidade religiosa.

Segundo Pedrosa (2004), ainda observamos:

> Outros traços do Discurso Religioso se configuram com o uso do imperativo e do vocativo-características inerentes de discursos de doutrinação; uso de metáforas – explicitadas por paráfrases que indicam a leitura apropriada para as metáforas utilizadas; uso de citações no original (grego, hebraico, latim) – traduzidas para a língua em uso através de perífrases extensas e explicativas em que se busca aproveitar o máximo o efeito de sentido advindo da língua original: o uso de performativos – uso de verbos em que o 'dizer' representa o 'fazer': o uso de sintagmas cristalizados – usadas em orações e funções fáticas. Ainda em relação às unidades textuais, podemos acrescentar o uso de determinadas formas simbólicas do discurso religioso como as parábolas, a utilização de certos temas recorrentes.

Em relação ao meio de transmissão, a pregação é realizada de forma oral, e transmitida de maneira direta, ou seja, o líder prega, o auditório ouve. Atualmente, com os recursos da tecnologia, é possível encontrarmos pregações gravadas em CD ou DVD para a distribuição comercial. No entanto, não entenderemos aqui tais possibilidades como meios de produção, mas sim como formas de reprodução para comercialização.

No discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre pregador e auditório: o orador é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o auditório é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Assim, o orador e o auditório pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o discurso religioso não apresenta autonomia, ou seja, o representante de Deus não pode modificá-lo, pois há regras estritas que devem ser respeitadas, como o texto sagrado, a Igreja, as cerimônias.

Devido à forma da representação da voz e devido à assimetria fundamental que caracteriza a relação falante/ouvinte no discurso religioso, mantém-se a separação entre significação divina e linguagem humana. Assim, permanece a obscuridade dessa significação, inacessível e desejada (porque não se compreende deve-se crer e obedecer).

A assimetria que assim se constitui caracteriza a tendência para a não reversibilidade: os homens não podem ocupar o lugar de Deus. Há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: a relação do representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias. O representante, ou seja, aquele que fala no lugar de Deus transmite suas palavras, mas não se confunde com Ele. O rito produz uma nova realidade, faz a conjunção do que é terrestre com o sobrenatural. Ele transforma o estatuto do real. O sujeito passa a estar unido a Deus, entretanto, ele reconhece no outro, o diferente. Ligam-se duas ordens diferentes de realidade, a humana e a divina. Entre o humano e o divino se mantém uma distância que a ação ritual permite que venha a ser transposta sem que venha a ser abolida. Atribui-se ao rito uma eficácia mais ou menos mágica e automática.

Interpretando-se a fé com referência à assimetria, Orlandi (1987) ressalta que a fé não a elimina, isto é, não é capaz de modificar a relação de não-reversibilidade do discurso religioso: a fé é uma graça recebida de Deus pelo homem. O homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, vem de Deus.

Embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão de reversibilidade que sustenta esse discurso, porque, quando esta é zero, esse se rompe, desfaz-se o contato e o objetivo do discurso fica comprometido. Daí a necessidade de se manter o desejo de torná-lo reversível.

Dentre as formas de ilusão de reversibilidade, apontadas por Orlandi, estão a visão, a profecia, a performatividade das fórmulas religiosas e a revelação. Nas pregações católicas é constante o uso de performativos, ou seja, verbos que não descrevem propriamente uma ação, mas a realizam: “eu profetizo, eu clamo, eu determino”. A performatividade da linguagem está ligada intimamente a uma visão da linguagem como ação.

Para que esses atos de linguagem se constituam efetivamente em performativos, devem seguir regras estritas: as fórmulas religiosas, para ter validade, devem ser usadas em situação apropriada. Para realizar esses atos, é preciso estar investido de uma autoridade dada, ou pelo menos reconhecida, pelo poder temporal, em condições muito bem determinadas, em situações sociais bastante ritualizadas. Assim, por meio dos performativos,

dos rituais e cerimônias, Deus partilha com os homens suas qualidades divinas. Já o homem alcança Deus por meio da visão profética, do misticismo.

O pregador não é arguido, analisado ou revisitado, pois é o tudo ou o nada. Há mecanismos que acentuam a persuasão nesse discurso e que demonstram sua especificidade. O uso dos imperativos, vocativos, da função emotiva, de metáforas, parábolas e paráfrases, estereótipos e chavões, mostram o quanto a pregação religiosa ao ser dogmática tenta ser persuasiva.

Os teóricos da Retórica Antiga distinguem os gêneros quanto ao papel cumprido pelo auditório a quem se dirige o discurso. Os gêneros oratórios, tais como os definiam os antigos, correspondiam respectivamente, a auditórios que estavam deliberando, julgando ou simplesmente sendo espectadores durante o discurso. Tanto Aristóteles (2003) quanto Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) dão especial atenção aos gêneros discursivos e, assim, trabalham a descrição dos gêneros argumentativos e seus efeitos.

É de se notar que os discursos da Igreja Católica, na face da Renovação Carismática, se iniciam com músicas para emocionar e captar a atenção dos fiéis. Seu objetivo será conquistar o auditório, captar a benevolência, a atenção, o interesse.

Embora os discursos da Igreja Católica não apresentem partes dispostas de forma rígida, caracterizam-se por uma intensidade crescente. No começo, invoca-se a Deus, em seguida há leituras bíblicas, depois reflexões sobre o texto bíblico, exemplificadas por fatos do cotidiano em uma pregação de valores, normas de conduta e princípios morais e, ao final, os testemunhos.

Neste sentido, parece que o discurso da Igreja Católica apresenta características do gênero deliberativo, pois propõe um novo modelo de vida, uma nova conduta e desqualifica o que é prejudicial ao auditório. Ao mesmo tempo, tece elogios a Deus e censuras ao Diabo, relacionando-se ao gênero epidítico. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) aproximam o exórdio do discurso religioso ao epidítico, o qual aumenta a intensidade de adesão a certos valores. Procura-se criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a Retórica dispõe para isso. Na oratória epidítica, o orador se faz educador.

O discurso epidítico – e toda a educação – visam menos a uma mudança das crenças do que a um aumento da adesão ao que já é aceito. Por isso será praticado de preferência por aqueles que, numa sociedade, defendem os valores tradicionais, os valores aceitos, os que são objeto da educação e não os valores revolucionários, os valores novos que suscitam polêmicas e controvérsias.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997, p. 58):

> Enquanto o propagandista deve granjear, previamente, a audiência do seu público, o educador foi encarregado por uma comunidade de tornar-se o porta-voz dos valores reconhecidos por ela e, como tal, usufrui um prestígio devido as suas funções.

Como o que vai dizer não suscita controvérsia, como nunca está envolvido um interesse prático imediato e não se trata de defender ou atacar, mas de promover valores que são objeto de uma comunidade social, o pregador deve possuir um prestígio reconhecido para poder apresentar os valores defendidos.

Segundo Reboul (2004, p. 104),

> quando o sujeito se encontra num meio humano tal que não tem outra esperança de nele viver ou sobreviver, senão adaptando suas crenças; em ruptura total com o antigo meio, sem recurso nem esperança, “morto para o mundo”, não tem outra saída senão aceitar a ideologia imposta, não porque a crê verdadeira, mas porque nela deve crer para sobreviver.

Assim, a eficácia da pregação decorre da vulnerabilidade do auditório e de suas carências, quando uma autoridade impõe o seu ponto de vista sem dar oportunidade a julgamentos. Para esse fim, são importantes os elementos passionais e a imagem do orador, assuntos abordados posteriormente com mais detalhamento.

2 “A PREGAÇÃO “BUSCAI AS COISAS DO ALTO” E SEU PREGADOR PADRE LÉO: UMA CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Nosso objeto de pesquisa é a pregação “Buscai as coisas do alto”, proferida em 2006. O informante analisado é Tarcísio Gonçalves Pereira – conhecido como “Padre Léo” – nascido em 9 de outubro de 1961 e falecido em 4 de janeiro de 2006.

Padre Léo foi sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana e membro da Renovação Carismática Católica, movimento que se denomina como sendo a Igreja dos primeiros tempos, seguindo uma espiritualidade própria, baseada na experiência de Deus através do batismo no Espírito Santo e no uso dos carismas em prol do benefício de todos os fiéis.

Sua pregação,“Buscai as coisas do alto”, foi proferida durante um retiro de evangelização denominado “Hosana Brasil: celebrai a vitória de Deus”, na Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista. A pregação foi transmitida ao vivo pela rede nacional de televisão de mesmo nome e gravada para distribuição em áudio e vídeo.

Como sacerdote e fundador da Comunidade Bethânia um centro de recuperação para dependentes químicos acolhidos para tratamento físico, psíquico e espiritual, Padre Léo sempre esteve pregando o evangelho nos retiros da Comunidade Canção Nova, outra comunidade de vida, porém esta voltada para retiros de oração e evangelização por meio da mídia, sobretudo televisiva.

Afastado de suas funções por dez meses em decorrência de um sério problema de saúde, um câncer, Padre Léo voltou à Comunidade para se pronunciar naquele encontro. Cerca de trinta mil pessoas o esperavam, além de todos os telespectadores da rede televisiva, em virtude do tempo de isolamento para tratamento e silenciamento de suas pregações. Durante esta reclusão, escreveu um livro intitulado “Buscai as coisas do alto”, o qual lançou no dia da pregação de mesmo nome.

O título da pregação faz alusão ao livro escrito, porém seu conteúdo não se assemelha ao do livro. A pregação foi conduzida como testemunho de vida, enquanto o livro trata de questões espirituais, que elevam o ser humano e o aproximam de Deus, em forma de catequese.

Sentado, enfraquecido pelo tratamento e debilitado, Padre Léo pregou durante 49 minutos. Essa fala constitui-se na pregação que se encontra transcrita em anexo e a qual utilizamos como objeto de pesquisa para aplicação dos pressupostos teóricos abordados.

Ao iniciar sua pregação, Padre Léo faz referência ao texto bíblico de Colosensses 3,3 em que temos a frase que o conduz durante toda a sua argumentação: “Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto”. Diferentemente de suas outras pregações, o pregador suscita em seu auditório a atenção para o momento específico de sua vida que justifica toda a pregação. Discorre sobre seu tratamento, cita situações de profundo sofrimento, enumera pessoas que o ajudaram nos piores dias de sua enfermidade e não faz uso corriqueiro de metáforas, alusões, anedotas ou linguagem coloquial. Desenvolve sua pregação se dizendo provocado pelo que chama de “encardido”, em uma alusão ao demônio, e o culpa por todo o sofrimento. Em tom comedido e em profunda resiliência, Padre Léo insere em seu discurso citações dos evangelistas da Sagrada Escritura e tem intenção de catequizar seu auditório quando compara valores a “carimbos do céu ou carimbos do inferno”. Em outras pregações, fez alusões a esses “carimbos”, mas em contexto de anedotas ou linguagem figurada. Nesta pregação, o que nos chamou a atenção foi justamente o fato de que, em raríssimos momentos, Padre Léo se dirige ao auditório com a linguagem que lhe é peculiar, mas sim, apresenta-se mais sério, mais compenetrado, refletindo em cada uma das frases antes de proferi-las, demonstrando maior reflexão em contrapartida aos discursos mais espontâneos de outrora.

Se antes o sacerdote inseria em suas pregações contações de causos, utilizando marcas da variante linguística rural, nessa pregação específica proferiu um discurso mais ponderado, emotivo e catártico.

Vale ressaltar que Padre Léo realizou inúmeras pregações, disponíveis para vendagem em cassete, CD ou DVD. Escreveu, entre tantos outros livros, “Jovens Sarados”, em que catequiza adolescentes e jovens a uma vida pautada nos princípios cristãos de modo irreverente e moderno. Escreveu também uma série de livros sugerindo atitudes bíblicas para alcançar a cura dos ressentimentos, a cura dos traumas e da morte, a cura do coração e como ser feliz todos os dias. Lançou uma coletânea contendo sete CDs com suas pregações gravadas ao vivo pela Rede de Televisão Católica Canção Nova, sendo premiado pela vendagem extraordinária dos CDs em todo o Brasil. Em suas pregações, contava anedotas, dançava, cantava, criava inúmeras metáforas para exemplificar conceitos bíblicos e levar seu auditório à reflexão. Reduzia sua linguagem ao coloquial, sem preocupar-se com estruturas

gramaticais, concordâncias verbais exatas ou uso dos plurais. “Nóis pudêmu vivê a plenitúdi divina si nóis ixprimentá o que Deus pédi di nóis, mia gênti!” (PADRE LÉO, 2006).

Em “Buscai as coisas do alto”, o pregador modifica completamente o seu modo de anunciar o Evangelho, fazendo uso de citações bíblicas, testemunhando seus momentos de sofrimento com uma linguagem rebuscada em um ambiente de profunda comoção, procurando fazer ligações entre pensamento e vida em uma profunda reflexão, sem o seu já característico senso de humor, fato que justifica nosso interesse linguístico em analisar esta pregação em detrimento das outras. Em “Buscai as coisas do alto”, o pregador compara o momento em que vive seu tratamento contra o câncer ao flagelo vivido por Jesus Cristo no Calvário, fazendo alusões sobre o sofrimento, buscando suscitar em seu auditório a emoção e a reflexão.

A especificidade desse *corpus* em especial se deu pela expressividade do sacerdote dentro da Renovação Carismática Católica, movimento católico surgido nos Estados Unidos na década de 1960, que propõe o reavivamento da Igreja Católica tradicional a partir do batismo no Espírito Santo e a experiência de viver os carismas do mesmo Espírito. O que também justifica o olhar para esta pregação foram as circunstâncias de expectativa e comoção que a pregação causou em seu auditório. Há que se considerar também as particularidades do discurso de Padre Léo que se diferenciam nessa pregação analisada. Apesar de quase sempre ressaltar em suas pregações anteriores o registro rural como variante brasileira do Português, Padre Léo não a mantém na pregação “Buscai as coisas do alto”. Nela, explora sentimentos como compaixão, comoção, auto-piedade e dor. Ao final da pregação, Padre Léo direciona seu discurso para um momento de oração e a encerra cantando a canção “Alô, meu Deus!”.

2.1 ARCABOUÇO TEÓRICO

Este capítulo objetiva apresentar a revisão de literatura essencial ao desenvolvimento deste estudo sobre a intersecção entre Prosódia e Retórica no discurso religioso.

2.2 A RETÓRICA

Neste capítulo tomaremos como base os conceitos registrados por Aristóteles na Antiga Retórica e de Perelman & Olbrechts Tyteca (1997) na Nova Retórica a fim de esclarecer de que maneira os elementos retóricos constituem o processo persuasivo.

Na Antiguidade já havia a preocupação com a arte de bem falar, que se tornava mais presente à medida que as cidades-estados gregas estruturavam-se em termos políticos e sociais. Na democracia, saber apresentar as ideias era imprescindível para quem aspirasse a política.

Segundo a Retórica Antiga, baseada em Aristóteles (2003), persuadir é aconselhar alguém de modo completo, habilidosamente, a aceitar um determinado ponto de vista. Além disso, Aristóteles observava que a Retórica não era tratada pelos especialistas como uma arte e enfatizava que ela deveria ser uma rigorosa técnica de argumentar.

2.2.1 A composição do sistema retórico

Para os gregos, o sistema retórico se dividia em quatro partes: *inventio, dispositio, elocutio* e *actio*.

Em sua obra *Introdução à Retórica*, Tringali (1988) explica que na *inventio*, procuram-se os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso. Aristóteles (2003) trata esta parte de tópica, no estudo dos lugares de onde se tiram os argumentos.

A organização interna do discurso é a *dispositio* e apresenta os seguintes componentes: exórdio, narração, provas (argumentação) e peroração.

O exórdio é o início do discurso e é importante porque visa assegurar a fidelidade dos ouvintes, tendo por fim obter a atenção dos mesmos e prepará-los para o discurso que será proferido em seguida.

A narração é propriamente o assunto, a apresentação dos fatos, a argumentação em si mesma. Não deve apresentar prolixidade nem extrema concisão e deve valorizar o caráter do orador.

Na etapa das provas é necessária a confirmação dos próprios argumentos e a refutação dos adversários continuamente. Este é o momento de organizar o que foi levantado na invenção.

Em sua obra *Retórica*, Aristóteles (2003) divide as provas retóricas em extrínsecas ou extratécnicas (ou independentes da arte) e intrínsecas ou técnicas (ou dependentes das artes). As primeiras não fazem parte da técnica retórica; são provas preexistentes como as confissões, as leis que necessitam apenas da manipulação adequada do orador; já as segundas dependem de maneira direta da técnica retórica e das habilidades do orador.

As provas intrínsecas são lógicas ou psicológicas. Se lógicas, dividem-se em silogismos e exemplos; se psicológicas, em éticas e patéticas. A divisão considera o fato de haver na persuasão um componente racional e um emocional.

As provas ou argumentos lógicos produzem convicção intelectual; esta se converte em um impulso que leva à ação. Nesse caso, persuade-se pelo exemplo, caso particular de indução, e pelo entimema, forma especial de silogismo. Especial, porque uma de suas proposições é omitida e seu conteúdo é dialético ou provável.

As provas psicológicas produzem comoção no auditório para que aceite mais facilmente a proposição do orador. Assim, como acontece com a convicção intelectual, pode suscitar uma ação. Os argumentos de cunho psicológico bifurcam-se em duas linhas: os éticos e os patéticos.

Os argumentos ou provas éticas apoiam-se na impressão favorável que o orador transmite de si para o auditório. Aristóteles trata tais argumentos com inegável importância. Segundo o filósofo grego, o caráter moral do orador é a “prova determinante por excelência”, pois sua probidade em muito influi no ânimo e na disposição do público quando este é convocado a se pronunciar a respeito de uma questão de fundo dialético, ou seja, a respeito de uma questão sobre a qual não se pode ter certeza, mas somente opiniões.

Por meio das provas éticas, os oradores fazem-se dignos de serem escutados. A parte mais indicada para os argumentos éticos é o exórdio (início do discurso), pois aí o orador tenta captar a benevolência, a atenção e a docilidade do auditório, porém, tais argumentos podem estar disseminados por todo o discurso do orador.

Os argumentos patéticos utilizam a paixão para persuadir os ouvintes. As paixões agem diretamente no auditório porque, como bem aponta Aristóteles, elas influenciam nos juízos, que variam conforme se experimenta um sentimento como a alegria ou o ódio. As paixões, portanto, levam o auditório a aderir à proposição do orador pela emoção.

A peroração é o epílogo, a conclusão, cuja finalidade é: dispor o ouvinte em favor do orador; proceder a uma recapitulação; amplificar ou atenuar o que se disse; excitar as paixões no ouvinte.

Outro elemento retórico é a *elocutio* ou as escolhas que podem ser feitas no plano da expressão para que haja coerência entre forma e conteúdo.

Segundo Mosca (2005, p. 29):

> São conhecidas as virtudes apregoadas pela velha Retórica e que ainda continuam sendo preceitos do bem dizer, embora nem sempre os meios de comunicação os tenham em mente: correção, clareza, concisão, adequação e elegância.

Por fim, a *actio* (ação), que é o elemento retórico do discurso propriamente dito. Nela, incluem-se: gestos, mímica e entonação da voz. E é na ação que o orador dramatiza o discurso procurando emocionar, impressionar, persuadir.

A apresentação dessas partes variava conforme cada um dos gêneros tradicionais. Como mencionado anteriormente, para os antigos, havia três gêneros oratórios: o deliberativo, o judiciário e o epidítico. O deliberativo referia-se ao útil/inútil e aos meios de obter a adesão das assembléias políticas; o judiciário referia-se ao justo/injusto e à argumentação perante aos juízes; o epidítico referia-se ao elogio ou à censura, ao belo e ao feio. Aristóteles questionava essa divisão canônica em todo tipo de discurso, dadas as características peculiares de cada um. Para ele, de obrigatório só haveria a proposição e as provas.

Nota-se, assim, que a Retórica consistia em um sistema de técnicas detalhadas. Apesar disso, na época, a Retórica foi muito criticada por se basear em pontos de vista e não em verdades absolutas. Platão, por exemplo, em sua obra *Górgias* (2004), procurava mostrar que a Retórica visava apenas aos resultados, enquanto que a filosofia visava sempre ao verdadeiro. Platão condenava a Retórica em nome da moral, enquanto Aristóteles considerava que ela em si mesma não é moral nem imoral, dependia apenas do uso que o ser humano fizesse dela.

Reboul (2004) considera comprometedora a atitude dos sofistas em relação à Retórica, pois a fundamentaram pela ausência de verdade e por fazerem crer que o discurso humano não teria outro objetivo senão o próprio sucesso. O primeiro a ir contra a sofística foi Isócrates, que proporá uma Retórica com caráter mais ético que a dos sofistas, visando a atender às diversas necessidades dos gregos, como a necessidade da técnica judiciária, de prosa literária, de filosofia e de ensino.

Em razão de ter sido tão criticada na época clássica, no decorrer do tempo, a Retórica foi perdendo, cada vez mais, prestígio perante a opinião pública e reduzida à teoria das figuras. Nos dias de hoje, a partir dos estudos da Nova Retórica, esses temas têm sido amplamente reabilitados, sendo, sobretudo a partir dos anos 1960, vislumbrados por outras ciências como a Linguística, a Semiótica, a Pragmática e a Análise do Discurso.

Obra que contribuiu muito para essa nova visão em relação à Retórica é o *Tratado da argumentação: a nova retórica* cujos autores são Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1997), muito utilizada nas análises.

Retomando a dialética e a Retórica de Aristóteles, Perelman e Olbrechts-Tyteca desenvolvem a teoria da Argumentação, que, segundo eles, complementaria a teoria da demonstração, alargando a concepção da razão, apontando como lidar com valores, estabelecer preferências e fundamentar decisões. Neste excerto da obra, a posição dos autores fica bastante clara:

> Tendo, pois, empreendido essa análise da argumentação em certo número de obras, em especial filosóficas, e em certos discursos de nossos contemporâneos, demo-nos conta, no decorrer do trabalho, de que os procedimentos que encontrávamos eram em grande parte da "Retórica" de Aristóteles; de todo modo, as preocupações deste se aproximavam estranhamente das nossas. Foi, para nós, tanto uma surpresa quanto uma revelação. Com efeito, a palavra "retórica" desapareceu completamente do vocabulário filosófico. Não a encontramos [...] em todas as áreas, o termo "retórica" evoca a suspeita e em geral se alia ao desprezo (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1997, p. 64).

Nessa perspectiva, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) questionam se, ao utilizar o método experimental bem sucedido em lógica, poder-se-á reconstituir a Retórica e torná-la interessante. Mostram que a Retórica teria, segundo Aristóteles, uma razão de ser, seja por causa da ignorância da maneira técnica de tratar um assunto, seja por causa da incapacidade dos ouvintes de seguir um raciocínio complicado. De fato, seu objetivo é sustentar opiniões para que sejam admitidas pelos outros. A Retórica não tem, pois, como objeto o verdadeiro, mas o opinável, que Aristóteles confunde, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), com o verossímil. Em síntese, não há uma lógica específica dos juízos de valor, pois não são deduções formais corretas nem induções do particular para o geral, mas argumentações de toda espécie. Os juízos de valor não são verdadeiros nem falsos, apenas podem ser mais ou menos fundamentados ou justificados.

Assim, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) utilizam daí por diante o termo retórica para designar o que se poderia ter chamado também a *lógica do preferível*, colocando em destaque a importância da adesão e aproximando-a da Retórica de Aristóteles. Para os

autores, a argumentação é acima de tudo uma ação: de um indivíduo (orador) sobre outro indivíduo (auditório), com o objetivo de desencadear uma ação (adesão).

2.2.2 O Auditório

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) definem auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com a sua argumentação. Definem dois tipos de auditório: um universal e outro particular. O primeiro é constituído pela humanidade toda e o segundo é composto por pessoas que estão ligadas por elementos comuns, que partilham as mesmas crenças ideais, valores, etc. A esse respeito, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 24) alertam:

> É muito comum acontecer que o orador tenha de persuadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. Ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. É a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório heterogêneo que caracteriza o grande orador.

Cabe ao auditório o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores. Assim, cada orador deve pensar naqueles que procura influenciar e que constituem o auditório ao qual dirige seus discursos. Os autores afirmam que o importante na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro, mas qual é o parecer daqueles a quem a argumentação se dirige.

É de extrema relevância, portanto, que o orador conheça aqueles a quem pretende conquistar e esta deve ser uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz. Além disso, há que se conhecer os valores do auditório, enquanto acordos grupais que mudam de acordo com a evolução das hierarquias sociais.

É a adaptação do orador ao seu auditório que vai fazer com que, ao final do discurso, o auditório já não seja mais o mesmo do início e que tenha obtido uma nova concepção da realidade, conferida pelo orador.

Os autores afirmam ainda que os ouvintes podem ser divididos de acordo com os valores a que aderem. Propõem chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e levar a uma ação e chamar *convincente* àquela cujo propósito é obter adesão de todo ser racional (auditório universal) e não constitui um apelo à ação

imediata. Tem-se, portanto, que considerar a presença do auditório, em relação ao qual o princípio básico é a adequação, com a finalidade não apenas de convencer pelos raciocínios, mas persuadir com base na emoção, nas crenças e na ideologia. Os recursos argumentativos devem se adaptar a cada tipo de auditório para que o orador possa agir eficazmente sobre os interlocutores.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) o auditório tem a característica de nunca ser real, mas ideal, e, para obter a adesão de semelhante auditório, deve-se valer de premissas aceitas por todos. Esse auditório só será convencido por meio de uma argumentação que se pretenda objetiva e que se baseie em valores universalmente aceitos. Argumentação que conferirá à sua exposição um cunho científico ou filosófico, o que as argumentações dirigidas a auditórios particulares não possuem.

2.2.3 Modalidades argumentativo-persuasivas

Se a argumentação é, essencialmente, adaptação ao auditório, a ordem dos argumentos de um discurso persuasivo deveria levar em conta todos os fatores suscetíveis de favorecer-lhes a acolhida pelos ouvintes. Enquanto, numa demonstração, tudo é dado, na argumentação, ao contrário, as premissas são alteráveis. No decorrer da argumentação, elas podem enriquecer-se. A ordem dos argumentos será, portanto, ditada em grande parte pelo desejo de ressaltar novas premissas, de dar presença a certos elementos a fim de envolver o interlocutor.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) representam um esforço de superação das limitações entre a dimensão teórico-formal e a dimensão pragmática dos raciocínios, impostas pela concepção clássica de razão, privilegiando as questões da razão prática e do raciocínio prático.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) realizam, em seu *Tratado da argumentação*, um levantamento e análise das estratégias argumentativas que levam à adesão, limitando-se basicamente à análise das técnicas verbais utilizadas para a consecução desse processo. Com relação aos apoios necessários aos processos argumentativos, os autores crêem que, ao se argumentar, criam-se simultaneamente vários juízos sobre os mais diversos valores. No entanto, o que mais contribui para o sucesso da argumentação é o modo de hierarquizar

tais valores, a ponto de acabar sendo mais importante, para um auditório, a forma de hierarquização que propriamente o valor veiculado.

Ainda tratando desses apoios argumentativos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) introduzem uma discussão sobre *lugares*, não exatamente sob o enfoque dos antigos.

Outro ponto considerado fundamental pelo autores, no que diz respeito à forma persuasiva que leva à adesão e à aceitação tácita dos argumentos, é aquele relativo à ideia de *presença*. E o que seria essa presença? Seria a capacidade de manter vivos para a consciência certos elementos (objetos, pessoas, emoções – reais ou não), mesmo que não haja qualquer base calcada em demonstrações formais ou provas.

Reportando-se a seguir ao que denomina *dados argumentativos*, os autores partem para uma demonstração do papel desempenhado por certas operações verbais relacionadas ao processo argumentativo. Verifica-se a forma pela qual ocorrem, por exemplo, as ligações entre as funções sintáticas, lexicais, morfológicas e semânticas da língua e que passam a ter irrefutável papel argumentativo.

Para melhor apreender a especificidade do verbal, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) propõem algumas modalidades argumentativo-persuasivas, dentre as quais se destacam: *modalidade assertiva* – a que melhor se adapta a toda argumentação, pois impede a discussão sobre o que foi dito; *modalidade injuntiva*, representada linguisticamente pelo uso do imperativo que, conforme opinião geral, traz em si forte valor persuasivo. Entretanto, segundo os autores, a força do imperativo existe na razão direta da força impositiva da pessoa que dá a ordem. Uma última modalidade seria a *interrogativa*, sutil e hábil, pois procura levar o interlocutor, pelos processos persuasivos, a aderir às ideias do orador.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) destacam que, desde a Antiguidade, se reconheceu a existência de certos modos de expressão que não se enquadram no comum, cujo estudo foi em geral incluído nos tratados de retórica; daí seu nome e figuras de retórica. Em decorrência de a retórica limitar-se aos problemas de estilo e de expressão, as figuras foram cada vez mais consideradas simples ornamentos, que contribuem para deixar o estilo artificial e floreado.

Faz-se necessário aqui, abordarmos como se dá a persuasão levando em consideração as construções éticas e patéticas do discurso, segundo Aristóteles. Para o autor, a persuasão acontece por meio do caráter moral do orador (*ethos*), dos sentimentos despertados no auditório (*pathos*) e pelo discurso que é fundamentado na verdade (logos). Especifiquemos:

2.2.4 *Ethos*, *pathos* e logos

Segundo a retórica Aristotélica, podemos conhecer no orador atitudes e virtudes como honestidade, benevolência e equidade. Sucede aí que a forma como se constrói o *ethos* nas pregações pode suscitar diferentes reações no auditório. Se o *ethos* é a imagem moral que o orador dá de si, construída com sua palavra em uma representação de si, então o orador pode adequar seu discurso ao seu auditório para atingir a persuasão.

A construção do *ethos* se dá não somente pelo que o sujeito diz de si, mas da personalidade que ele demonstra ao proferir o seu discurso. Aristóteles diz que persuadimos pelo *ethos* se o discurso é tal que torna o orador digno de créditos.

Assim, o valor do discurso não se encontra nas regras, mas, sim, em quem o faz. O orador torna o discurso marcante, agradável, cativante, e, principalmente, confere-lhe o indispensável cunho de autenticidade. O verdadeiro discurso é aquele em que podemos identificar qual o seu autor.

Acerca do pensamento de Aristóteles em relação a este assunto, Reboul (2004) cita três tipos de argumentos de persuasão: *ethos* e *pathos* (de ordem afetiva) e logos (de ordem racional). O autor afirma, ainda, que o *ethos* é um tipo de afetividade que caracteriza o orador. Note-se que o *ethos* é um termo moral, ético, e que é definido como caráter moral que orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha deveras (REBOUL, 2004, p. 48)

Segundo Reboul (2004), o *pathos* é um conjunto de sentimentos e emoções que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. Faz uso das paixões para persuadir e é identificado pelo autor como uma afetividade súbita, violenta, irreprimível e diz respeito ao auditório. Designa sofrimento, é baseado na emoção e é o recurso usado pelo orador para suscitar as paixões em seu auditório.

As paixões emocionam os ouvintes, determinam a adesão de forma intensa e são intrínsecas aos seres humanos, não podendo ser controladas de forma racional, muito menos julgadas como impulsos. São os sentimentos que causam mudanças nos indivíduos, seguidos de tristeza e prazer, além de outras sensações. Trata das antíteses passionais, da reversibilidade transformadora, é tudo o que é sujeito e, ao mesmo tempo, tudo o que ele não é.

Enfim o logos diz respeito à argumentação propriamente dita no discurso. É persuadir pelo raciocínio, pela consistência interna da mensagem do orador e é o que torna o discurso eficaz.

Pretendemos, neste trabalho, verificar como estes elementos, em especial o *ethos* e o *pathos*, são utilizados pelo orador e como se desenvolvem dentro do discurso.

2.2.5 As técnicas argumentativas

É no discurso que o orador expõe os fatos referentes aos argumentos que defende.

Neste momento o racional supera o emocional e para que seu discurso seja ainda mais eficaz, o orador faz uso de clareza, brevidade e credibilidade. De forma bastante concreta, o orador constrói seu discurso a partir de estratégias que contribuem com o entrelaçar de ideias a fim de cumprir seu principal objetivo: a persuasão do auditório.

É o orador quem escolhe quais argumentos irá usar em seu discurso de acordo com a força que pretende designar a cada ideia proferida.

> A intensidade de adesão e, também, a relevância, estão à mercê de uma argumentação que viria combatê-las. Por isso a força de um argumento se manifesta tanto pela dificuldade que haveria para refutá-lo como por suas qualidades próprias (PERELMAN & OLBRETCHS-TYTECA, 1997, p. 524).

A força dos argumentos e suas escolhas serão variadas de acordo com o objetivo da argumentação. Aí está, mais uma vez, a importância da adaptação do orador ao seu auditório, escolhendo as teses por ele admitidas e, portanto, não basta apenas se apoiar em premissas mas, também, atentar sempre para possíveis resistências ou admissões por parte do auditório.

> A própria força dos argumentos pode ser utilizada, explícita ou implicitamente, pelo orador ou pelos ouvintes, como fator argumentativo. Daí a maior riqueza das interações que se deverá levar em conta (PERELMAN & OLBRETCHS-TYTECA, 1997, p. 529).

Essa questão nos aponta para a classificação dos argumentos que constroem o discurso e que se distinguem em três tipos: os argumentos quase lógicos; os que fundamentam a estrutura do real e os baseados na estrutura do real.

2.2.5.1 Argumentos quase-lógicos

Os argumentos quase-lógicos pretendem a convicção e se assemelham aos raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Sucede que, na argumentação, eles podem ser refutados, demonstrando que não são “puramente lógicos” e, por isso, os conceituamos “quase-lógicos”. Segundo Perelman (1997, p. 220) são caracterizados por “seu caráter não formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal”. Não se baseiam na experiência e, portanto, são suscetíveis de interpretações variadas, o que não é possível com a linguagem formal.

A incompatibilidade, na argumentação, é apresentada para ser contornada e aceita, ou para ser superada para não cair no ridículo. Para isso é necessário que orador tenha discernimento para apresentá-la como preferível ou, ainda, para abandoná-la ou restringir seu alcance.

Assim, a cada argumento lógico, de validade reconhecida e incontestável, corresponderá um argumento quase-lógico de estrutura semelhante, cuja força persuasiva consistirá justamente na sua proximidade com aquele.

Nos argumentos quase-lógicos não há correlação necessária entre o grau de explicitação dos esquemas formais aos quais o orador se refere e a importância das reduções exigidas para lhes submeter a argumentação.

2.2.5.2 Argumentos que fundamentam a estrutura do real

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997), os argumentos baseados na realidade são aqueles cujo fundamento encontra-se na ligação existente entre os diversos elementos da realidade. Uma vez que se admite que os elementos do real estejam associados entre si, em uma dada ligação, é possível fundar sobre tal relação uma argumentação que permite passar de um destes elementos ao outro. São situações que fogem à demonstração.

Os autores argumentam que como não há fórmula rígida para a estrutura desse tipo de argumentação, o que importa é que os dados sejam fortes o suficiente para o desenvolvimento do discurso. Os autores ponderam que “o que nos interessa aqui não é uma descrição objetiva do real, mas a maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele

concernentes, podendo estas, aliás, ser tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções” (1997, p. 298).

Abreu (2001) salienta em relação aos argumentos baseados na estrutura do real que se deve sempre obter o acordo do auditório sobre o valor da consequência. Para o autor, os fins justificam os meios e nem sempre o que vem antes é causa do que vem depois, resultando daí, o que o autor chama de um sofisma.

Sobre os argumentos baseados na estrutura do real, ainda podemos classificá-los em quatro tipos: o argumento pelo exemplo (a vida de alguém ou um evento acontecido), o argumento pelo modelo (biografia inteira de alguém ou uma sucessão múltipla de eventos), o argumento pelo antimodelo (aquilo que não se deve imitar) e o argumento pela analogia (comparações de situações vinculadas à tese que se pretende defender com outra situação).

2.2.5.3 Argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real são alicerçados na explicação e a argumentação se baseia na experiência. São os que se aplicam a ligações de sucessão, de coexistência, a símbolos ou a graus de ordem.

Dizem respeito à relação de causa e efeito; por exemplo, o argumento pragmático, que atribui o valor de uma tese aos resultados causados por sua adoção. Os argumentos fundados na estrutura do real por sucessão envolvem realidades de ordens diferentes, em que uma seja a essência e a outra a manifestação exterior dessa essência. É o argumento que procura associar o caráter de uma pessoa a seus atos.

Ao serem conhecidos esses argumentos, permitem desenvolver um precedente, ou regra geral e são empíricos, não se apoiando na estrutura do real, criando-a ou completando-a.

Outros aspectos que abordam estes argumentos serão retomados no capítulo de análise.

3 A PROSÓDIA

O conjunto de fenômenos o qual chamamos de *prosódia* vem de tempos antigos, porém não é menos estudado na atualidade. Definir *Prosódia* como acento de tom, acento melódico ou traços da fala que não são reproduzidos na escrita ainda é superficial. Poderíamos conceituá-la também como diferença de duração, acento ou até mesmo à luz da Literatura com as teorias de métrica poética ou ritmo da poesia e da prosa.

Há muita divergência entre autores nessas definições de prosódia, principalmente quanto a sua distinção de entoação.

Reis (2005) faz uma distinção da definição de entoação em seu sentido amplo e restrito:

> Sentido amplo: a entonação está na confluência de um complexo de traços de diferentes sistemas prosódicos: tom, intervalos melódico, força, ritmicidade e organização temporal. Sentido estreito: contrastes gradientes devidos à variação melódica.

Alguns autores consideram a entonação como parte da prosódia, assim, a ela se torna similar à prosódia em que seus parâmetros são frequência fundamental, intensidade e duração. Alguns teóricos irão se referir à prosódia como um fenômeno mais estreito relacionado às variações melódicas, enquanto outros afirmam que ela envolve outros parâmetros, tais como pausa, prolongamento, ritmo, entre outros.

Scarpa (1999, p. 8) define o termo Prosódia como “uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais”.

Cagliari (1992) apresenta um levantamento das relações entre elementos prosódicos e suas variadas funções, em especial no português brasileiro.

Bollela (2006) expõe como os elementos prosódicos e suas variadas funções corroboram a argumentação dentro do discurso.

De todas as possibilidades de sentido atribuídas ao termo *Prosódia*, buscamos a base da argumentação em favor do uso do termo em vez de supra-segmento, por uma certeza de que os fatos fônicos segmentais e os prosódicos não são independentes. Sendo assim, nosso trabalho se fundamenta a partir do trabalho de Bollela (2006) que conceitua *prosódia*

“como um conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além ou ‘acima’ (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas”.

3.1 ELEMENTOS PROSÓDICOS

De acordo com Bollela (2006), os elementos prosódicos podem ser divididos em três categorias: elementos prosódicos de variação da altura melódica, da variação de duração e da intensidade sonora. Entre os elementos de variação da altura melódica temos a tessitura, que compreende uma alteração de grave e agudo na fala; a entoação, que engloba uma variação ascendente e/ou descendente na melodia da frase; o tom, que compreende a variação melódica dentro dos itens lexicais; o acento frasal, que também é considerado como sílaba tônica saliente; e a qualidade de voz. A seguir, conforme Bollela (2006), temos os elementos de variação de duração, que compreendem o ritmo, que é marcado pela repetição sonora de acentos; a duração, que marca um alongamento de sílabas ou fonemas; o acento, que está diretamente ligado ao ritmo; a pausa, que determina o silêncio; a concatenação, que faz junção entre as palavras e a velocidade da fala. Finalmente, temos o elemento de intensidade sonora, isto é, o volume, intensidade da voz baixa ou alta.

Para se identificar os elementos prosódicos é necessária sua decomposição para vislumbrar melhor entendimento do perfil sonoro. Bollela (2006) descreve cada um dos elementos prosódicos, porém, interessa-nos aprofundar um pouco mais nestes elementos para que façamos a diferenciação entre suas funções linguísticas exercidas no discurso. Vejamos alguns elementos prosódicos que julgamos mais relevantes, seguindo os pressupostos teóricos de Cagliari (1992), Bollela (2006) e Massini-Cagliari e Cagliari (2006).

3.1.1 A Tessitura

Massini-Cagliari e Cagliari (2006, p. 120) explicam que:

> O espaço compreendido entre o som mais grave e o mais agudo, na fala de uma pessoa, é chamado de tessitura. O ato de mudar os valores de frequência dessa escala

> para cima (fala aguda) ou para baixo (voz grave) em um indivíduo acarreta acréscimo de significação do discurso.

Na tessitura temos a função sintática (categorias e funções) que marca elementos que estão deslocados. Na função discursiva, que é coesiva, usamos de tessitura grave, quando se objetivam digressões, ou aguda, ao retornar ao assunto principal.

Assim esse papel deslocador da tessitura tem função do tipo coesiva, ou seja, serve para lembrar ao ouvinte como conectar coisas ditas antes com coisas ditas depois.

Em uma abordagem dialógica (em turnos conversacionais), usamos a tessitura aguda para pedir o turno durante a fala do outro ou usamos de tessitura grave no final de turno.

Sob a perspectiva da função pragmática, que diz respeito às atitudes do falante, usamos níveis mais graves para indicar mais razão ou autoridade e níveis mais agudos para indicar contestações e exaltação, assim como tessitura bem grave ou bem aguda para indicar estratégia para não ser interrompido. Há aqui a importância de se salientar que um mesmo contorno entoacional pode ser relacionado a uma tessitura alta ou baixa, de acordo com as intenções do falante.

3.1.2 A Entoação

No que se refere ao elemento prosódico da entoação, Bollela (2006) também disserta sobre os três aspectos anteriormente abordados. Na função sintática o tom descendente indica frase afirmativa, o tom ascendente indica frase interrogativa; e na união entre ascendente e descendente encontramos a frase principal unida à frase subordinada, ou, em contrapartida, vemos o processo inverso. Na função semântica, a entoação denota conotações ou subentendidos, corroborando o acento frasal para marcar foneticamente o foco das frases. Na função pragmática, o tom descendente em nível alto, passando para baixo denota “pedido” por parte do falante.

3.1.3 O Acento Frasal

A função semântica do acento frasal é marcar o foco de frases. A fala silabada tem o intuito de chamar a atenção para o que se diz e geralmente faz-se uma súplica ou diz-se um palavrão em ritmo silábico. Em se tratando do acento, há distinção entre significados lexicais de palavras e que podem alterar completamente seu sentido.

3.1.4 O Ritmo

Bollela (2006, p. 116-117) nos recorda que o ritmo:

> caracteriza-se pela expectativa de uma repetição das saliências fônicas marcadas por durações estabelecidas. Depende de como são organizadas as unidades fonéticas da sílaba, do pé e do grupo tonal em função da duração que cada um deve ter. As línguas variam de acordo com o modo como organizam a forma do ritmo dentro dos grupos tonais. Algumas línguas tendem a produzir intervalos isocrônicos entre as sílabas tônicas, outras preferem controlar a duração individual das sílabas das palavras, sem procurar um tipo de isocronia.

No que concerne à função fonológica exercida pelo ritmo, podemos lembrar o processo de contração em fronteira de palavra. Já no que se refere à função semântica, Bollela (2006) também enfatiza que uma fala silabada pode ter o intuito de chamar a atenção para o que se diz e, além disso, geralmente se faz uma súplica ou se pronuncia um palavrão em ritmo silábico.

3.1.5 A Duração

A função fonológica da duração não se aplica à Língua Portuguesa, porém a duração das sílabas tem grande importância na constituição dos processos fonológicos. No campo semântico, há alongamento de duração da sílaba em um aumento no sentido positivo de uma qualidade e um alongamento de duração da sílaba indicando aumento de sentido negativo de uma qualidade denotando ironia. A duração é permite uma reestruturação da produção da fala e é um dos elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas.

Há sempre a dificuldade de se fazer uma análise da duração, considerando o fato não de medir, mas sim de determinar com exatidão em que ponto se deve realizar a

medida de duração. No Português brasileiro, por exemplo, bem como em outras línguas, a sílaba acentuada tem, em média, o dobro da duração da sílaba não acentuada, dificultando ainda mais a medida para se obter a duração.

3.1.6 A Pausa

Através da pausa definimos fronteiras de palavras, indicamos deslocamentos de elementos sintáticos e mudamos bruscamente o conteúdo semântico. É o elemento de variação da duração e caracteriza-se por silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da fala.

O uso de pausas “fora do esperado” demonstra uma atitude do falante para impressionar o interlocutor, assim como falar destacando as palavras com pausas demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz, servindo para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida. A pausa também pode inferir uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar durante a fala. Pode indicar deslocamento de elementos sintáticos ou assinalar mudança brusca do conteúdo semântico.

Para Cagliari (1992, p. 143), a pausa representa uma hesitação, o que revela uma re-organização do processo de produção da fala ou da linguagem, ou uma atitude do falante para impressionar seu interlocutor.

3.1.7 A Velocidade

Na velocidade a aceleração indica que um falante quer sobressair ao seu interlocutor, dando mais ênfase ao que diz.

Uma desaceleração indica maior valor a algo que se diz ou um argumento mais importante logo adiante.

Na velocidade de fala foram considerados: o tempo de elocução, que é aquele da emissão do início ao fim da elocução; o tempo de articulação, que é o tempo de elocução extraído do tempo relativo às pausas; a taxa de articulação, que é calculada dividindo-se o tempo total de elocução, do qual se subtrai o tempo das pausas silenciosas, pelo número de

sílabas; e a taxa de elocução, que é obtida dividindo-se o tempo total de elocução pelo número de sílabas.

A velocidade de fala pode ser observada intuitivamente pelo ouvinte que dirá se ela está rápida, lenta ou apropriada para aquela determinada situação.

3.1.8 O Volume

Quanto ao volume, podemos assinalar que falar alto indica atitude autoritária, assim como falar baixo pode sinalizar atitude de persuasão, timidez ou respeito. Alto volume de voz pode ainda indicar expressões súbitas de dor, de perigo ou de grande perturbação. O volume pode ser um dos elementos que marcam a saliência das sílabas tônicas e a variação do volume acompanha as marcas fonéticas de saliência ou de redução.

Para Cagliari (1992, p. 146):

> [...] falar alto pode significar uma atitude autoritária ou de grande perturbação e falar baixo, uma atitude de persuasão, timidez ou respeito. O volume de voz também se adapta ao contexto e à distância que o falante se situa em relação ao seu interlocutor. A variação do volume de voz é uma espécie de “reforço” para o valor de outros elementos supra-segmentais prosódicos.

3.1.9 Registro e qualidade de voz

Cagliari (1992, p. 150) afirma que o falante dispõe “de uma variedade maior de possibilidades de expressão e que também o uso de uma ou de outra mostra bem os traços da personalidade do falante”. Sendo assim, precisamos considerar a importância dos elementos suprassegmentais, principalmente na oralidade, porque uma análise que representa somente o registro escrito pode deixar de lado muitos fatores importantes da linguagem que são comumente expressos por elementos prosódicos.

Podemos dizer que o registro refere-se ao fato do falante destacar uma palavra ou um sintagma, usando um tipo de qualidade de voz diferente daquele que lhe é habitual. A qualidade de voz é identificada na produção individual e pode indicar as atitudes do falante.

Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 121) declaram que “quando um homem fala com um tom fundamental muito agudo, sua qualidade de voz é de falsseto. Esse tipo de qualidade de voz é encontrado, por exemplo, na fala de certas pessoas que estão muito exaltadas.”

Portanto, o registro é um elemento prosódico que também vamos utilizar em nossa análise, pois ele pode ratificar a argumentação no discurso. A partir da qualidade de voz, também conseguimos construir a identidade do orador, com papel de suscitar a adesão dos espíritos no jogo argumentativo, também construído a partir de sua modulação de voz.

A análise dos elementos prosódicos deve ser feita de acordo com a especificidade do *corpus* e, a partir dos elementos aqui apresentados, acreditamos ter estabelecido os parâmetros necessários para a estruturação de nossa pesquisa na área de intersecção entre aspectos prosódicos e argumentativos. Selecionaremos para análise apenas os elementos mais relevantes ao nosso objetivo proposto, ou seja, aqueles que corroboram diretamente a persuasão e a construção da argumentação no *corpus* selecionado. São eles: a TESSITURA como variação da altura melódica, o VOLUME como intensidade sonora e a PAUSA como variação de duração. Alertamos para o fato de que serão passíveis de análise os outros elementos prosódicos nesse *corpus*, mas são os três citados acima os que mais permeiam nossas investigações.

Assim como reunimos todos os pressupostos teóricos de que precisamos – Retórica, Gênero, Prosódia – passaremos, a seguir, a uma análise do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

4 BUSCAI AS COISAS DO ALTO: uma construção prosódica e argumentativa

> Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da Terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus (COLOSSENSES, 3:1-4).

Diante das considerações teóricas realizadas nos capítulos anteriores, apresentaremos a seguir a intersecção entre Prosódia e Argumentação, identificando-as no *corpus* selecionado e propondo-nos a analisar como os elementos prosódicos e os argumentativos corroboram a persuasão.

Ao selecionarmos os pressupostos teóricos da Retórica como sendo "o desejo de persuadir, o de escutar e de se deixar convencer", de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) e da Prosódia como o "conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além da representação segmental linear dos fonemas" de acordo com Bollela (2006) encontramos inúmeros aspectos passíveis de análise no *corpus* selecionado: a pregação "Buscai as coisas do alto", de Padre Léo. No entanto, elegemos alguns aspectos que julgamos mais relevantes, diante da grande quantidade de elementos argumentativos e prosódicos que ainda poderão ser analisados em trabalhos posteriores.

No âmbito da argumentação, analisaremos o orador e seu auditório; a distinção entre persuadir e convencer; os efeitos da argumentação; as figuras de retórica e as técnicas argumentativas. À luz da prosódia analisaremos, dentre tantos outros elementos possíveis, a tessitura, o volume e a pausa.

Sabemos que os discursos e seus gêneros são formados nas estruturas e processos sociais. Se o discurso é o resultado da confluência de fatores de diversas ordens, o teológico, por exemplo (aqui entendido como discurso bíblico, que tem por propriedade a fé e como referente Deus), funda o discurso religioso (aquele que emana da autoridade eclesiástica, que tem por propriedade a ritualização e por referente o homem em sua relação com Deus e com os outros homens). Essa relação do homem com Deus e os outros homens, fica muito clara ao analisarmos a pregação "Buscai as coisas do Alto", objeto de pesquisa dessa dissertação.

Figueiredo et al. (2009) afirmam que o termo *pregação* está intrinsecamente ligado, no seu uso, às religiões cristãs. No entanto, ao levantarmos as características desse gênero, percebemos que este termo também pode ser utilizado para designar o discurso de outras religiões. As autoras sugerem, então, alguns questionamentos necessários para a caracterização da *pregação* como um dos gêneros orais.

O orador neste *corpus* selecionado é Padre Léo, sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana, fundador da Comunidade Bethânia, vinculado à Renovação Carismática Católica. O padre realiza sua pregação a um auditório de aproximadamente 30 mil pessoas, presentes no Retiro Hosana Brasil e para telespectadores do Brasil inteiro, com transmissão ao vivo pela Rede Canção Nova de Televisão. A pregação proferida por Padre Léo possui 48 minutos e 32 segundos e tem como objetivo a apresentação e o lançamento do livro intitulado "Buscai as coisas do Alto", de autoria do próprio sacerdote-pregador, porém, se torna também o retorno de Padre Léo à Canção Nova para pregar o evangelho, através de suas experiências de vida. Nesta pregação, em específico, Padre Léo abandona caracterizações e metáforas referentes à ao ambiente rural, comum em suas pregações anteriores e apresenta em "Buscai as coisas do alto" um tom reflexivo, emocionado, relatando o momento de profundo sofrimento em sua vida, decorrente do tratamento contra um câncer.

Padre Léo tem a consciência de que seu discurso emana de seus estudos teológicos, mas sabe também que, ao proferi-lo, cumpre o ritual de expor um modelo de vida, o qual experimenta e compartilha com o auditório. Ele sabe que é um discurso anulado de reversibilidade e não haverá a possibilidade da interlocução. É somente ele quem fala enquanto o auditório ouve, portanto, ele assume para si a posição de porta-voz da palavra de Deus, de mediador entre os planos celestial e o humano. O orador conhece seu auditório e sabe que ele é composto por pessoas que partilham a mesma crença religiosa pautada no catolicismo, ou seja, trata-se de um auditório particular que, de acordo com Reboul (2004, p.

93), é diferente de outros auditórios primeiro pela competência, depois pelas crenças e finalmente pelas emoções.

Ele apresenta ao auditório o jogo dos espaços, das virtudes, valores e princípios, bem como o caminho da salvação alicerçado pela palavra de Deus. Como ser humano, testemunha assumir também a possibilidade de experimentar esses preceitos bíblicos ao mesmo tempo em que constitui o ideal de pregador: aquele que é autorizado por Deus para falar em seu nome porque vive esta experiência bíblica e pode comprová-la a partir de seu discurso.

Segundo Abreu (2001, p. 38) uma segunda condição da argumentação é ter uma 'linguagem comum' com o auditório.

Podemos atentar ao fato de que Padre Léo construía suas pregações aproximando-as da linguagem comum aos seus ouvintes, para se aproximar do contexto da comunidade rural que liderava (Bethânia), igualando-se a seu auditório (particular) em termos linguísticos para se fazer aceito.

Sua linguagem em muito se aproximava ao registro empregado pelos falantes rurais. Permeada de expressões regionalistas como: "Quando é fé" (expressando algo que vai acontecer); "Dá di pô fé" (expressando algo em que se pode acreditar); "Módi quê" (expressando o porquê, o motivo pelo qual), entre outras. Observamos também o emprego acentuado do /r/ retroflexo, uma das características que se nota na fala do interior paulista, estigmatizadamente chamada de '/r/ caipira'. Esses fenômenos são mais estigmatizados que outros, pois são relacionados à classe social de quem usa essa variante. Além disso, um outro fenômeno linguístico presente na fala do orador é a redução do gerúndio, por exemplo, "cantano" em vez de cantando. Palavras que muitas vezes, possuem significação restrita ao grupo de falantes oriundos de zona rural.

> Como eu, esse CD foi gestado, minínu simpres, nu coração do Biguá, à taipa do fogão, da casa de Quinzim e Nazaré, meus pais, foi a minha primeira Bethânia (PADRE LÉO, 2007) (20:34).

Contextualizava seus discursos com metáforas, paralelismos sobre o ambiente de vida das pessoas que o ouviam, fazia uso de gatilhos de humor contando anedotas, buscando efeitos de sentido, objetivando compreensão daqueles que o ouviam por meio de contações de causos particulares, com os quais os ouvintes poderiam, em algum momento, se identificar.

> Eu nasci no dia que fazia dez anos de casados dos meus pais. Óia que presente papai e mamãe ganhô. Dez anos veio eu. E eu fui o nono fio! É meu fio, lá em casa era

> ansim, Aquilo era que nem banheiro de rodoviária: sai um, entra outro, sai um, entra outro. Morava na roça, mamãe não tinha babá, o único que tinha era que nóis babava, mas o resto... Agora ocê imagina isso lá no Biguá! (PADRE LÉO, 2007) (33:46)

Sempre fazendo uso de linguagem rural, apresentando o *ethos* de pobre e simples, em sua última pregação o sacerdote modifica sua maneira de pregar pelo *ethos que* agora quer construir: aquele que sofre as mazelas humanas e adoece, o que faz com que seu auditório se emocione e compadeça. Nesta pregação, o sacerdote dá indícios de como se deve viver, buscando as coisas de Deus, contudo, realiza essa pregação em tom mais ameno, sereno, com voz mais branda, perceptivelmente mais reflexivo, indicando maior seriedade e, portanto, prendendo seu auditório com o objetivo de persuadi-lo.

Faz-se necessária aqui a diferenciação entre persuadir e convencer: “Para quem se preocupar com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1997, p. 30). Assim, Padre Léo persuade seu auditório a assumir a escolha que trará sentido às suas vidas, independente do mundo exterior, que é clara e explícita: “Quer ser feliz? Buscai as coisas do alto”. Por outro lado, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 30) explicam que “quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir.” Esta não é a primeira intenção de Padre Léo, pois ele empreende convencer seu auditório pelo uso da frase “Buscai as coisas do alto”, unida ao conceito de mudanças, de retomada de situações pessoais, de formação do caráter de seu auditório por meio de inúmeras reflexões expostas em sua pregação.

Essas reflexões constituem os argumentos, provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso e assim compõem o seu sistema retórico.

No exórdio de “Buscai as coisas do alto”, Padre Léo inicia sua pregação conclamando os presentes à reflexão primordial de seu discurso.

Logo após a passagem bíblica de Colossenses, capítulo 3, versículos de 1 a 4, ter sido lida por um outro sacerdote, Padre Léo anuncia o tema de seu discurso: “Buscai as coisas do alto”. Ao lançar esse convite, Padre Léo faz uso de uma qualidade de voz que expressa afetividade e cuidado.

Além disso, um outro item de relevância presente no excerto abaixo é a duração, usada para distinguir significados em itens lexicais. Há uma abundância de pausas longas com a função de destacar e reforçar a autoridade e o valor do que se diz. De acordo com Cagliari, (1992, p. 143), o fato de se falar palavra por palavra, segmentada por pausa,

pode representar um reforço sobre o significado literal do que se diz, solicitando do interlocutor que deixe de lado outras interpretações possíveis.

> [...] Pode aplaudir a Palavra... ((aplausos)) se portanto, ressuscitaste com Cristo... **buscai... as coisas...** lá do alto... se nós queremos --- e nós queremos --- celebrar a vitória de Deus em nossa vida... nós precisamos trilhar por esse Único caminho... **buscai ... as coisas... do alto**... qué ser feliz?... **buscai...as coisas... do alto** [...] (PADRE LÉO, 2006) (04:45).

No excerto acima, vemos que o orador, logo no início de sua pregação, assegurar a fidelidade do auditório, de modo a obter a atenção e prepará-los para o discurso que será proferido. Além disso, busca fundamentar as bases da formação ética e patética que permearão toda a sua pregação. A partir daí, ele lança o assunto, apresenta os fatos, faz sua argumentação, valorizando sempre seu caráter em relação ao tema proposto.

Ele instaura seu discurso mesclando experiências de sua própria vida, no momento em que sofre com o tratamento de um câncer, com a citação bíblica que ensina que se quisermos experimentar a salvação divina, em todas as circunstâncias de nosso cotidiano, devemos “buscar as coisas do alto”

Essa expressão “buscai as coisas do alto” se repetirá por dezoito vezes durante a pregação. Em termos argumentativos, ela pode ser considerada uma figura de presença, pois, de acordo com Perelman & Tyteca (1997, p. 199) essa figura tem efeito argumentativo de “amplificação, ou seja, o desenvolvimento oratório de um assunto, independentemente do exagero com o qual o associam geralmente.”

Podemos visualizar no quadro abaixo produzido pelo programa computacional *Praat* uma incidência prosódica recorrente da figura de presença: a repetição, muito frequente em todo o discurso.

Ao observarmos o quadro abaixo, veremos que o volume, representado pelas linhas verdes, se inicia com 67.94dB quando o orador enuncia “buscai” (em destaque amarelo) e, na mesma palavra há um acréscimo significativo na sílaba “cai” de 72.35 dB e concomitantemente ocorre um alongamento da mesma.

Na enunciação de “as coisas do alto” observamos que o artigo “as” é proferido a 70.38 dB enquanto o vocábulo final “alto” sofre decréscimo e atinge 55.3dB até finalizar em pausa.

Retomando a questão do alongamento do verbo “buscai”, promove-se um reforço do aspecto argumentativo, pois, consoante Cagliari (1992, p. 42), o recurso de se alongar um verbo confere-lhe um significado mais “ forte”.

E ainda, no mesmo trecho, incide a tessitura (corresponde às linhas azuis no quadro abaixo) que em níveis mais baixos servem para imprimir mais autoridade à fala do orador.

O orador emprega uma qualidade de voz afetuosa que, ao mesmo tempo, busca persuadir e aconselhar carinhosamente.

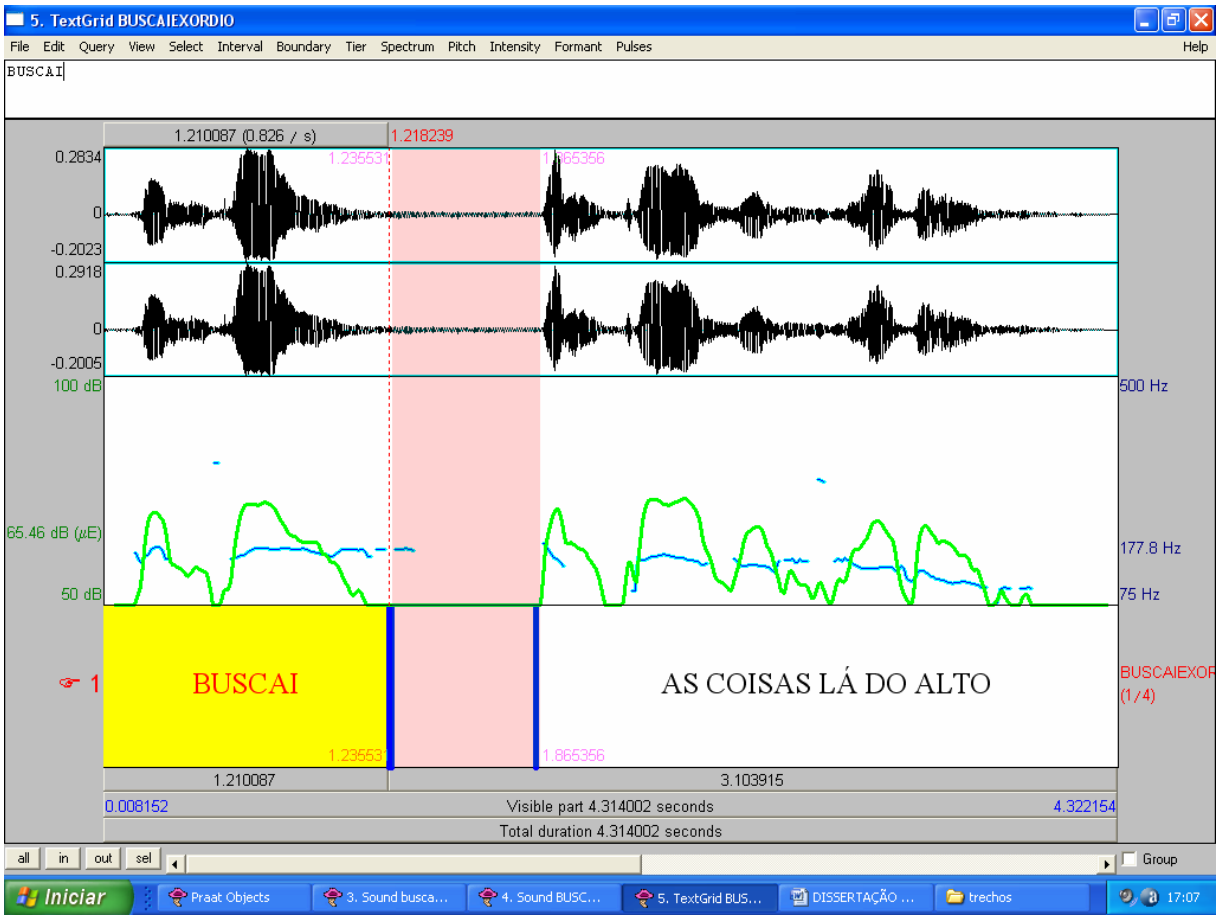

Figura 1 – Exórdio.

> [...] se nós queremos -- e nós queremos -- celebrar a vitória de Deus em nossa vida...nós precisamos...trilhar por esse Único caminho..buscai...as coisas..do alto...qué ser feliz?...buscai...as coisas..do alto...essa é a GRANde pala::vra que o Senhor qué trazê pra nós...e que pois no meu coração ...quando eu fiquei angustiado...num dos determinados desses muitos dias...dessa enfermidade que já vai prum ano[...] (PADRE LÉO, 2006) (05:06)

Para confirmar seus próprios argumentos e evitar qualquer refutação de possíveis pensamentos entendidos por seu auditório, o sacerdote faz uso de "provas intrínsecas" as quais Aristóteles (2003) se refere como dependentes das artes e de maneira direta da técnica retórica, demonstrando durante todo o discurso, as habilidades do orador.

Consoante o autor, as provas intrínsecas são lógicas ou psicológicas. Por várias vezes, Padre Léo tem o intuito de buscar a adesão do auditório citando *provas lógicas,* as que se dividem em silogismos e exemplos, demonstrando de forma racional como faz para resolver as limitações causadas pelos efeitos colaterais da quimioterapia.

Ele exemplifica ao auditório que perdeu parcialmente sua visão, mas que, se coloca a iluminação da tela de seu computador em níveis mais elevados, ele consegue fazer suas leituras, ao mesmo tempo em que pode aumentar o tamanho da fonte das letras e, dessa forma, consegue escrever aquilo que Deus lhe pede que seja escrito.

Esse é um dos exemplos em que o orador induz o pensamento de seu auditório a acreditar que sempre temos algum meio de conseguirmos realizar nossos propósitos se buscarmos alternativas racionais para isso.

Vimos também um exemplo de silogismo, forma de raciocínio dedutivo, constituído por três proposições: as duas primeiras denominam-se premissas e a terceira conclusão. Na pregação analisada, o silogismo acontece quando o sacerdote comenta com seu auditório, no momento de encerramento de sua palestra, o medo em proferir sua pregação sentado. “Eu tava com medo de pregar sentado, mas depois eu me recordei que as pregações mais profundas, os mais belos milagres de Jesus, ele fez sentado, verdade, não é?” (PADRE LÉO, 2006). Nesse trecho, podemos entender como silogismo que: Jesus realizou as pregações mais profundas e os mais belos milagres, sentado. Ora, se Padre Léo pregar sentado, logo realizará uma pregação profunda e os mais belos milagres poderão acontecer.

O orador comumente realizava suas pregações de pé, andando pelo palco, dançando, gesticulando e encenando muitos de seus argumentos. Nessa pregação, porém, diferentemente das outras, o orador realiza a pregação sentado, fraco e abatido pela doença. Sucede que ele nos dá a possibilidade de deduzirmos que ele se equipara a Jesus, assemelhando-se a ele, fazendo com que sua pregação seja digna de milagres, que seus pensamentos e palavras poderiam ser tão salvadoras como as pregações e milagres realizados por Jesus Cristo, o que pode lhe conferir um grau de prepotência.

Além dessas provas racionais explicitadas em sua pregação, o orador parece perceber que a partir de provas psicológicas conseguirá maior adesão do auditório e que estas irão contribuir ainda mais para o intuito de persuasão.

Consoante Perelman & Tyteca (1997), os argumentos a partir de *provas psicológicas* produzem comoção e o auditório aceita mais facilmente a proposição do orador. No caso da pregação em análise, temos em todo o seu transcorrer, um orador que sofre e faz

com que o auditório sofra junto com ele. O orador desperta sentimentos de angústia e tristeza ao mesmo tempo em que suscita a compaixão, solidariedade, esperança e desejo de superação.

Durante toda a pregação, ele faz um comovente relato de seu sofrimento, cita passagens de dor, de auto-reflexão a partir da possibilidade da morte, e também demonstra relacionar as passagens bíblicas aos seus momentos de sofrimento, ensinando aos fiéis que é possível haver salvação a partir da experiência desses princípios bíblicos.

Repete, em alguns momentos, a ideia de que qualquer humano, passível de sofrimento e pecado, pode arrepender-se e começar a "viver de novo", de forma muito mais feliz, se "Buscar as coisas do alto".

> [...] porque a fé::... fundamento da esperRANça...certeza ( ) daquilo que não se vê...ela nos proJEta...e mais do que is::so..quando a gente está MAIS cansado...MAIS dolorido...quando está MAIS difícil...-- e eu passei momentos difíceis...Gisela mesmo me contou...Dr. Roque chegou em casa um dia choran::do...porque acha::va...Padre Leo não sai dessa--...Padre Leo num sai mesmo mas Deus me tirou...cês vão te que mi aguenta mui::to ainda (PADRE LÉO, 2006) (11:32)

Em todos os momentos em que Padre Léo faz uso de provas intrínsecas a partir de provas psicológicas, consegue despertar em seu auditório efeitos de comoção, aplausos, gritos de esperança ou euforia, evidências da exploração da *pathos*.

Motiva seus ouvintes a uma ação em relação ao que estão ouvindo ao mesmo tempo em que conclama seu auditório a refletir sobre experiências pessoais, a partir das experiências vividas pelo sacerdote. É a voz do homem, autorizada pela voz de Deus, que persuade o auditório às ações pretendidas.

O orador elabora seu discurso formulando uma impressão favorável de si mesmo (*ethos*), se fazendo digno de ser escutado, tentando captar sentimentos positivos sobre seu próprio caráter, prendendo a atenção de seu auditório.

> [...] eu não prego mais...eu não estou mais na minha comunidade...e vem no meu coração.."ai de mim se não evangelizar"...(eu disse)meu Deus mas...AI de mim...?((aplausos e gritos)) (06:28)
> [...] nessa hora é o suspiro da alma que diz...Jesus... Jesus... Jesus...cê num consegue nem terminá Jesus tem piedade de mim...((aplausos)) Jesus ((aplausos)) Jesus...ah meus irmãos... eu tenho tanto dó de quem num tem fé... ((aplausos)) eu tenho TANto dó de quem num encontrô Jesus ainda...E::sse é doente...E::sse é pobre...E::sse é o mais miseRÁvel dos seres humanos...((aplausos)) (PADRE LÉO, 2006) (21:39)

Segundo a retórica Aristotélica, conhecemos no orador atitudes e virtudes como honestidade, benevolência ou equidade. Dessa maneira, que a forma como se constrói o *ethos* nas pregações pode suscitar diferentes reações no auditório. Se o *ethos* é a imagem

moral que o orador dá de si, construída com sua palavra numa representação de si, então o orador pode adequar seu discurso a seu auditório para atingir a persuasão.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), que desenvolveram uma importante reflexão sobre a construção do *ethos* do orador pelo discurso argumentativo e desta maneira organizaram sua descrição em relação à consideração de diferentes tipos de auditórios, não se pode persuadir um auditório sem considerar suas reações (*pathos*). Padre Léo demonstra saber reconhecer, durante sua pregação, o que suscita sentimentos em seu auditório. Ao pregar, ele permite que seu auditório aplauda, festeje, reflita, silencie, se comova, em relação aos argumentos que utiliza, dando o tempo necessário ao auditório para que suas palavras alcancem o objetivo principal de sua pregação: que o seu auditório seja persuadido por seu discurso.

Como o discurso em análise se trata de uma pregação que fala da vitória de Deus nos problemas diários do homem, o pregador faz adaptações em seu discurso para que os ouvintes vivenciem as mesmas experiências pelas quais ele passou, uma vez que toda a argumentação visa à adesão do auditório. Dessa forma, os ouvintes podem ver semelhanças entre o que acontece em seu cotidiano com o que o orador está narrando, e, assim, chegarão a aceitar com mais facilidade o que está sendo dito. Portanto, o *ethos*, nesta pregação, está ligado à credibilidade do orador e para legitimá-la é necessário que, ao proferir, ele organize os fatos, provocando as paixões em seu auditório.

Em primeiro plano Padre Léo instaura o *ethos de sofredor*, quando descreve situações de dor e convalescência consequentes da enfermidade e do tratamento que o acompanham. Dá ênfase a vários relatos de angústia a fim de expor ao auditório o seu caráter de sofredor:

> [...] quando eu fiquei angustiado num dos determinados desses muitos dias que essa enfermidade que já vai prum ano, e eu pensava Meu Deus, essa doença me tirou tudo: eu não consigo mais andar sozinho, eu tava... tava numa época quase... que como agora, não andava sozinho, eu não enxergo direito, o olho direito eu sou cego, estou cego momentaneamente, do olho esquerdo eu enxergo uns quarenta, cinquenta por cento, eu não prego mais, eu não estou mais na minha comunidade". (05:44)

A construção do *ethos* se dá não somente pelo que o sujeito diz de si, mas também pela personalidade que ele mostra ao proferir o seu discurso. Assim, observamos concomitantemente à construção da imagem de sofredor, a construção do *ethos de honestidade*.

Padre Léo se descreve como sincero, positivo e honesto ao se referir àquilo que ele considera verdade e que quer demonstrar ao seu auditório. Ele assume a autoridade de honesto quando profere: “O que estou falando pra vocês são coisas que vem do alto”, demonstrando então que aquilo que ele fala vem de conteúdos e de convicções inabaláveis. Aí temos a voz de Deus, emanada pela voz do homem autorizado. Constrói-se então o *ethos de escolhido*, aquele que tem proximidade com Jesus. O sacerdote se coloca como aquele que é mediador da palavra de Jesus, um meio pelo qual a entidade divina se utiliza para se comunicar, o que lhe confere posição de destaque, uma vez que o torna privilegiado.

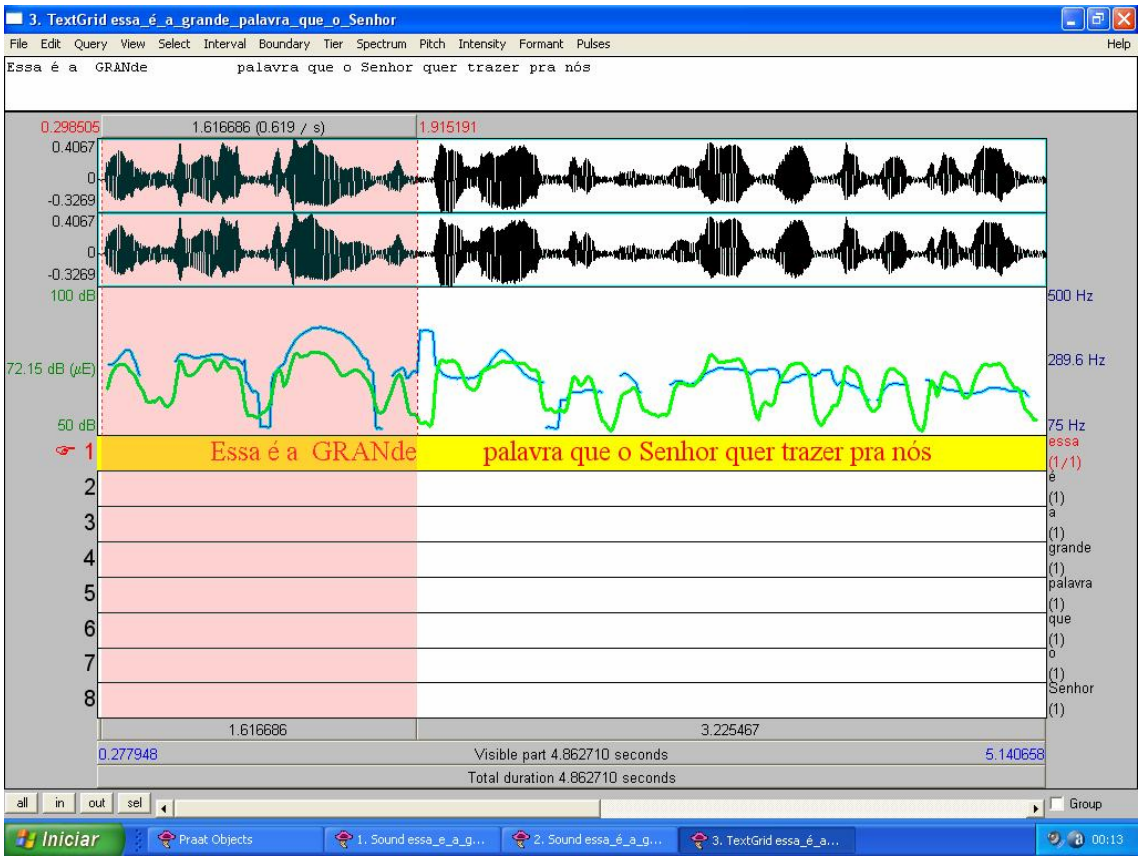

Figura 2 – *Ethos* de escolhido. (05:34)

No excerto destacado no quadro acima, o orador adota qualidade de voz clamorosa, de maior altura melódica, pretendendo a atenção viva de seu auditório para o argumento que enunciará. Esse argumento deriva de um ser considerado divino, o qual autoriza o orador a proferir mensagens ao auditório. O sacerdote, então, instaura o *ethos de escolhido*, no sentido em que anuncia a voz daquele que lhe é superior, anunciador da salvação. Prosodicamente, o orador aumenta o volume (72.15dB) e a velocidade de sua fala, obtendo, assim, a função pragmática que, de acordo com Bollela (2006), indica maior valor a

algo que se diz e, ao mesmo tempo, demonstra a condição superior de Padre Léo, como autorizado a anunciar a palavra do "Senhor". A tessitura grave empregada instaura o aspecto de alerta e clamor ao que será dito. Em sua construção ética, o orador evidencia que quem emite a palavra de ordem na pregação é Deus, o qual ele chama no excerto de "Senhor" e para legitimar essa autoridade divina e sua imagem de 'escolhido'. Nesse trecho, Padre Léo emprega um nível mais grave de *tessitura* (como é exibido na tela acima por meio de linhas azuis que lhe correspondem), que tem, segundo Bollela (2006), a função de indicar maior razão e autoridade a quem profere o discurso. O volume representado pelas linhas verdes, inicia em 70.02dB e termina em 72.15dB, e é através da tessitura que percebemos o anúncio do ser maior que emite a "graaaande" palavra, aquela que requer maior atenção, dada a sua relevância e origem. A voz do orador é legitimada como o ministro do Senhor (aquele que tem o dom de santificar) ao mesmo tempo em que o orador (o escolhido) se instaura como aquele que tem o dom de anunciar.

Identificamos, no discurso de Padre Léo, a construção de outra imagem de si: o *ethos de obediente*. Ele reforça, por diversos raciocínios, que Jesus quer realizar em nós os seus planos e, para conquistarmos aquilo que queremos, devemos "Buscar as coisas do alto". Ao mesmo tempo, ele assume para si esse discurso, mostrando uma imagem de obediência à mensagem que ele anuncia, originada do ser superior, que é Deus.

> [...] Meu Deus.... eu não consigo ler, eu tenho que colocar a Bíblia aqui pertinho e um óculos pra perto com muita dificuldade pra ler três, quatro capítulos por dia, como é que eu vou escrever? **Escreva**! E quando sentei no computador pra escrever, eu nem sabia o que eu ia escrever... Então veio forte no meu coração: você não tinha encontrado o caminho porque ta buscando as coisas de baixo, busque as coisas do alto! Foi assim que nasceu esse livro. (07:58)

Para que Padre Léo consiga alcançar a persuasão em seu auditório, é preciso que ele esteja investido de uma autoridade dada, ou pelo menos reconhecida, pelo poder temporal, em condições muito bem determinadas. É assim que o sacerdote conduz sua pregação, sempre assemelhando sua realidade de vida com a sabedoria e a salvação de Deus, para aqueles que "buscam as coisas do alto". Ele pretende ressaltar, em sua pregação, que ao mesmo tempo em que ouve a palavra de Deus, a anuncia e a oferece como salvação ao auditório, ele assume para si a palavra proferida por Deus, em atitude de obediência, afirmando ser essa mensagem o único meio de salvação pessoal e coletiva.

Padre Léo relata detalhadamente o momento de sofrimento que o limita e dificulta suas produções orais ou escritas. Chega a afirmar que, em muitos momentos, pensou

em não mais realizar suas atividades mais comuns. Como neste momento da pregação o orador já construiu a imagem de escolhido, basta a ele, agora, instaurar também a imagem de obediente, aquele que escuta uma ordem e a obedece. Mesmo questionando o que não mais podia realizar em sua vida, Padre Léo parece então ouvir outras vozes, aquelas que emanam do subconsciente, em função de alertá-lo de pensamentos adversativos (“mas Deus lhe deu o dom de escrever”) ou aquela que emana do divino, que dialoga com ele, orientando-o, ordenando ações, conduzindo seus pensamentos a novas atitudes (“Escreva!”), as quais ele prontamente atende, em atitude de obediência. Deus fala com o sacerdote, em tom imperativo e é Padre Léo quem relata essa presença divina em sua pregação. Para confirmar esse diálogo com Deus, vejamos o quadro:

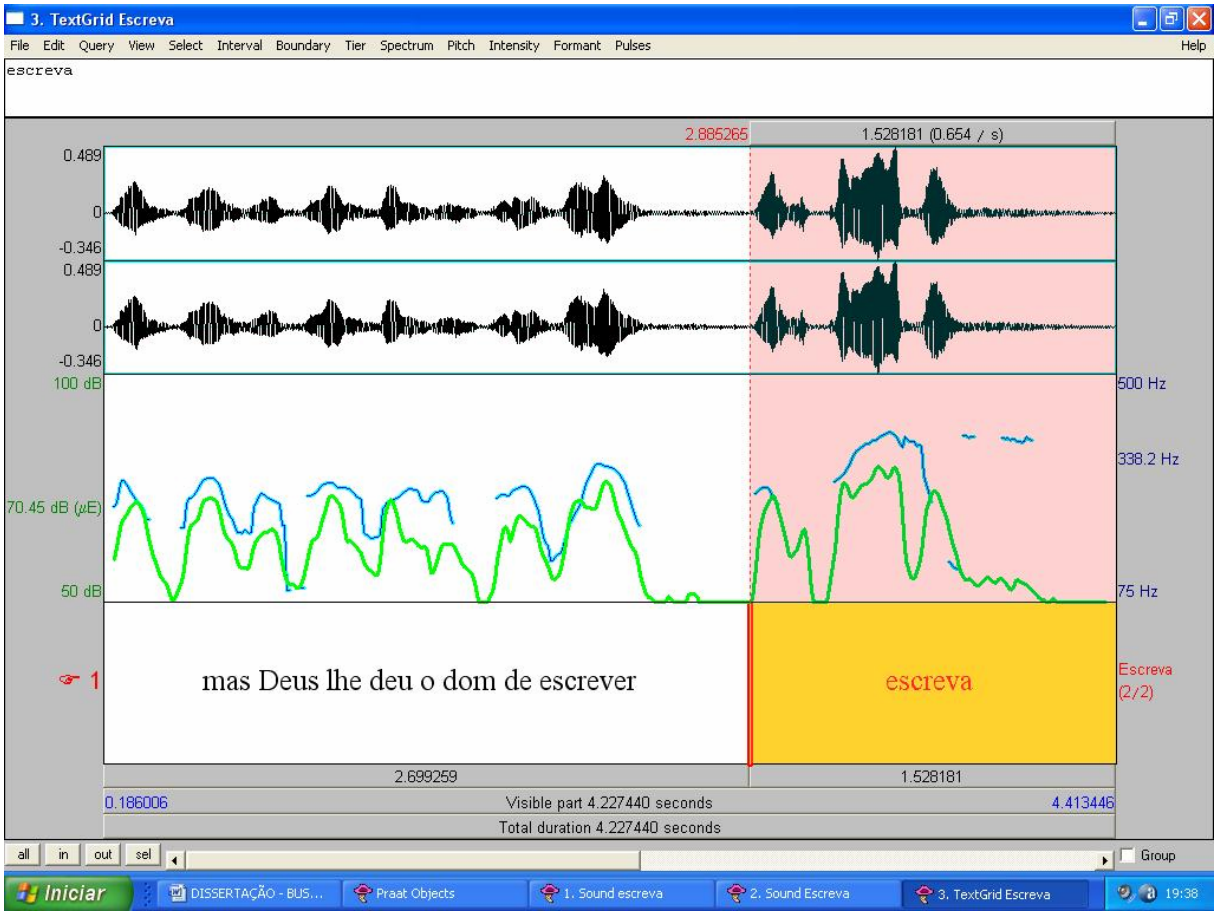

Figura 3 – *Ethos* de obediente. (07:42)

De acordo com o texto acima é a voz de Deus quem dá a ordem para que o sacerdote continue realizando sua missão de evangelizador, de escolhido de Deus para pregar o evangelho a toda criatura. Em meio ao discurso de Padre Léo, há um aumento considerável de volume quando surge a voz de Deus, do ser considerado todo poderoso.

Deus dá a ordem à Padre Léo para que ele continue escrevendo seus livros, mesmo diante das adversidades causadas pelas limitações da doença. Deus dá a ordem categórica de ‘Escreva!’ e Padre Léo a reproduz modificando sua própria voz, para marcar a diferença entre a voz de Deus e a voz do homem.

Muda a velocidade da fala, que aparece em níveis mais acelerados, aumenta o volume que apresenta início em 70.45dB na sílaba /es/, se eleva para 74.02dB na sílaba /crê/ e termina em 64.03dB na sílaba /va/. O alongamento excessivo da sílaba tônica /crê/ é usado pelo falante para ressaltar a força da palavra proferida, que passa a significar não uma simples ordem de escrever, mas uma atitude de enorme relevância, importância e destaque. É essa atitude que legitima o orador como obediente.

O fato de continuar escrevendo, de não lançar-se ao sofrimento interrompendo suas atividades cotidianas como pregador, sacerdote e ministro de Deus, persuade seus ouvintes, fazendo com que o auditório o aplauda, pois seu relato de obediência desperta a *paixão da compaixão*, que se refere ao mal que atinge quem não merece, segundo Aristóteles em sua Retórica das Paixões (2000, p. 53).

O pregador sabe que o ato de fazer-crer em seu auditório é suscitado pelas paixões. O aspecto patético (*pathos*), aquele que leva o auditório a aderir à proposição do orador pela emoção, é fundamental para a efetivação do fazer-crer. Através das paixões suscitadas no auditório o orador procede a sua persuasão.

Segundo Aristóteles (2003, p. 15), as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos.

As paixões não são entendidas aqui como virtudes ou vícios permanentes, mas estão relacionadas com situações transitórias, provocadas pelo orador.

Assim, observamos que na pregação “Buscai as coisas do alto” existem diversas manifestações do auditório, revelando ora aplausos, ora gritos de euforia, ora risos, ora choros, de acordo com os sentimentos suscitados pelo orador ao proferir o seu discurso. O *pathos* refere-se assim à paixão, por ser a expressão da natureza humana, da liberdade do sentir, comprometendo-se com a ação, que transforma a paixão em virtude.

> Além disso, dá-se o nome de paixões a tudo o que, acompanhado de dor e de prazer, provoca tal mudança no espírito que, nesse estado, observa-se uma notável diferença nos julgamentos proferidos. (ARISTÓTELES, 2003).

Para ilustrar essa citação, mostramos aqui como Padre Léo constrói sua argumentação suscitando diferentes paixões em seu auditório. Ele narra, por exemplo, a

passagem bíblica em que as personagens Marta e Maria se encontram com Jesus e Marta questiona qual das duas escolheu a melhor parte: ficar perto de Jesus ou trabalhar para alcançar a salvação? Padre Léo, então, correlaciona a passagem bíblica ao fato daquele cristão que tem muitos bens materiais e daquele cristão que não os têm, mas possui a fé em Jesus Cristo.

O que o pregador pretende é induzir seu auditório a escolher a melhor parte: perder tudo, continuar com fé e, assim, encontrar o reino de Deus.

A maneira com que ele constrói essa indução é suscitando as paixões em seu auditório, que acompanha seu raciocínio respondendo ora com autorreflexão, ora com risos, ora choro, concomitantemente. Ele prova que essas atitudes são possíveis a partir de sua própria experiência.

> TOdas as outras coi::sas nos serão tiradas...nós vamo perdê TUdo...eu que já num tinha muita coisa perdi quase tudo ao longo desse a::no...eu fico cum pena de quem tem muito pa perdê...((risos)) tem que sofrê muito pa perdê tudo ((gritos e aplausos)) eu tenho dó...((aplausos))...eu já tinha dó de gente feio...ah agora eu tenho dó pa valê mesmo é de quem num tem Jesus (PADRE LÉO, 2006) (23:43)

As paixões são, assim, ao mesmo tempo modos de ser (que remetem ao *ethos* e determinam um caráter) e respostas a modos de ser (o ajustamento ao outro).

Fica muito claro, em seu discurso, que Padre Léo intenciona provocar em seu auditório a *paixão da compaixão*, aquela que provoca certo pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso (como o câncer que o sacerdote enfrenta) e atinge quem não o merece. A possibilidade de padecer desse tipo de mal é evidentemente necessária para que o ouvinte sinta compaixão.

Padre Léo suscita a paixão da compaixão em seu auditório quando comenta sua dificuldade em lidar com suas limitações, as quais não o permitem cumprir sua agenda de sacerdote, participar dos eventos que comumente liderava, pregar o evangelho como de costume, etc. Dessa forma, ele demonstra seu sofrimento e logra causar comoção e sentimento de compaixão em seu auditório.

O auditório o aplaude no momento em que ele descreve momentos de vergonha, ao aceitar ser cuidado por pessoas estranhas, que se compadeceram de sua enfermidade e limitação. Dessa forma, ele consegue provocar em seu auditório a compaixão através de seu relato:

> [...] eu preciso ir cantá a vitória de Deus...mA::is do que nunca esse ano eu preCIso ir...e por que eu precisava vir?...primeiro pra agradecer a Deus...passá TUdo...que

> vocÊs que já ti/ conviveram com o câncer sabe...o câncer tira tudo da gente...tira nossa dignida::de...você perde Tudo...você é um trapo em cima duma cama...SU::-jo...--e eu me sujei muitas ve::zes esse ano...de xiXI:: e de cocô...--passei vergonha quando as minhas irmãs que hoje também estão aqui me limpavam...mas passei mais vergonha ainda... ((aplausos))...quando enfermei::ras...moças desconheci::das...ia lá trocá minha fralda...você perde Tudo...você perde o auto domínio...mas obra...a fé...es::sa ninGUÉM tira.. NEM o encardido TIra... ((aplausos e gritos)) (PADRE LÉO, 2004) (10:00)

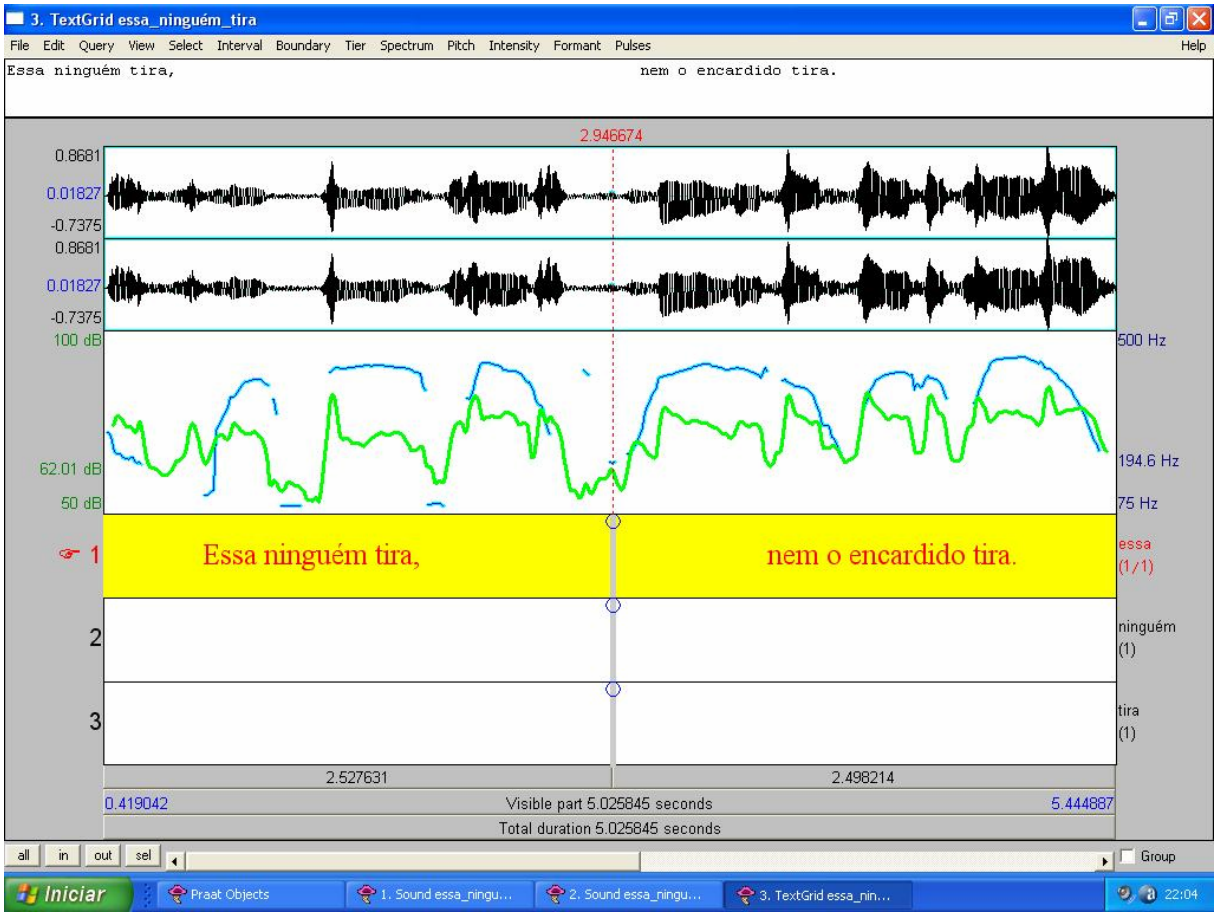

Figura 4 – Paixão da compaixão. (11:16)

Em relação a esse momento da pregação, relembramos Aristóteles quando afirma que "é, sobretudo digno de compaixão o fato de serem honestas as pessoas que estão em tais circunstâncias, pois todos esses fatos, por parecerem próximos, avivam nossa compaixão, uma vez que o infortúnio é imerecido e aparece diante de nossos olhos."

Observamos no quadro acima que, prosodicamente, o orador insere a qualidade de voz de irritabilidade, de agitação e nervosismo contra a figura do "encardido", termo o qual sempre utiliza em suas pregações ao se referir ao demônio, o qual define como aquele que se encardiu, que apresente sinais de sujeira através dos pecados, de honestidade suspeitosa, que pleno de pecado, que aparenta feiúra e que, portanto, está distante das coisas de Deus. Padre Léo declara que a única coisa que não perdemos na vida, se tivermos Jesus, é a fé.

Ele afirma categoricamente que essa, ‘ninguém tira’ porque é legitimada por Deus e, portanto, nem o Demônio, contrário à vontade de Deus, pode tirá-la das pessoas. Para corroborar este argumento, o sacerdote faz uso da prosódia, quando eleva consideravelmente o nível de volume de voz (linhas verdes), de 63.02dB no início da frase destacada para 72.3dB quando profere a palavra “encardido”. A atitude do falante é revelada pela tessitura em níveis ainda mais graves (linhas azuis) indicando maior autoridade, contestação do orador ao que prega, em profunda exaltação, pois, para o sacerdote, não há nada que possa abalar a fé em Deus, nem sequer o opositor, chamado por ele de “encardido”. Há um profundo apelo ao *pathos*, que suscita no auditório a *paixão do temor e confiança*; sendo que o *temor* é o desgosto ou preocupação resultante da suposição de um mal iminente, ou danoso, ou penoso; e, *confiança*, é o distanciamento do temível e a proximidade dos meios de salvação (ARISTÓTELES, 2003, p. 31 e 33).

Percebemos, principalmente ao final de sua pregação, na peroração, que o auditório aprova o pregador, quando cumpre o pedido feito pelo sacerdote para que fechem os olhos, façam um profundo silêncio e orem junto com ele, motivados pela reflexão disposta durante toda a pregação e que suscitou paixões entre os ouvintes. Padre Léo vai encerrando sua pregação e convida seu auditório a recapitular todos os ensinamentos discorridos por ele, agora em forma de oração, como se todos, inclusive o pregador, assumissem um diálogo com Deus, na tentativa de serem atendidos, caso obedecessem ao propósito da pregação, que é o de “buscar as coisas do alto”:

> [...] pára agora e pense comigo...pode até fechar os olhos um pouqui::m...cê que tá em ca::as... aqui...nesse espaço sagra::do...( ) que área da minha vida eu preci::so... botá o carim::bo...do céu?...i::sso.. faiz um momentim de silêncio..olha que bonito... nem parece que são milhares de pessoas, obrigado senhor... e peça (assim) Espírito Santo... vem e socorra a minha fraqueza.... dá-me a graça de carimbá a minha vida inTEIra... com as coisas do alto... eu cansei...dessas coisas da terra...eu cansei do pecado...vem e socorra minha fraqueza[...] (PADRE LÉO, 2006) (38:12).

É nessa pronunciação de seu discurso a qual chamamos de *actio*, que o pregador emociona, impressiona, persuade. Revestido pela autoridade que compete a um sacerdote e imbuído de profunda comoção, Padre Léo constrói seu discurso falando em nome de um “ser superior”, fundamentando todos os relatos de vida com passagens bíblicas, fazendo um paralelo entre a Sagrada Escritura e os acontecimentos experimentados por ele, naquele momento.

A voz de Deus permeia sua voz, inclusive fazendo com que Padre Léo fale em Seu Nome, sendo considerado apenas o agente religioso transmissor da Palavra de Deus.

Dessa forma, o líder religioso busca conferir maior credibilidade ao que diz, pois demonstra não falar por ele, mas sim em nome de um ser imaterial, dotado de verdade.

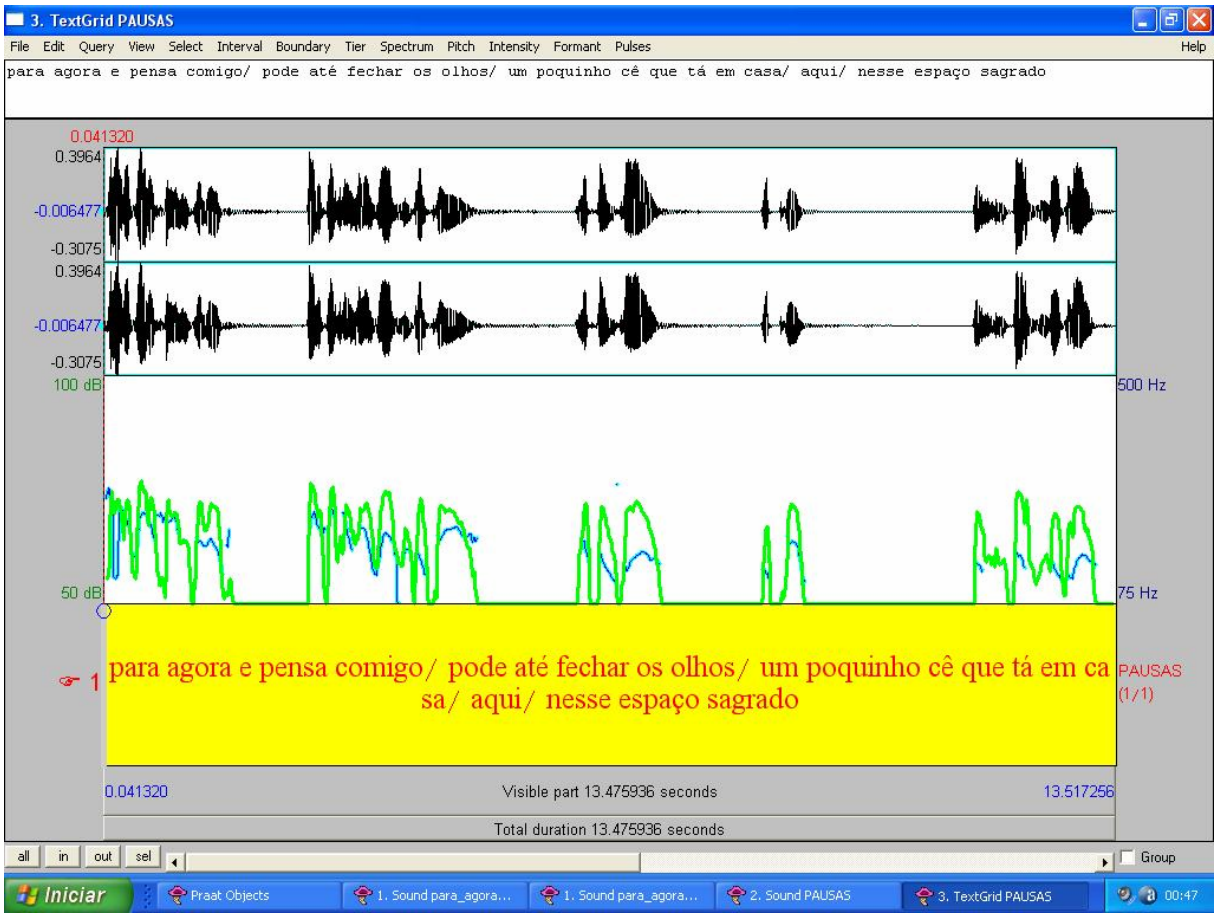

Figura 5 – Momento de oração – pausas (38:12)

Como vimos anteriormente, o orador, Padre Léo, se coloca no plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o auditório, por sua vez, no plano temporal (os sujeitos, Homens). Assim, Padre Léo e o auditório pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas pelo valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o real, mas o mundo real pode aproximar-se do mundo espiritual a partir das escolhas feitas pelo auditório, agora persuadido pela pregação.

A partir desse momento, ele convida seu auditório a seguir com ele o caminho ao plano espiritual, realizando uma oração de súplica a Deus, para que todos sejam salvos, ao buscarem as coisas do alto. É uma oração com qualidade de voz aveludada, singela, com profundo paternalismo, em atitude de cuidado e proteção àqueles que acompanham a oração.

Sabemos que, consoante Cagliari (1992, p. 142), a pausa tem uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar durante a fala, em momentos oportunos. Na

figura cinco (5) podemos observar que o orador faz uso de períodos de pausa, no intuito de segmentar a fala, reforçando o significado literal do que está dizendo. Esse recurso lhe permite levar o auditório a deixar de lado outras interpretações possíveis e, assim, acompanhá-lo em sua oração a Deus. Observamos pausas longas, de até 3 segundos, representando a atitude do falante no desejo de reforçar o valor de sua autoridade e do que diz.

A *pausa* pode também servir para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida, preparando o auditório para a aproximação do plano temporal ao plano espiritual. Nesse excerto, o *volume* se mantém em níveis mais baixos, assinalando o respeito pelo momento conduzido pelo orador, persuadindo seu auditório a orar junto com ele, enquanto que a *tessitura* é utilizada em níveis graves, decrescendo continuamente, usada pelo orador com vistas a prender a atenção de seu auditório.

Caracterizamos a tendência dessa pregação de Padre Léo à não reversibilidade. O orador não pode ocupar o lugar de Deus. Há regras estritas no procedimento com que o representante se aproprie da voz de Deus: a relação de representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias. Padre Léo então transmite suas palavras a Deus, mas não se confunde com Ele.

O sacerdote busca fazer a conjunção do que é terrestre com o sobrenatural. Ele transforma o estatuto do real. O orador se impõe como alguém unido a Deus, ligado a duas ordens diferentes da realidade: a humana e a divina. Entre o humano e o divino mantém-se uma distância que a ação ritual permite que venha a ser transposta sem que venha a ser abolida.

O orador declara várias vezes, em sua pregação, que é Deus quem realiza todas as coisas em sua vida e na de todos os seus ouvintes. Ele constrói o argumento de que para o que crer em Deus, nada será impossível, pois através do divino, tudo que for planejado, poderá ser aceito e realizado por Deus. Sugere então, diante dessa afirmação, a exclusão daquele que se negar a esse estado ou processo mental de acreditar em Deus e em seus princípios. Se crer, a pessoa será salva e o seu contrário acarretará em morte física e espiritual.

Mais uma vez, vislumbramos, neste trecho, a paixão do temor e da confiança, citados em parágrafo anterior.

Vejamos que, numa análise prosódica, o orador busca conferir ainda maior veracidade ao que fala, ao fazer uso dos os elementos suprassegmentais, corroborando a persuasão, como veremos no trecho a seguir.

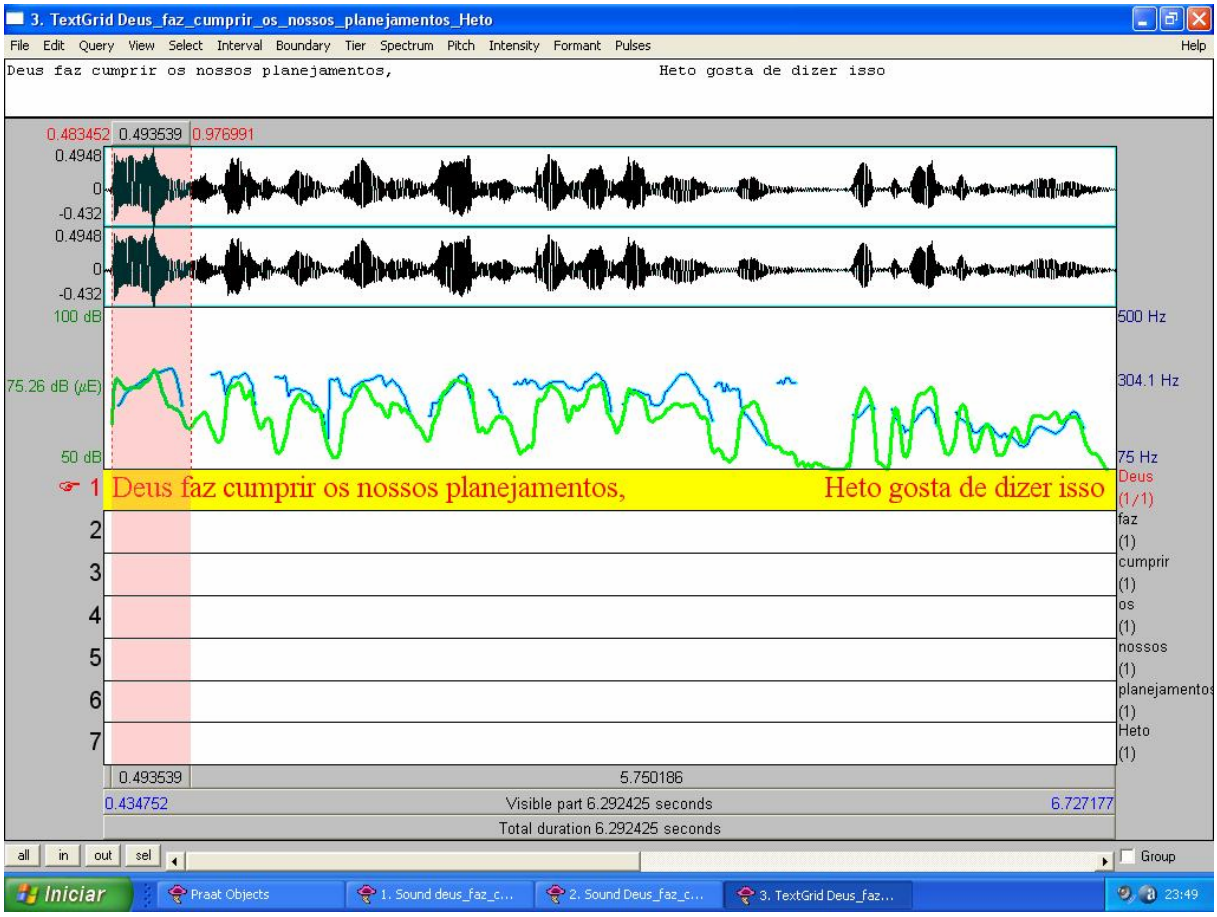

Figura 6 – A pessoa e seus atos (argumento baseado na estrutura do real) (09:32)

No excerto, prosodicamente analisado acima, há um prolongamento da sílaba /de/ da palavra Deus, destacada em rosa, apresentando-nos um aumento da *duração* no sentido positivo da palavra que vai ser anunciada. É Deus quem merece reconhecimento quando há a realização dos planejamentos, segundo o orador profere. Se é essa a afirmação que Padre Léo quer que prevaleça, então, ele aumenta o *volume* da palavra Deus, no início em 75.26dB aumentando para 77.20db em seu término, para que o auditório seja ainda mais alertado sobre quem é que realiza todo o plano de vida dos fiéis. O orador também faz uso de *tessitura* mais grave para inserir a digressão, como um desvio do assunto sobre o qual se fala, inserindo novas alusões para enriquecer sua pregação.

Percebemos uma *pausa* ao término da expressão “Deus faz cumprir os nossos planejamentos”, em que Padre Léo reestrutura a produção de sua fala, usando a pausa como hesitação, demonstrando a atitude do falante em impressionar seu auditório com a referência que fará a seguir.

O orador constrói seu argumento baseando-se na estrutura do real, quando pretende confirmar essa premissa de que ‘Deus faz cumprir nossos planejamentos’, inserindo

outro nome que sugere autoridade, em menção a um dos fundadores da Canção Nova, chamado Eto, conhecido e respeitado pelo auditório particular por ser o responsável administrativo e financeiro daquela comunidade religiosa. Eto vem conseguindo manter financeiramente a comunidade religiosa através de doações dos fiéis, sendo considerado, portanto, um administrador que dá indícios de êxito em seus propósitos, pois são alicerçados pelo "gosto de dizer" que é Deus quem cumpre os seus planejamentos. Padre Léo faz uso dessa personalidade reafirmando sua frase proferida, persuadindo seu auditório, através desse exemplo, de que é possível planejar qualquer situação e conseguir a realização desses projetos a partir da fé em Deus.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), a argumentação é acima de tudo uma ação: de um indivíduo (orador) sobre outro indivíduo (auditório), com o objetivo de desencadear uma ação (adesão). Nessa perspectiva dos autores e analisando a pregação, vimos que existe a preocupação do sacerdote em proferir seu discurso não somente para aquele auditório particular presente na Comunidade Canção Nova, mas também para o auditório que o acompanhava pela rede nacional de televisão. O orador sabe que seu auditório não é totalmente particular (pois a pregação foi também transmitida em rede nacional, o que sugere maior alcance de um auditório ainda não persuadido, porém 'curioso') e que seu objetivo é persuadir, obtendo a adesão de todo ser racional e não constituído de um apelo à ação imediata.

Sendo assim, ele faz adaptações ao auditório, ordenando seus argumentos, levando em conta os fatores suscetíveis de favorecimento à acolhida pelos ouvintes. O sacerdote organiza seu discurso em grande parte, no desejo de ressaltar novas premissas, de atribuir presença a certos elementos a fim de envolver todos os ouvintes:

> Eu disse logo no início da minha enfermidade...pra todos aqueles...que se aproximaram de mim..."eu não quero perder um minuto dessa doença...eu quero aprender TU::do que Deus tem pra mi ensiná...porque que vei essa doença eu num sei...mas pra quê eu sei...é pa fortalecê a minha fé:::é pra eu seja um sacerdote mais san::to (por)que eu não estava sendo((aplausos))...é pra que eu possa assumir o Ministé::rio que Deus deu para mim::...com ua/ força muito maior...é pra eu tivesse absoluta certeza -- ontem eu fiz dezesseis anos de padre -- pa Deus deixa bem claro no meu coração ... ((aplausos)) "...ago:::ra...você não se pertence mais...você é da Bethânia...você é da Canção Nova...você é da Igreja...sua vida tem que sê gasta Leo[...] (PADRE LÉO, 2006) (17:53)

Outro ponto considerado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), no que concerne forma persuasiva que leva à adesão, aceitação tácita dos argumentos, é aquele relativo à ideia de *presença*. Aqui, essa presença é também a capacidade de manter vivos para

a consciência certos elementos (objetos, pessoas, emoções – reais ou não), mesmo que não haja qualquer base calcada em demonstrações formais ou provas.

> [...] então eu ti::nha que vir nesse Hosana...mas eu tinha que vir aqui também...pra. testemunhar..ua/ gratidão profun::da...a três pessoas::três pesso::as...qui::...se já ocupavam um lugar de destaque no meu coração::...esse ano intão...(evidencia::ram-se)...denda/ minha alma...Padre Jô::nas... Eto...e Luzia... ((aplausos e gritos))...eu Tinha que vir agradecê-los ((aplausos e gritos)) (PADRE LÉO, 2004) (12:40)

Se desde a Antiguidade já havia a preocupação com a arte de bem falar, que se tornava mais presente à medida que as cidades-estados gregas estruturavam-se em termos políticos e sociais, ainda hoje percebemos a influência e a preocupação dos oradores em lapidar a forma de seus discursos, adequando e vislumbrando a persuasão.

Para persuadir é necessário dizer o bem, que Quintiliano chamava de *scientia bene dicendi*. O dizer no texto oral religioso instaura um compromisso ético e moral.

Em seu discurso, Padre Léo se coloca como um subalterno do plano espiritual, como um veículo decifrador de alguns conceitos e ideias. O ponto de aproximação e convergência do discurso é o da busca por exemplificação de uma ideia, ou melhor, um modelo correto de normas que norteiem a existência e elevem o padrão moral. A aceitação dos conselhos se ancora na caminhada conjunta. Nota-se, assim, que o discurso de Padre Léo consiste em um sistema de técnicas detalhadas, as quais identificamos como modalidades argumentativo-persuasivas e que, corroboradas pelos elementos prosódicos, são constitutivas deste discurso.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997) demonstram o papel desempenhado por certas operações verbais relacionadas ao processo argumentativo. Os autores propõem algumas modalidades argumentativo-persuasivas, dentre as quais se destaca a *modalidade assertiva* – a que melhor se adapta a toda argumentação, pois impede a discussão sobre o que foi dito –, a qual encontramos na caracterização do gênero *pregação*, devido ao fato de ela não poder ser refutada no momento de sua pronunciação. Além dessa modalidade, os autores teorizam sobre a *modalidade injuntiva*, representada linguisticamente pelo uso do imperativo, que traz em si forte valor persuasivo.

No que tange ao uso do imperativo, vemos que no título desse discurso oral religioso, repetido por dezoito vezes durante a pregação: “Buscai as coisas do alto”, o verbo buscar é conjugado na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo (buscai vós) e que o pregador persuade através do aconselhamento de que só seremos salvos se atendermos a esse propósito reafirmado na construção verbal e que caracteriza a força impositiva de Padre Léo,

pessoa que dá a ordem. Por último, temos a *modalidade interrogativa*, que é identificada em "Quer ser feliz? Buscai as coisas do alto", em que o orador procura conduzir o auditório pelos processos persuasivos a aderir às suas ideias.

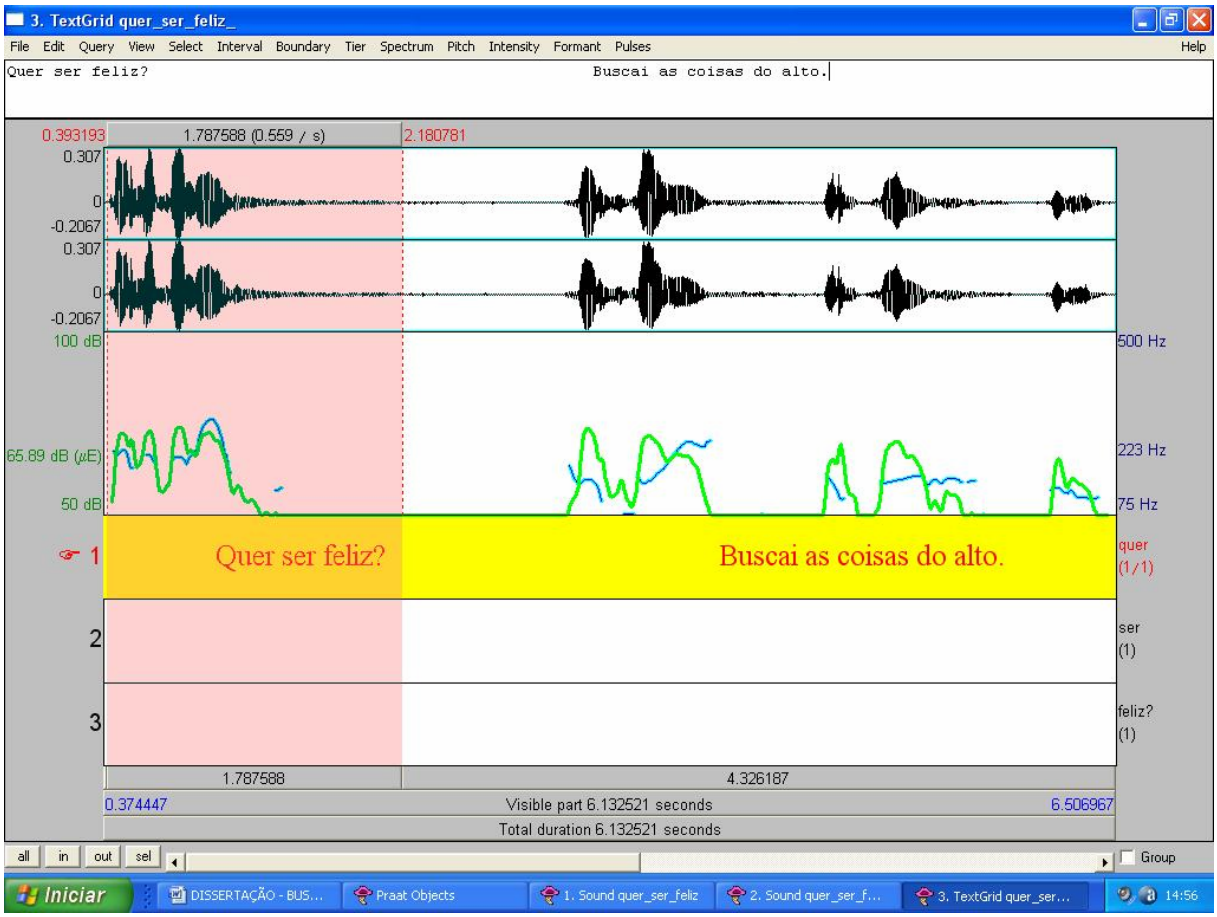

Figura 7 – Modalidade argumentativo-persuasiva (05:24)

Notamos, no quadro acima, que, através da modalidade interrogativa, o orador questiona seu auditório acerca daquilo que dificilmente terá como resposta a negação. Ele induz a aceitação do auditório de forma a produz o efeito desejado para inserir o preceito que move toda a sua pregação: a frase subsequente – "buscai as coisas do alto". Não há outra resposta senão o sim. Para o sacerdote, nenhum ouvinte poderia recusar a proposta primeira de ser feliz em detrimento de qualquer outro argumento. Sucede que o orador insere uma pausa em sua fala, no momento do questionamento, para que seu auditório tenha tempo suficiente para respondê-la afirmativa e mentalmente. Sabemos que a pausa tem a função de chamar a atenção do auditório para o que se vai dizer em seguida, fazendo valer a autoridade do falante, que quer impressionar o interlocutor com a resposta que será explicitada a seguir. Parece-nos clara a intenção do orador em fazer com que o auditório, a partir da pausa, possa

se perguntar, mesmo que mentalmente “o que fazer” para ser feliz. E assim, ele anuncia a resposta que mais prevalece em todo seu discurso: basta “buscar as coisas do alto”.

Para melhor comprovamos esse efeito prosódico na construção da argumentação, analisamos os níveis de volume e tessitura que praticamente se equivalem tanto quanto são acrescidos como decrescidos. Destacamos no quadro com a cor rosa, a frase “quer ser feliz?” no intuito da analisar a escolha da modalidade interrogativa corroborada pela prosódia, a partir dos elementos de volume e tessitura. Quanto ao *volume*, o orador sinaliza autoridade, aumentando a pronúncia da palavra /feliz/ na sílaba tônica /liz/, e confere à ela a qualidade de voz irônica, de quem possa duvidar de resposta contrária. Ele aumenta o volume inicial de 60.03dB (linhas verdes) para 63.07dB em /liz/, sílaba mais forte pronunciada pelo orador. Níveis mais agudos de *tessitura* (67.09dB) sinalizam, como no caso analisado (linhas azuis), a exaltação do orador ao proferir a palavra /feliz/, pois sugere que ele realmente não quer ser contrariado ou interromper seu raciocínio, a fim de persuadir seus interlocutores, sobre o tópico principal que será exposto na frase seguinte.

É o pregador quem escolhe quais argumentos irá usar em seu discurso de acordo com a força que pretende designar a cada ideia proferida. É necessário, portanto, classificarmos os argumentos que constroem esse discurso. São eles: os quase-lógicos, os baseados na estrutura do real e os que fundam a estrutura do real.

A respeito dessa “sobreposição de argumentos”, Reboul (2004, p. 164) afirma que “em se tratando de análises, para um melhor efeito prático e efetivo da argumentação, há de se considerar que a argumentação se caracteriza por uma intervenção constante entre todos os seus elementos”.

Convém analisar a partir da afirmação acima a estrutura dos argumentos isoladamente. Esse modo de proceder, indispensável na maior aproximação ao *corpus* selecionado, nos obrigará a separar partes integrantes de um mesmo discurso e que constituem uma única argumentação em conjunto. Para discernir sobre esse esquema argumentativo, somos obrigados a interpretar as palavras do pregador em questão, suprindo elos faltantes, o que nunca deixa de apresentar riscos, pois, percebemos que simultaneamente, podem ocorrer mais de uma forma de conceber a estrutura de um argumento.

Começaremos por analisar o argumento do tipo quase-lógico, aquele “que pretende certa força de convicção e o qual convém colocar em evidência o esquema formal que permite tornar o argumento comparável, semelhante, homogêneo”, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997).

Na pregação selecionada, identificamos o *argumento pelo sacrifício*, do tipo quase-lógico, que é utilizado com mais frequência para alegar o sacrifício a que o orador está disposto a se sujeitar para obter o resultado de sua argumentação.

Apesar de demonstrar suas limitações, Padre Léo argumenta que vem enfrentando o tratamento contra o câncer, não questionando o motivo pelo qual essa doença o acometeu, mas sim, alegando já haver identificado o objetivo dessa doença em sua vida. Instaura um discurso apelativo, testemunhando ao auditório o quanto de sofrimento pode ser suportado por um ser humano, porém, escolhido de Deus, revelando seu maior prestígio. Ele relata que sabe quais são esses objetivos e que pretende suportar os sofrimentos causados pelos efeitos colaterais do tratamento para alcançar o propósito entendido por ele. Percebe-se então, através da construção desse argumento, que o orador sabe que é ele mesmo quem fixou os limites para seus próprios esforços, mas também legitima que pretende superá-los se conseguir alcançar 'as coisas de Deus' e, aí, demonstra o argumento de sacrifício:

> [...] eu não quero perder um minuto dessa doença... eu quero aprender tudo que Deus tem pra mi ensina...porque que vei essa doença eu num sei...mas pra quê eu sei...é pa fortalecê a minha fé:::é pra eu seja um sacerdote mais santo (por)que eu não estava sendo((aplausos))...é pra que eu possa assumir o Ministé::rio que Deus deu para mim::...com ua/ força muito maior... (18:01)

Na argumentação pelo sacrifício, este deve medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício. E é esse o argumento que Padre Léo afirma na citação acima. Ele induz seu auditório a acreditar que a partir do sacrifício da experiência do câncer, ele terá maior valor como ser humano, como sacerdote, como aquele que busca as coisas do alto e que, portanto, será salvo por Deus.

A ausência desse sacrifício serviria para medir a pouca importância concedida a uma coisa que se pretende afirmar. Quanto maior o sacrifício suportado pela fé, mais salvação, sugere o pregador. Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 282), "quanto maior o sacrifício, mais o argumento impressiona".

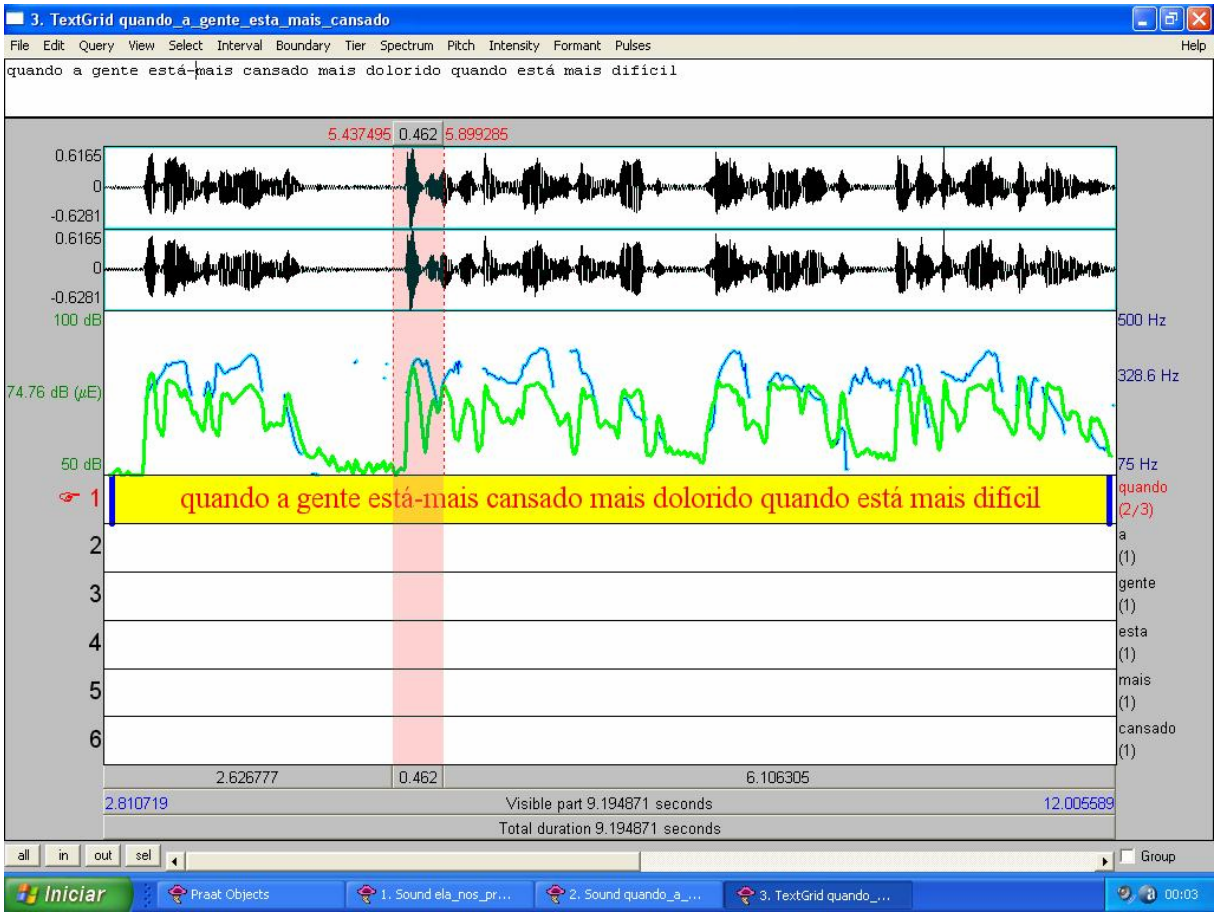

Figura 8 – Argumentação pelo sacrifício (11:44)

No trecho destacado em cor amarela, o orador instaura em seu discurso a força persuasiva através do sacrifício, para que suscite em seu auditório ainda mais a compaixão. Para reforçar esse intuito, ele eleva a tessitura em níveis graves a 75.78dB, chegando a atingir 78.03dB em di/FÍ/cil (linhas azuis). Há um nível de exaltação elevada, comprovada pela análise da tessitura e legitimado pela altura do volume, que atinge 78.05dB em /estÁ-Mais/, (destacado no quadro em cor rosa) quando o orador busca equiparar todos os sacrifícios para superar suas limitações. Ele cria um paralelismo em “mais cansado, mais dolorido, mais difícil” encadeando os sofrimentos, com qualidade de voz chorosa, corroborando a persuasão por meio do sacrifício.

Há, em outro momento da pregação, um relato comovente do tempo de dor do sacerdote quando esteve internado. Ele argumenta que, orientado pelos médicos, poderia acionar uma “máquina conectada à sua veia” que liberaria morfina e esta aliviaria a sua dor. Ele relata, então, que essa experiência o aproximou ainda mais de Deus, pois aceitou o propósito de buscar as coisas do alto e todas as provações vinculadas a esse processo. Assim, registra sua súplica e relata ao auditório que a dor física foi superada acionando ‘cento e vinte

e nove vezes' a referida máquina. Entretanto, para superar a dor na alma, sacrificada pela angústia, pela tristeza e pela fragilidade, recorreu ao que ele chama de "suspiro da alma", o único caminho que o levaria à salvação: Jesus.

> [...] ligaro na minha veia...ua/ maquininha... e aquela máquina era ligada um ...saco plástico cheio de morfi::na...intão me falaro cada veiz que doe você aperta...aí:: o médico depois vei vê e aquela máquina lá é de computadô...não tem jeito de engana eles... eu tinha apertado... cento e vinte e nove vezes... ((risos)) num passava a dor...morfina num passava a dor...nessa hora é o suspiro da alma que diz...Jesus... Jesus... Jesus...cê num consegue nem terminá Jesus tem piedade de mim...((aplausos)) Jesus... ((aplausos)). (PADRE LÉO, 2006) (21:06)

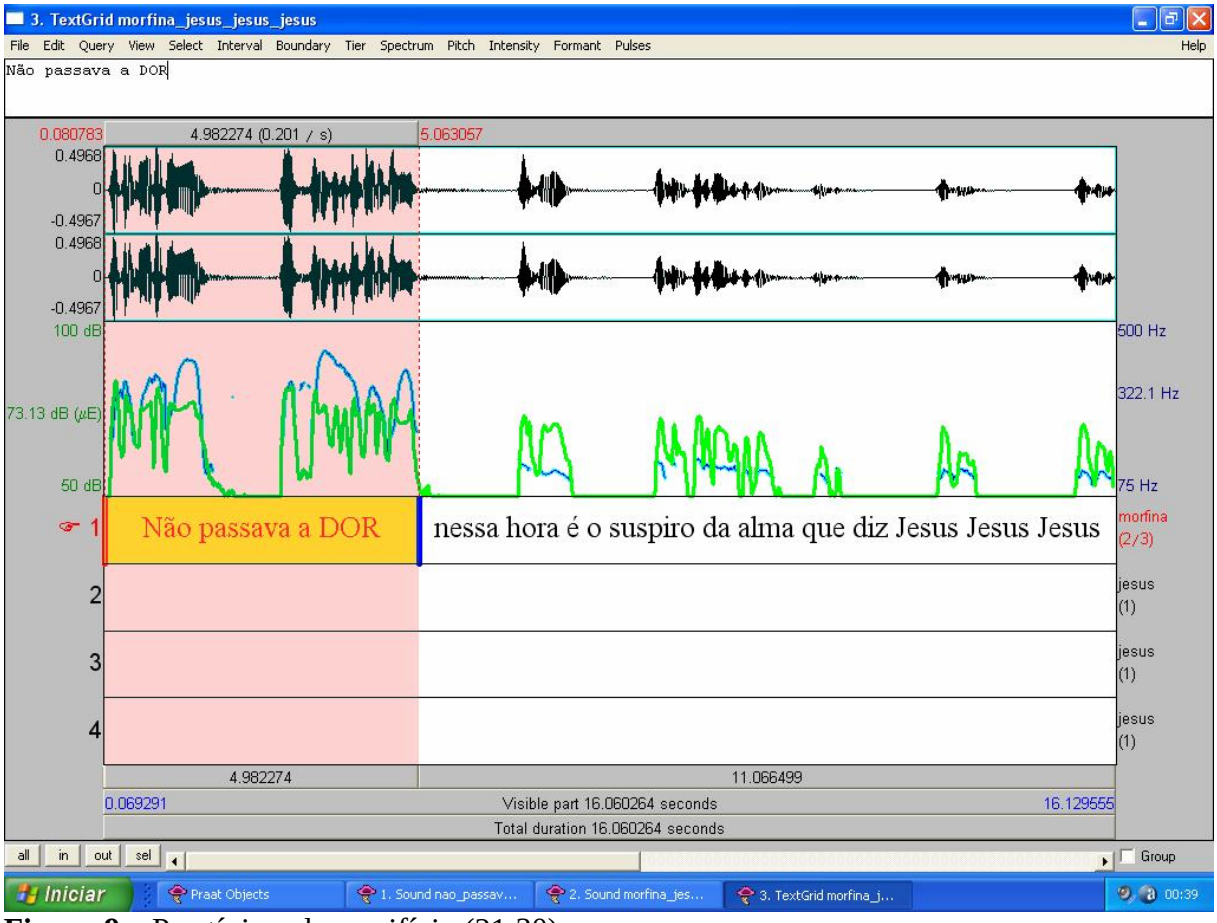

Figura 9 – Prestígio pelo sacrifício (21:30)

Constrói mais uma vez a sua argumentação através do argumento de sacrifício, aumenta seu prestígio em relação ao auditório e conduz sua pregação em circunstâncias mais apelativas, mais emotivas, buscando seu objetivo principal, que é persuadir seus ouvintes a fazer como ele.

Faz-se necessária aqui a análise prosódica sobre o argumento de sacrifício no trecho destacado acima, pois o orador insere níveis muito elevados de *volume*, semelhante a gritos, quando quer mostrar significado de profunda indignação ao relatar que até a morfina, substância usada no tratamento sintomático da dor, não era suficiente para aliviar seu sofrimento. Vemos, no quadro em linhas verdes, a elevação de volume a 75.14dB, quando insere a palavra /morFIna/ e em seguida, eleva novamente a 73.13dB quando pronuncia /dOr/. Reduz o volume a 40.04dB quando após pausa de 3 segundos a frase "nessa hora é o suspiro da alma que diz". Verificamos também a ocorrência de repetição retórica da palavra Jesus, por três vezes, a fim de enfatizá-la, contribuindo ainda mais a percepção do efeito das pausas, objetivando a persuasão. O orador persuade seu auditório a crer que se a morfina não produz alívio das dores físicas, Jesus passa a ser o 'suspiro da alma'. A partir das pausas, podemos observar as fronteiras entre as palavras, mesmo que repetidas (Jesus), indicando a atitude do falante em impressionar os seus interlocutores, reforçando ainda mais valor ao que ele diz. Percebemos que o orador mantém uma qualidade de sua voz bem aveludada ao proferir a palavra /Jesus/, de forma que o auditório compara a pronunciação de /Jesus, Jesus, Jesus/ à pulsação do coração, como se legitimasse a premissa de que só há vida em Jesus, segundo Padre Léo.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997 – p. 284) teorizam que "a concepção que se faz de um mesmo sacrifício pode, na prática, ser muito diferente conforme as conclusões que dele se quer tirar." Vejamos esse trecho da pregação:

> [...] das muitas graças que eu tive... --e eu tive muitas graças com o câncer...até pensei em escrever um livro "As graças que o câncer me deu"...mas achei que muita gente num ia entendê...achando que eu quisesse fazê graça...mas não era de engraçado...era cheio dessa graça [...]. (13:15)

Percebe-se que, nesse momento, o orador quer suscitar em seu auditório a ideia de que, através do sacrifício de enfrentar uma enfermidade, pode-se colher muitos ensinamentos, muitas experiências enriquecedoras, mostrando o lado "positivo" de uma enfermidade. Porém, ele também sabe que se pode sofrer muito, portanto, mesmo tentando persuadir pelo argumento de sacrifício, ele pondera que muitas pessoas não o entenderiam, justamente pela argumentação dos teóricos da argumentação citados acima. Para cada interpretação, há duas ou mais possibilidades que se contradizem. Estamos no nível da argumentação quase-lógica porque o termo de referência não constitui uma grandeza fixa, mas está em interação constante com outros elementos. Podemos aplicar esse argumento

quase-lógico do sacrifício a todo campo das relações de meio com fim, sendo o meio um sacrifício, um esforço, um sofrimento e o fim, aqui, seria a persuasão.

Exploraremos a partir daqui os argumentos baseados na estrutura do real, que segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 297) são aqueles que se valem da realidade para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover.

Dentre os argumentos baseados na estrutura do real, os autores denominam como argumento pragmático "aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis" (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1997, p. 303).

Se buscarmos, no *corpus* selecionado, a conceituação acima, veremos que o argumento pragmático aparece em quase toda a pregação, visto que Padre Léo constrói o seu discurso conduzindo seu auditório a crer que mesmo em meio a tanto sofrimento gerado por sua enfermidade, pode-se experimentar a misericórdia divina, a partir de sua resignação, esperança e fé. Ele também faz apreciação sobre as escolhas que cada um de seus ouvintes pode fazer em relação a atitudes positivas ou negativas. Ele metaforiza sobre "carimbos do céu" ou "carimbos da terra", argumentando que, para cada ação positiva em nossa vida, colheremos efeitos positivos, assim como o contrário também ocorrerá.

O argumento pragmático, que permite apreciar uma coisa consoante suas consequências, presentes ou futuras, tem uma importância direta para a ação. Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificação. O orador atribui a imagem dos carimbos às marcas que deixamos em nosso corpo, assim como as marcas da alma. Ele afirma que, para cada ação, pensamento ou palavra, temos sempre como consequência, o juízo semelhante à causa.

A ligação entre uma causa e suas consequências pode ser percebida com tanta acuidade que uma transferência emotiva imediata, não explicitada, opera-se desta para aquelas, de tal modo que se acredita prezar alguma coisa por seu valor próprio, ao passo que são as consequências que, na realidade, importam.

> [...] o dia que nós::... nascemos...nós ganhamos dois carim::bos...um tá escrito assim...céu...entre parentis...coisas do al::to...no outro tá escrito assim inferno...entre parentis... coisas da terra... coisas terrenais...esses dois carimbo que você tem eu tenho... chega uma hora na vida que você será chamado a carimbá [...]. (25:01)

A partir do trecho citado acima, o sacerdote conduzirá sua argumentação, explicando que, consequentemente às nossas atitudes, teremos marcado em nós um dos dois carimbos. Ele comenta então acerca das reflexões que devemos fazer muito antes de falar,

agir, omitir, pois para cada um desses verbos, há um efeito em nossas próprias vidas. Assim, pela ‘simplicidade aparente’, o pregador tenta persuadir seu auditório a respeito da ideia de que aquele que aceitar os preceitos explicitados por ele, temendo aos atos conseguintes, cumprirá os desejos do ser maior, que é Deus; e, além disso, Deus sempre esperará por este momento para que possa realizar em nossas vidas a sua maior ação: a salvação. Contudo, toda a afirmação anterior, substituída pela negação da premissa, terá efeito semelhante.

> [...] o dinheiro por exemplo...será que cê pode pegá o dinheiro que cê ganha... e até o jeito que ganha esse dinheiro... e colocá o carimbo... do céu?... você precisa... transformá o seu dinheiro de uma forma tal...que ele possa recebê o carimbo do-céu...porque senão ele ti leva pa o outro carimbo lá.... eu num vô falá muito do outro carimbo não... ((risos)) ((aplausos)) dá ibope pó encardido não né?... ele é danado ele qué que a gente fala... aqui prele/ ó ((gesticula)) ((aplausos e risos)) ele é dana::do...ele ...ele proveita que cê tá falan{} ãh?... ele sempre dá um jeitim de se infiltrá ali né?...ah::danado...num veim não...cê pode colocá o carimbo do céu... ou se o dinheiro é sujo...é desonesto...o uso que cê faiz do seu dinheiro...pode recebê o carimbo do céu...das coi::sas do al::to...ou... tem que pô aquele ou::tro carimbo...só voCÊ:: pode fazer essa escolha...só voCÊ:: pode carimbá-lo [...] (PADRE LÉO, 2004). (26:03)

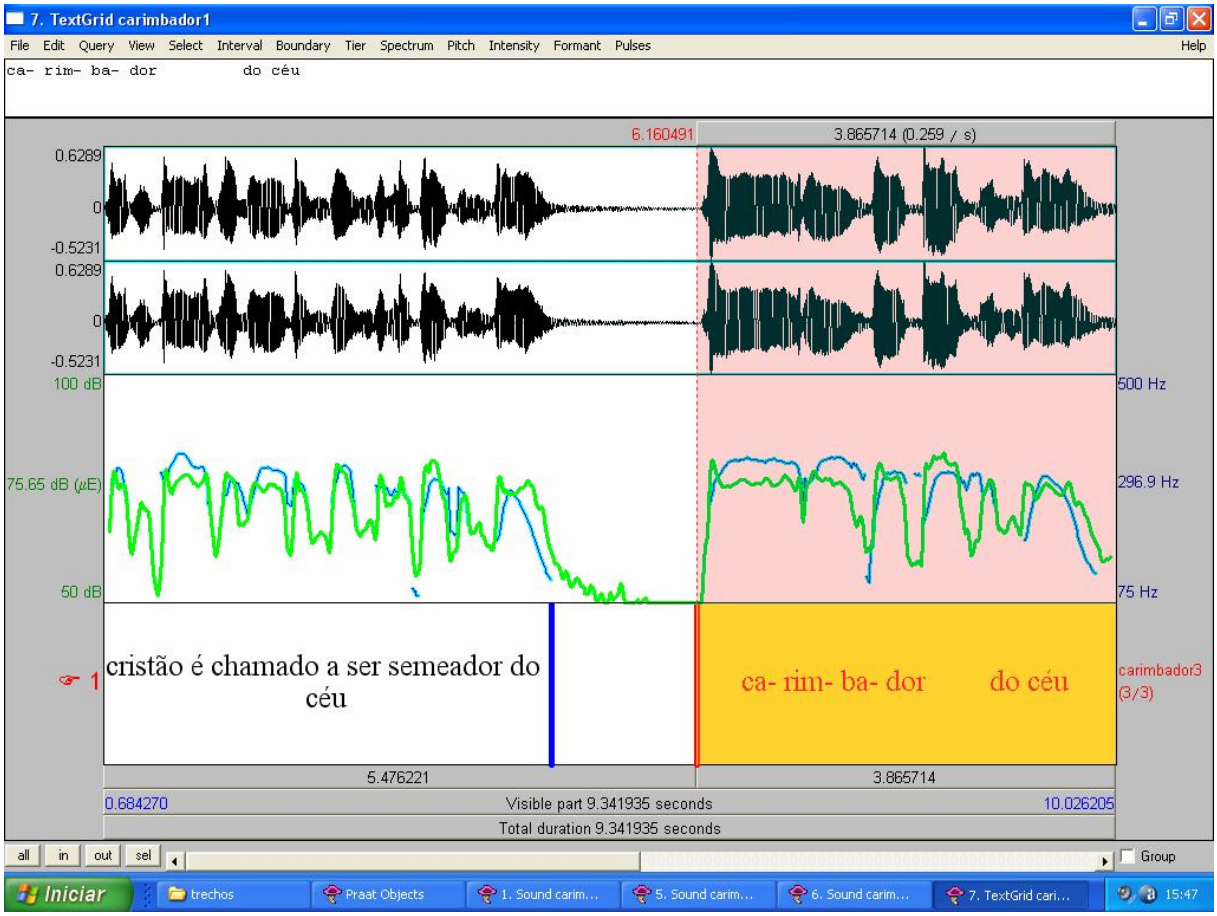

Figura 10 – Argumentação pragmática. (28:30)

Vimos que, no quadro acima, há uma importante contribuição prosódica no que diz respeito à elevação do volume no intuito de sinalizar autoridade, persuasão e exaltação. O orador grita em volumes elevados no trecho destacado em amarelo quando profere “caRIMBAdor do céu”. Há elevação de *volume* a 75.65dB, (linhas verdes) o que configura sua necessidade de reforçar o que estava sendo dito, em alusão até mesmo ao fato do significado de ‘carimbo’ como algo que marca, autentica e identifica uma ideia, como no caso em questão. O orador enaltece o convite a todos os cristãos, aumentando a *duração* (3 segundos) da pronúncia da palavra /ca-rim-ba-dor/ conferindo à ela o sentido positivo que pretende conferir ao seu auditório. Verificamos que a *tessitura* também se apresenta em níveis mais elevados (agudos) a 77.02dB, legitimando a exaltação do orador sobre o argumento a persuadir. A persuasão aqui é corroborada pelos elementos prosódicos, uma vez que eles conferem ainda maior destaque ao argumento revelado.

O fato de considerar ou não uma conduta como um meio de alcançar um fim pode acarretar as mais importantes consequências e pode, portanto, por essa razão, constituir o objeto essencial de uma argumentação. Se Padre Léo considera que ele próprio busca as coisas do alto e reafirma isso através de suas vivências, então, ele registra ao auditório a importância de todos cumprirem também aquilo que ele prega. Ele afirma, de forma generalizada, que todos os cristãos receberam, quando nasceram, um convite a pertencerem a Deus (como ele), o que exclui, portanto, todos aqueles que, por ora, não sejam cristãos. Mais uma vez, ele insere no discurso o argumento de que para ser salvo, há que se pertencer a Deus, do contrário, não há salvação.

Por esse raciocínio, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997) discorrem sobre a pessoa e seus atos e afirmam que “a construção da pessoa humana, que se vincula aos atos, é ligada a uma distinção entre o que se considera importante, natural, próprio do ser de quem se fala, e o que se considera transitório, manifestação exterior do sujeito” (p. 334).

Percebe-se que, durante a pregação, Padre Léo ensina um modo de ser ao seu auditório, que pode ser persuadido ou não. Na busca de persuadir, ele insere exemplos, modelos, atitudes, virtudes e princípios a serem seguidos, principalmente por já terem sido comprovados pelas histórias contadas por ele durante seu discurso. Mais uma vez, confirma-se que, para cada argumento, há uma comprovação (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1997). O orador demonstra, através de fatos, o poder que as pessoas têm para transformar suas vidas, modificarem-se, converterem-se, darem as costas ao passado. Se assim o fizessem, terão, de acordo com o orador, mérito, reconhecimento e salvação.

Todos esses dados evidenciam que existem, na argumentação de Pe. Léo, questionamentos que levam o auditório à reflexão pessoal e à auto-avaliação. Isso é feito por meio da condução dos raciocínios do orador, o qual está ciente de que todas as pessoas ali são livres, possuem livre arbítrio, têm o poder de mudar e de se transformar, a possibilidade de serem persuadidas ou de resistirem à persuasão. Por esse motivo, o orador insere inúmeros questionamentos e, por meio deles, faz com que o auditório reflita profundamente, legitimando suas intenções.

> Que coisas do alto são essas que eu to falano?" – "ceis vão escolhê as coisa do encardido ou as coisa do alto?" – "será que ocê pode pegar o seu dinheiro que ocê ganha e até a forma que ocê gasta esse dinheiro, dá de colocá o carimbo do céu ou o carimbo do danado? (PADRE LÉO, 2006) (25:30)

Como sacerdote, o orador possui prestígio diante de um auditório particular, entretanto, nesta pregação, ele o persuade pelo que diz e como diz em seu discurso. Ele o faz da seguinte forma: faz uso de citações bíblicas, menciona pessoas respeitadas e conhecidas por seu auditório, refere-se a parábolas que se relacionam com o que tem a ensinar, aproxima seus relatos a milagres de Jesus e fala, a todo o momento, em nome de Deus.

Sabemos que muitos argumentos são influenciados pelo prestígio. Somos persuadidos pelos argumentos de alguém dependendo das opiniões que temos por essa pessoa, por sua integridade e influência em nosso meio. Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 348) chamam de "*argumento de prestígio ou de autoridade* aquele que utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese." Esse argumento é de extrema importância e em uma argumentação particular não pode ser considerado irrelevante e simplesmente contestá-lo também não convém.

Baseado na estrutura do real, o argumento de autoridade vem completar a argumentação, valorizando (e em algumas situações, desvalorizando) o discurso, conforme coincida ou não com a opinião do auditório.

Para que não haja contestações por parte do auditório, o pregador faz uso desse tipo de argumento para provar o que diz ou de quem diz. Essa autoridade atesta o respeito que cada argumento ou cada pessoa testemunha diante de seu auditório. Assim sendo, o sacerdote em análise também fará uso desse recurso para ainda mais comprovar o objetivo de sua pregação.

As autoridades invocadas, ao longa da pregação, são especificamente reconhecidas pelo auditório e se fossem citadas em outros meios, talvez fossem descartadas como irrelevantes.

Quando o pregador-sacerdote faz citações da Sagrada Escritura e apela para modelos e exemplos (como Deus, Jesus, ou mesmo o exemplo satânico, o qual ele chama de "O Encardido"), ele está construindo o que conceituamos de argumento de autoridade.

Há, nesta pregação, um momento em que o orador relata sua gratidão a três pessoas, conhecidas do auditório, que tanto favoreceram os tempos de tratamento do sacerdote: Padre Jonas, Eto e Luzia. O primeiro é o fundador da Comunidade Canção Nova, rede de evangelização, que possui todos os recursos midiáticos e na qual Padre Léo fazia suas pregações: rádio, televisão e editora. O segundo é o administrador geral da mesma comunidade, tesoureiro e relações públicas de toda a Canção Nova (citado em parágrafo anterior). Eto é também casado com Luzia, a mais conhecida pregadora daquela comunidade, chamada de 'intercessora' pelos fiéis da Canção Nova, por seu poder de oração e aconselhamento. Essas três pessoas testemunharam todo o sofrimento de Padre Léo nesse tempo de silenciamento, o qual é relatado pelo sacerdote em sua pregação e essas três pessoas podem, por sua presença, comprovar ou desaprovar toda a argumentação do sacerdote, perante o auditório. Eles não têm participação alguma no discurso do padre, porém, sabemos que estão presentes, pois o orador se refere a eles como pessoas particularmente capazes da comprovação do que ele diz. Para o sacerdote, são exemplos de compaixão, humildade, solidariedade e fé, citando-os em seu discurso.

> [...] eu tinha que vir nesse Hosana...mas eu tinha que vir aqui também...pra. testemunhar..uma gratidão profu:da...a três pessoas três pessoas...qui::...se já ocupavam um lugar de destaque no meu coração::...esse ano intão...evidenciaram-se...denda/ minha alma...Padre Jô::nas... Eto...e Luzia... ((aplausos e gritos))...eu Tinha que vir agradecê-los ((aplausos e gritos)).....porque::...das mui::tas graças que eu tive- eu tive a graça de ficá doente na casa deles...e desde aquele primei::ro instante...eles me pegaram no colo...eao lon::go desse ano me carregaram...fazendo aquilo que a mina comunida::de...não pudia faze...que a minha própria família...que está qua::se toda aqui-Ziza você também ta aqui viu?..(no meu) coração...minha família não poderia fazer...((emociona-se))...mas eles fizeram...eles me pegaram no colo...me tiraram da morte...por isso eu tinha que vir... grita:: com vocês...Hosana... vitória de Deus! (PADRE LÉO, 2006). (12:30)

Ao assumir para si a imagem de escolhido, Padre Léo insere outros exemplos de argumento de autoridade, visto que o sacerdote é um "autorizado" a fazer o seu discurso.

Em alguns momentos de sua pregação, ele intercala a sua fala com a fala de Jesus, argumentando que a proximidade entre eles existe e que o sacerdote tem consciência de que ele é o eleito pela Divindade para passar momentos de provação física, emocional e espiritual, justamente porque está amparado pela presença de Jesus ou amparado por Deus,

sua força maior. Reboul (2004, p. 177) irá conceituar que “justifica-se uma afirmação baseando-se no valor de seu autor”, porque “se foi ele que disse, pode-se acreditar.”

Ao relatar a experiência de ouvir a voz de Deus, Padre Léo diz que se sente motivado a continuar a sua missão de evangelização e assim, consegue receber os aplausos, comprovando sua argumentação, através da reação do auditório.

> [...] ontem eu fiz dezesseis anos de padre -- pa Deus deixa bem claro no meu coração ... ((aplausos)) “...ago:::ra...você não se pertence mais...você é da Bethânia...você é da Canção Nova...você é da Igreja...sua vida tem que sê gasta Leo... até o fim...mais do que você já gastô na sua doença...ocê com sua doencinha de nada...cê gastô tanto da sua vida... agora ocê tem que gasta sua vida é com a evangelização...é leva:: Jesus... É leva as pessoas a descobrir esse caminho essa força que impulsiona pro alto”... ((aplausos))... e aí eu digo a você meu irmão::... a você minha irmã...se você num se encontrá com Jesus...você vai encontrá essa morte de que eu falava...vossa vida...está escondi::da com Cristo em Deus –expressão bonita né Padre ( )?—vossa vi::da está escondida... com Cristo em Deus...se você quer achar a verdadeira vida ocê tem que achar Jesus... Jesus diz “EU sou a vida... o caminho e a verdade... eu vim pra que todos tenha a vida e que a tenha abundamentente...o Espírito Santo é o Senhor que dá a vida...se eu quero essa vida verdadeira...ô eu me aproximo de Jesus... o eu mi encontro com Jesus...nem que sejá... a partir dessa angústia [...] (PADRE LÉO, 2006). (18:40)

Na citação acima, a voz do sacerdote é legitimada pelo diálogo entre Deus, o Padre e uma pessoa comum, do auditório, que se apresenta no questionamento “expressão bonita não é, padre?”, de um terceiro ser, em meio a essa legitimação do prestígio do Padre em dialogar com Jesus.

Percebemos em outro momento da pregação, que o argumento de autoridade pode instaurar o desejo de substituir o fundamento tradicional da autoridade por um fundamento diferente, o que acarretará, por consequência, uma mudança de autoridade. Tringali (1988, p. 76) aborda a questão do argumento de autoridade e descreve que o orador deve apresentar-se humilde durante o discurso, e que há uma ligação profunda e arraigada entre a vida e o discurso, e que este reflete a vida do orador. Comprovamos, por meio do excerto abaixo que existe uma preocupação do sacerdote em se mostrar humilde e digno de compaixão:

> Todas as outras coisas nos serão tiradas...nós vamo perdê tudo...eu que já num tinha muita coisa perdi quase tudo ao longo desse ano...eu fico cum pena de quem tem muito pa perdê...((risos)) tem que sofrê muito pa perdê tudo! ((gritos e aplausos)) eu tenho dó...((aplausos))...eu já tinha dó de gente feio...ah, agora eu tenho dó pa valê mesmo é de quem num tem Jesus...porque quem num tem Jesus num tem nada... nada... nada... nada... é isso que São Paulo tá falando pra mim e pra você hoje...aproveita essa vida...pa buscá as coisas do alto[...] (PADRE LÉO, 2004) (23:45)

Figura 11 – Repetição. (24:20)

Como já dissemos em parágrafo anterior, o discurso religioso é revestido de autoridade porque nele o pregador-sacerdote fala em nome de Deus, portanto sua fala será revestida de autoridade e, ao auditório, caberá crer que quem fala é, na verdade, a voz de Deus, que autoriza o pregador a anunciar os preceitos divinos e comprovar essa experiência em exemplos e fatos de sua própria vida.

No quadro acima, podemos perceber que em níveis elevados de volume, o sacerdote assume uma qualidade de voz agressiva, que demonstra indignação ao fato questionado ‘porque quem não tem Jesus’, como se inserisse a reprovação à possibilidade de haver alguém naquele auditório que ainda não tivesse experimentado a presença de Jesus em sua vida. Ele eleva consideravelmente o *volume* a 76.58dB (linhas verdes) para inserir em seguida o resultado do questionamento. A *tessitura* se mantém elevada tanto quanto o volume, legitimando o nível grave elevado, utilizando pelo orador em momentos de exaltação marcados pela indignação. Ele, então, repete ‘nada, nada, nada, nada’ para sustentar o seu pensamento por um determinado tempo, imprimindo a imagem de ‘nada’ na mente dos

interlocutores. Dessa forma, ele persuade o auditório em relação à sua mensagem e o auditório se vê envolvido emocionalmente pelo orador.

É através do seu testemunho de vida, alicerçado nos preceitos Divinos, que o sacerdote persuade seu auditório, no que se refere a sua proximidade com Deus, portanto, ele conseguirá a salvação.

> 1“Pra que eu possa assumir o ministério que Deus deu pra mim!” (18:30)
> 2“... mas aí a Palavra diz: “Vossa vida está escondida com Cristo em Deus!”(16:30)
> 3“Tudo que ocê tem, ocê vai perdê! E Jesus disse isso em Bethânia!” (22:31)

Consideramos assim, que através do discurso identificamos os atos do orador e como explicitam Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 361):

> [...] o discurso é a manifestação por excelência da pessoa, quanto porque a interação entre orador e discurso desempenha um papel muito importante na argumentação. Querendo ou não, utilizando ou não pessoalmente ligações do tipo ato-pessoa, o orador se arrisca a ser considerado, pelo ouvinte, vinculado ao seu discurso. Essa interação entre orador e discurso seria inclusive a característica da argumentação, opostamente à demonstração.

Se observarmos que, na pregação em análise há em primeira instância o testemunho de vida do pregador, em contrapartida, há também o discurso proveniente da Igreja Católica e seus dogmas, que nos dão a entender que o orador se constrói também a partir desse discurso religioso, correlacionando experiência de vida com ensinamentos católicos. Mesmo quando o pregador reproduz palavras alheias: “*Deus faz cumprir nossos planejamentos e Eto gosta de dizer isso*”, Padre Léo (2006), tomará para si esse discurso, repetindo o mesmo posicionamento, ainda que seja pelo grau de importância que esses outros discursos lhes concedam. Esses são os discursos que figuram nos argumentos de autoridade.

Ao proferir seu discurso, o pregador inspira confiança e, sem ela, seus ensinamentos não mereceriam crédito algum, pois as ideias por ele explicitadas produzem um efeito em seu auditório, conforme a imagem que ele mesmo construiu de si, em sua pregação. Vimos que, ao testemunhar sua experiência dolorosa em relação ao câncer, ele consegue persuadir seu auditório da ideia de que seus atos, sentimentos e ideias devem conduzir seus ouvintes, a partir daquilo que ele faz e têm bons resultados, a fazerem o mesmo a fim de obterem o mesmo fim.

Nossa análise, a partir daqui, nos conduz a observar, no *corpus* selecionado, os argumentos que fundamentam o real pelo recurso ao caso particular. Esse tipo de argumento desempenha papéis muito variados, como o *exemplo, a ilustração e o modelo*.

A primeira argumentação, o *exemplo*, implica, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 399), "certo desacordo acerca da regra particular que o exemplo é chamado a fundamentar, mas essa argumentação supõe um acordo prévio sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares ou, pelo menos, sobre os efeitos da inércia". Analisando a pregação "Buscai as coisas do alto", encontramos inúmeros exemplos em que o pregador busca persuadir seu auditório a fazer uma reflexão acerca das escolhas pessoais, expostas a partir dos exemplos figurativos, os quais ele chama de "carimbos do céu ou carimbos da Terra". O sacerdote então elenca alguns exemplos cotidianos em que seu auditório deverá eleger se é possível utilizar o carimbo do céu ou o carimbo da Terra:

> [...] o mundão lá fora?... é assim::...o mundão que cê vive que nós vivemo...e o seu relacionamento com as pessoas?... pode recebê o carimbo...do céu?... das coisas do alto?...a sua fala... as palavras que você fala...as piadas que você conta...as músicas que você canta...podem receber o carimbo do céu?...ou você já tá nivelado...por baixo?... as coisas de baixo?...a baixaria...a sujeira...já deixou tomá conta do seu coração?...meu irmão...minha irmã...se você quer de fato cantá a vitória de Deus na sua vida...é preciso clamá Hosana...nos dois sentidos que nós aprendemos hoje...((aplausos))[...] (PADRE LÉO, 2006) (31:11)

Em outro momento, ele, então, insere um exemplo, que pode supor um desacordo acerca da regra particular, porque, ao expô-lo, o sacerdote coloca alguns ouvintes de seu auditório em exclusão, o que significa que, ao exemplificar, todo pregador deve estar atento para tal situação. Vejamos o caso em que o sacerdote ainda comenta sobre "carimbos e marcas" que as pessoas escolhem aplicar em seus corpos, em suas almas, e ele então cita, como exemplo, aqueles que aplicaram tatuagens, criticando negativamente essa atitude, como sendo carimbos da terra:

> [...] todo cristão é chamado a ser semeador do céu...carimbador do céu...em primeiro lugar na sua vida...o seu corpo...eu posso carimbar o meu corpo... do céu...coisas do alto...minha perna são coisas do alto...minhas pernas...meus braços são coisas do alto.. eu uso... pra levá Jesus pras pessoas...pra fazê caridade...pro trabalho honesto...digno... ou eu vou ter que por no meu corpo...igual esses menino e essas menina que gosta de desenhá um monte de ... tranquera pro corpo afora...a tatuage... eu vô tê que tatuá aqui também o carimbo lá de baixo?... das coisas de baixo? (PADRE LÉO, 2006). (28:30)

Percebe-se que ele critica de forma pejorativa aqueles que fizeram tatuagens em seus corpos, como se tivessem escolhido os carimbos da terra, através do termo “tranqueira”, que segundo a gíria popular é tudo aquilo que não tem utilização, que não tem serventia. O orador manifesta claramente sua intenção de apresentar os fatos como exemplos; mas nem sempre é isso que acontece. Ao fazer uso desse exemplo, o sacerdote se esquiva de contextualizar todos os seus ouvintes e exclui aqueles que porventura tenham feito alguma escolha que ele considere negativa. Assim, ele também quer persuadir, por meio de exemplos, seu auditório a se arrepender de algumas escolhas e voltar a ser o carimbador “do céu”, aquele que cumpre os preceitos de Jesus. Sucede que seu discurso não pode ser refutado, visto que, na pregação, não há interlocução e, assim, o auditório restringe-se a silenciar e fazer suas reflexões em outro momento que não àquele concomitante à pregação.

Assim, o emprego da argumentação pelo exemplo, conquanto abertamente proclamado, tende muitas vezes a fazer-nos passar deste para uma conclusão igualmente particular, sem que seja anunciada nenhuma regra.

Outro argumento que fundamenta o real pelo recurso ao caso particular é a *ilustração*. Esta tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostrando o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentando-lhe a presença na consciência. Na intenção de impressionar vivamente a imaginação de seu auditório, o sacerdote relata os momentos mais intensos de sofrimento e dor, ilustrando inúmeras passagens em que ele depender de outras pessoas para suprir suas mais particulares necessidades, ao mesmo tempo em que esse é o fator decisivo para a superação de seus problemas de saúde.

> [...] a dor faz a gente ficá irracional... quando vem a dor...remédio nenhum consegue tirá...quantas vezes... teve um dia eis puseram do meu lado no hospital uma máquina... ligaro na minha veia...uma maquininha... e aquela máquina era ligada num ...saco plástico cheio de morfina...intão me falaro cada veiz que doê você aperta...aí o médico depois vei vê e aquela máquina lá é de computadô...não tem jeito de enganá eles... eu tinha apertado... cento e vinte e nove vezes... ((risos)) num passava a dor...morfina num passava a dor...nessa hora é o suspiro da alma que diz...Jesus... Jesus... Jesus...cê num consegue nem terminá Jesus tem piedade de mim...((aplausos)) (PADRE LÉO, 2006). (20:45)

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 410) explicam que a ilustração visa aumentar a presença, concretizando uma regra abstrata por meio de um caso particular, sendo comum a tendência de ver nela uma imagem. Assim, ao ouvirmos a pregação, especificamente nesse trecho citado acima, podemos imaginar a cena que o sacerdote relata,

de acordo com nossas experiências, fazendo com que, a partir de seu relato, a imagem seja formada e assim, reforcemos a presença do orador, em meio à sua própria pregação.

Essa ilustração é um caso particular, corrobora a regra, que até pode, servir para enunciar. A verdade é que a ilustração é muitas vezes escolhida pela repercussão afetiva que se pode ter e fica muito claro que, no momento em que Padre Léo relata essa ilustração, tem mesmo a intenção de despertar em seu auditório a paixão da compaixão, haja visto o momento de sofrimento explicitado por ele neste momento da pregação. Assim, com muita frequência no discurso de Padre Léo, a ilustração tem o objetivo de facilitar a compreensão da regra, por meio de um caso de aplicação indiscutível.

O último caso de argumento que fundamenta o real, pelo recurso ao caso particular é o *modelo*. Quando se trata do modo de agir, um comportamento particular pode não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular a uma ação inspirada. Aqui, chamaremos de modelo pessoas ou grupos que possuem prestígio, que têm seus atos valorizados, reconhecidos previamente. Não se imita alguém a quem não se admira ou não se sabe de seus resultados. Assim, se há desejo de imitar alguém ou um ato, é porque se possui, portanto, como prestígio, a prova fornecida por essa pessoa ou ato. Na pregação, vemos que o seu próprio título suscita modelos de conduta, os quais serão relatados durante o discurso do orador. Nele, o sacerdote também insere modelos de conduta, de testemunho de vida, de modelos que devem ou não ser seguidos para que o auditório experimente a salvação através de Jesus Cristo.

O modelo indica a conduta a seguir ou a ser adotada e o fato de seguir um modelo reconhecido garante o valor da conduta; portanto, o orador, aqui representado como o modelo a ser seguido, valoriza-se para persuadir seu auditório a segui-lo também.

O modelo deve vigiar sua conduta, pois o menor de seus deslizes justificará milhares de outros, com muita frequência até por meio de um argumento. Esse efeito de contraste é obtido graças ao argumento do antimodelo ou porque se avalia o ato por suas consequências.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997, p. 417) vão explicar que por vezes “ficaremos, no momento de uma deliberação, estimulados a escolher um comportamento porque é oposto ao do antimodelo; a repulsa chegará às vezes a provocar a mudança de uma atitude anteriormente adotada, pela única razão de que é igualmente a do antimodelo.”

Ao propor ao auditório um modelo ou um antimodelo, Padre Léo subentende que ele próprio também se esforça para aproximar-se ou distinguir-se deles. Isso possibilita réplicas cômicas, o que ele insere em sua pregação, quando quer persuadir seu auditório a

escolher entre o modelo de Jesus Cristo ou o modelo do Demônio, o qual ele chama de "Encardido".

> [...] é isso que São Paulo tá falando pra mim e pra você hoje...aproveita essa vida...pa buscá as coisas do alto...que coisas são essas?...são as coisa da terra...parece engraçado mas é verdade...são aquelas coisa que você já tem...o dia que nós... nascemos nós ganhamos dois carimbos...um tá escrito assim...céu...entre parentis...coisas do alto...no outro tá escrito assim inferno...entre parentis... coisas da terra... coisas terrenais...esses dois carimbo que você tem eu tenho... chega uma hora na vida que você será chamado a carimbá... tudo que você tem...todas as pessoas com as quais você se relaciona...que carimbo cê vai botá ali? não...num é que a partir dali cê vai escolhe:: o carimbo que qué colocá...que carimbo você pode colocar ali?.. o dinheiro por exemplo...será que cê pode pegá o dinheiro que cê ganha... e até o jeito que ganha esse dinheiro... e colocá o carimbo... do céu?... você precisa... transformá o seu dinheiro de uma forma tal...que ele possa recebê o carimbo do-céu...porque senão ele ti leva pa o outro carimbo lá.... eu num vô falá muito do outro carimbo não... ((risos)) ((aplausos)) dá ibope po Encardido não, né?... ele é danado ele qué que a gente fala... aqui prele, ó!! ((gesticula)) ((aplausos e risos)) ele é danado...ele ...ele proveita que cê tá falano ãh?... ele sempre dá um jeitim de se infiltrá ali né?...ah danado...num veim não...cê pode colocá o carimbo do céu... ou se o dinheiro é sujo...é desonesto...o uso que cê faiz do seu dinheiro...pode recebê o carimbo do céu...das coisas do alto...ou... tem que pô aquele outro carimbo...só você pode fazer essa escolha...só você pode carimbá-lo...os seus relacionamentos...tá namorando?...comé que tá o seu namoro?... dá de carimba... do céu...em todos os momentos que cêis dois tão juntos...inclusive quando estão sozinhos... sem aparentemente ninguém vendo...dá de colocá do céu?...ou vai tê o outro carimbo no seu namoro?... por isso que as pessoas chega pra gente e fala padre minha vida é um inferno...mas olha os carimbos que ela distribuiu ao longo da vida...o namoro é um inferno...o dinheiro é um inferno...tudo o que tem... se transforma em semente de inferno...cristão é chamado a ser semeador do céu...carimbador do céu...! (PADRE LÉO, 2006). (24:30)

Percebe-se então, que o argumento pelo modelo ou pelo antimodelo foi aplicado espontaneamente ao discurso, onde Padre Léo afirma sua crença em certas "coisas do alto" e não as afirma somente com sua autoridade, mas através de comportamentos, de seu prestígio, incentivando o auditório a se comportar como ele; e se, inversamente agirem, afastar-se-ão de Deus.

Esses diversos modelos, antimodelos, ilustrações e exemplos mostram o quanto a argumentação, mesmo limitada à exaltação da vida de um único ser, o sacerdote, é suscetível de utilização e adaptação variadas, conforme este ou aquele aspecto do ser perfeito, que é posto em relevo e proposto à imitação dos homens. A função do testemunho de vida do sacerdote nesta pregação é essencial: é ele que permite ao modelo servir de guia em todas as circunstâncias do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, interessou-nos abordar o relato próprio daquele que desejou persuadir pelo argumento do exemplo e modelo, apresentando o *ethos* de sofredor, porém escolhido de Deus para anunciar o tema da pregação que se tornou objeto de nossa pesquisa: “Buscai as coisas do alto”.

Durante todo o transcorrer desta pesquisa, fomos surpreendidos pela riqueza de aspectos passíveis de análise linguística oferecidos pelo *corpus* selecionado. Ao elegermos o foco de nosso trabalho, fundamentando-o à luz das teorias da Retórica e da Prosódia, pudemos desvendar alguns aspectos da construção desse discurso.

Buscamos compreender como o orador construiu seu discurso de forma aparentemente espontânea a fim de persuadir seu auditório. O que se constatou, entretanto, é que a pregação foi desenvolvida de maneira fiel aos aspectos definidos por Aristóteles quanto ao que se refere aos elementos retóricos e argumentativos. Além disso, pudemos comprovar que os elementos prosódicos corroboram essa argumentação fazendo com que o orador legitime ainda mais seu discurso.

Ao longo da pregação, o orador demonstrou saber que o ato de fazer-crer em seu auditório é suscitado pelas paixões e, a partir destas, determina um caráter e um modo de ser que é permeado pelo discurso de uma instituição. Nesse sentido, verificamos o quanto o orador se preocupou em impor sua autoridade como sacerdote, aquele que profere o discurso que liga o homem a Deus, contextualizando-o com metáforas que o aproximariam de seu auditório sem o afastar do divino.

Se, por um lado, a voz de Deus dá a ordem para o sacerdote realizar sua missão de evangelizar, por outro, a Prosódia confere a ele recursos para persuadir seu auditório, argumentando. Nessa linha de raciocínio, comprovamos o quanto o orador faz uso dos elementos prosódicos, principalmente o volume, a tessitura e a pausa, para alcançar tal persuasão. Vimos que a Prosódia suscita a força persuasiva daquele que conhece seu auditório, prepara seu discurso e o faz de maneira tal que pudemos identificar os procedimentos que o constituem.

Observando os argumentos que compõem a argumentação e os elementos prosódicos a eles vinculados, comprovamos que a pregação foi adequada para a persuasão, instaurando no auditório a possibilidade de um compromisso ditado pelo orador. O ponto de aproximação e convergência desse discurso é a exemplificação de uma ideia, ou modelo que se diz correto e que pretende nortear a existência daquele que assumir para si esse discurso.

Sendo assim, pudemos verificar que a aceitação dos conselhos que o orador oferece ao auditório se ancora na caminhada conjunta de um sistema de técnicas detalhadas, as quais identificamos como modalidades argumentativo-persuasivas e que são constitutivas deste discurso, corroborando ainda mais a persuasão por meio dos elementos prosódicos analisados.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar:** gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê, 2001.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. 16. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

_____. Retórica das paixões. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edição 70, 1984.

BÍBLIA. Sabedoria. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Domingos Zamagna. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. et al. (Orgs.) **Práticas enunciativas em diferentes linguagens**. Franca: Unifran, 2006. (Coleção Mestrado, 1).

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. 2. ed. São Paulo: EDUC 1999.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 1992 (Coleção Ideias sobre Linguagem).

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios, 17).

FIGUEIREDO, M. F. et al. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. 2009 (no prelo).

PADRE LÉO. **Buscai as coisas do alto**: palestras-aprofundamento. São Paulo, 2006. CD/DVD.

PADRE LÉO. **Corações ao alto**: palestras-aprofundamento. São Paulo, 2007. CD/DVD.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Contexto, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1 São Paulo: Cortez, 2001. p. 105 -146.

MEYER, M. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: Aristóteles. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOSCA, L. L. S. **A atualidade retórica e seus estudos**: encontros e desencontros. In CONGRESSO VIRTUAL DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. Lisboa: DLR (Departamento de Literaturas Românicas), 2005.

NURC/RJ. **Projeto Norma Linguística Urbana Culta** – RJ**.** Apresenta estudos da variante culta da língua portuguesa. 1985. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em: 14 jan. 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1987.

PEDROSA, C. E. F. **Discurso religioso**: funções e especificidades. 2004. Disponível em: http://www.filologia.org.br/soletras/13/04.htm. Acesso em: 14 jan. 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo In: GAMA, A. C. C. et. al. (Orgs.) **Fonoaudiologia e telejornalismo -** Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

SCARPA, E. M. (Org.). **Estudos de prosódia**. Campinas: Unicamp, 1999.

TRINGALI, D. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas cidades, 1988.

ANEXOS

ANEXO A

Quadro de normas para transcrição

Normas para Transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda...( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras	" "	Pedro Lima... ah escreve na

de textos, durante a gravação		ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D[2].

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento* e *pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

ANEXO B

Transcrição da passagem bíblica lida por outro sacerdote e que precede a pregação

“Buscai as coisas do alto”

Colossenses, 3, 3

1.	Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus.
2.	Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra.
3.	Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.
4.	Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória.
5.	Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria.
6.	Dessas coisas provém a ira de Deus sobre os descrentes.
7.	Outrora também vós assim vivíeis, mergulhados como estáveis nesses vícios.
8.	Agora, porém, deixai de lado todas estas coisas: ira, animosidade, maledicência, maldade, palavras torpes da vossa boca,
9.	nem vos enganeis uns aos outros. Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios,
10.	e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento.
11.	Aí não haverá mais grego nem judeu, nem bárbaro nem cita, nem escravo nem livre, mas somente Cristo, que será tudo em todos.
12.	Portanto, como eleitos de Deus, santos e queridos, revesti-vos de entranhada misericórdia, de bondade, humildade, doçura, paciência.
13.	Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós.
14.	Mas, acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição.
15.	Triunfe em vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados a fim de formar um único corpo. E sede agradecidos.

ANEXO C

Transcrição da pregação “Buscai as coisas do alto”

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA SEGUNDO PROJETO NURC

PL: (...) POde aplaudir a palavra.... ((aplausos)) se portan::to...ressuscitaste com Cristo...buscai...as coisas...lá do alto..se nós queremos -- e nós queremos -- celebrar a vitória de Deus em nossa vida...nós precisamos...trilhar por esse Único caminho..buscai...as coisas..do alto...qué ser feliz?...buscai...as coisas..do alto...essa é a GRANde pala::vra que o Senhor qué trazê pra nós...e que pois no meu coração ...quando eu fiquei angustiado...num dos determinados desses muitos dias...dessa enfermidade que já vai prum ano...e eu pensava meu Deus...essa doença me tirou tudo...eu não consigo mais::...andá sozinho...-- tava numa época ( ) com/agora que eu não sozinho--eu não enxergo direito...(do) olho direito eu sou cego--estou cego momentaneamente--do olho esquerdo eu enxergo uns quarenta cinquenta por cento...eu não prego mais...eu não estou mais na minha comunidade...e vem no meu coração..“ai de mim se não evangelizar”...(disse)meu Deus mas...AI de mim...?((aplausos e gritos))se dependesse da minha vonta::de...eu estava em todos os eventos que a minha agenda...previa presse/ ano e que o padre Vicente...está cumprindo...com mae/maestria...e com a força do Espírito Santo...mas não dePENde de mim...e assim vei no meu coração... “mas tem coisa que cê podi fazê..talvez o encardido tenha lhe tirado as pe::rnas...tenha lhe tirado a disposição fí::sica...e até a autorização de ir e vir” --(porque) eu dependo dos médicos...--“mas Deus lhe deu o dom de escreVÊ::...esCREva...”((aplausos e gritos)) ((passa a mão pelo rosto como se estivesse limpando uma lágrima))meu Deus...eu não consigo lê::...eu tenho que colocar a bíblia aqui pertinho e um óculos pa perto...com MUIta dificuldade pra ler três quatro capítulo por dia...comé/ que eu vô escrevê?...“esCREva”...e quando eu...sentei no...meu computador...pa escreve...eu não sabia que que eu ia escreve..eu percebi...que como é um::: laptop...a te::la é iluminada...e que eu pudia enxergá ali sem Óculos...era só eu coloca as letras maiÓres...então veio forte no meu coração...“você num tinha encontrado ainda o caminho porque ta buscando as coisas de baixo...busque as coisas do alto”... ((aplausos e gritos))foi assim que nasceu esse livro...e quando eu entreguei pa::ara...Ia::ra...--minha querida Iara da Editora Canção Nova--pa púbica-lo...eu falei...nós vamos lançá-lo em Hosana...é mais uma vitória de Deus...louvado seja Deus ((aplausos e gritos))...Deus é fiel...DEUS FAZ CUMPRIR OS NOSSOS PLANEJAMENTOS:--( ) gosta de dizê isso--...quando nós temos a meta...o propósito voltado pra Deus...E::lê dá um jeito pra que a gente possa cumpri-lo...você...até na última ho::ra parece que num vô consegui...meu Deus do céu será possível que eu num vô consegui está lá?...eu preciso ir cantá a vitória de Deus...mA::is do que nunca esse ano eu preCIso ir...e por que eu precisava vir?...primeiro pra agradecer a Deus...passá TUdo...que vocÊs que já ti/ conviveram com o câncer sabe...o câncer tira tudo da gente...tira nossa dignida::de...você perde Tudo...você é um trapo em cima duma cama...SU::-jo...--e eu me sujei muitas ve::zes esse ano...de xiXI:: e de cocô...--passei vergonha quando as minhas irmãs que hoje também estão aqui me limpavam...mas passei mais vergonha ainda... ((aplausos))...quando enfermei::ras...moças desconheci::das...ia lá trocá minha fralda...você perde Tudo...você perde o auto domínio...mas obra...a fé...es::sa ninGUÉM tira.. NEM o encardido TIra... ((aplausos e

gritos))...quem tem fé...per::de...TUdo...mas não perdeu nada...porque a fé::... fundamento da esperRANça...certeza ( ) daquilo que não se vê...ela nos proJEta...e mais do que is::so..quando a gente está MAIS cansado...MAIS dolorido...quando está MAIS difícil...-- e eu passei momentos difíceis...Gisela mesmo me contou...Dr. Roque chegou em casa um dia choran::do...porque acha::va...Padre Leo não sai dessa--...Padre Leo num sai mesmo mas Deus me tirou...cês vão te que mi aguenta mui::to ainda((aplausos e gritos))...porque eu tive a graça do dom da fé...então eu ti::nha que vir nesse Hosana...mas eu tinha que vir aqui também...pra. testemunhar..ua/ gratidão profun::da...a três pessoas::três pesso::as...qui::...se já ocupavam um lugar de destaque no meu coração::...esse ano intão...(evidencia::ram-se)...denda/ minha alma...Padre Jô::nas... (Neto)...e Luzia... ((aplausos e gritos))...eu Tinha que vir agradecê-los ((aplausos e gritos)).....porque::...das mui::tas gra::ças que eu tive...--e eu tive mui::tas graças com o câncer...até pensei em escrever um livro “As graças que o câncer me deu”...mas achei que muita gente num ia entendê...achando que eu quisesse fazê gra::ça...mas não e::ra de engraçado...era che::io dessa graça...--eu tive a graça de ficá doente na casa deles...e desde aquele primei::ro instante...eles me pegaram no colo...eao lon::go desse ano me carregaram...fazendo aquilo que a mina comunida::de...não pudia faze...que a minha própria faMÍlia...que está qua::se toda aqui—Ziza você também ta aqui viu?..(no meu) coração...minha famí::lia não podeRIA fazer...((emociona-se))...mas eles fizeram...eles me pegaram no CO::lo...me tiraram da mor::te...por isso eu tinha que vir... grita:: com vocês...Hosana...((fecha os olhos)) vitó::ria de Deus ((aplausos e gritos))...na vi::da...na vi::da...só:: é:: derrotado...quem::...não tem::... verdadeiros amigos...e quem não tem Jesus...e quando nós temos aMIgos...que são aMIgos-de- Je-sus...então a nossa vida...ela ga::nha um novo sentido...e por mais peSA::do que a gente esteja...pelo peso da dor::e da doença...a gente ainda asPI::ra buscar:: essas coisas do alto...o que eu estou falando pra vocês são coisas do alto...coisas que somente quem experencio:::u... aqui::lo que vem do al::to...porque a palavra diz com muita crareza pra nós::...“vocês estão MORtos”...eu estiver MORto...Fi::sicamente falando... morto converse com Dr. Roque...CLI::nicamente falando...estava à beira da morte...mas a palavra diz:: “vossa vida está escondi::da com CRIS::sto em Deus”... e aí meus irmãos essa mor::te...não é co/coma/ a morte de dona Josefa...mãe do Padre Jo::nas...a morte que gera vi::da...a morte do meu PA::i...tenho absoluta certeza--e o Padre Jonas procramou isso no di::a da sua missa de corpo presente está na glória de Deus –essa mor::te de que fala o e/ não é o Evangelho é um dos textos mais antigos do Novo Testamento... a Carta aos (Colosenses)... essa morte é morte de mor::te...da pessoa que vai perdendo TUdo perdendo a esperança perdendo a fé...que não a::cha...ua/ luz que ilumi::ne a sua noi::te escura...com de forma tão fabulosa nos fala::va Padre Jonas nessa manhã...obrigado padre por ter partilhado conosco a sua noite escura...cada um de nós já tivemos muitas dessas noites...muitas ve::zes..não soube::mos saborear::: essa noite escura...eu disse logo no início da minha enfermidade...pra todos aqueles...que se aproximaram de mim...”eu não quero perder um minuto dessa doença...eu quero aprender TU::do que Deus tem pra mi ensina...porque que vei essa doença eu num sei...mas pra quê eu sei...é pa fortalecê a minha fé:::é pra eu seja um sacerdote mais san::to (por)que eu não estava sendo((aplausos))...é pra que eu possa assumir o Ministé::rio que Deus deu para mim::...com ua/ força muito maior...é pra eu tivesse absoluta certeza -- ontem eu fiz dezesseis anos de padre -- pa Deus deixa bem claro no meu coração ... ((aplausos)) “...ago:::ra...você não se pertence mais...você é da Bethânia...você é da Canção Nova...você é da Igreja...sua vida tem que sê gasta Leo... aTÉ o fim...ma::is do que você já gastô na sua doença...se com ua/ doencinha de na::da...cê gastô tan::to da sua vida... agora cê tem que gasta sua vida é com a evangelização...é leva:: Jesus... é leva as pessoas a descobrir esse caminho essa força que impulsio:::na pro alto”... ((aplausos))... e aí eu digo a você meu irmão::... a você minha irmã...se você num se encontrá com Jesus...você vai encontrá essa morte de que falava ( )...vossa vida...está escon::di::da com Cristo em Deus –expressão bonita

né Pdre ( )?—vossa vi::da está escon::di::da::... com Cristo em Deus...se você quer achar a verdadeira vida cê tem que achar JeSUS... Jesus diz “EU sou a vida... o caminho e a verda::de... eu vim pra que todos tenha a vida e que a tenha a::bundamentente...o Espírito Santo é o Senhor que dá a vi::da...se eu quero essa vida verdadeira...ô eu me aproxi:::mo de Jesus... ou eu mi encon::tro com Jesus...nem que se::já... a partir dessa angús::tia...que tantas vezes também tomou conta do meu coração...-- a dor faz a gente ficá irracional... quando vem a dor::...remédio nenhum consegue tirá...quantas vezes... teve um dia eis puseram do meu lado no hospital uma máquina... ligaro na minha veia...ua/ maquininha... e aquela máquina era ligada um ...saco plástico cheio de morfi::na...intão me falaro cada veiz que doe você aperta...aí:: o médico depois vei vê e aquela máquina lá é de computado...(não) tem jeito de engana eles... eu tinha apertado... cento e vinte e nove vezes... ((risos)) num passava a do::::r...morFI:::na num passava a do:::r...nessa ho::ra é o suspiro da alma que diz...Jesus... Jesus... Jesus...cê num consegue nem terminá Jesus tem piedade de mim...((aplausos)) Jesus ((aplausos)) Jesus...ah meus irmãos... eu tenho tanto dó de quem num tem fé... eu tenho TANto dó de quem num encontrô Jesus ainda...E::sse é doente...E::sse é pobre...E::sse é o mais miseRÁvel dos seres humanos... porque num tem na:::da...TUdo o que a gente tem a gente vai perdê... TUdo... tudo que cê tem cê vai perdê... e Jesus falô isso em Betha:::nia...quando (Marta) vei toda apavorada... falá pra Ele que mandasse Maria ir trabalhá:::...“o senhor não se importa que a minha irmã fique aí sentada escutando conversa...do senhor...enquanto eu tô aqui com tanto serVI::ço?”...Jesus olhô pra ela...bem dentro dos olho... Ele pensô ota/ coisa ma/ Ele falô... “Ma::rta...Ma::rta... ((risos)).. Ele pensô anta ((risos e aplausos))... Ma:::rta...Ma:::rta...tu ti inquientas por muita coi::sa...tu ti preocupas à to::a...Maria escolheu a melhor parte..aque::la que não lhe será tirada...se aquela... e se o pronome... está no singular::... é só ela...então é a única coisa que não nos será tirada... TOdas as outras coi::sas nos serão tiradas...nós vamo perdê TUdo...eu que já num tinha muita coisa perdi quase tudo ao longo desse a::no...eu eu fico cum pena de quem tem muito pa perdê...((risos)) tem que sofrê muito pa perdê tudo ((gritos e aplausos)) eu tenho dó...((aplausos))...eu já tinha dó de gente feio...a a agora eu tenho dó pa valê mesmo é de quem num tem Jesus...porque quem num tem Jesus num tem NA::da... NA::da... NA::da... NA::da... é isso que São Paulo tá falando pra mim e pra você ho::je...aprovei::ta essa vida...pa buscá as coisas do alto...que coisas são essas?...são as coisa da terra...parece engraçado mas é verda::de...são aquelas coisa que você já tem...o dia que nós::... nascemos...nós ganhamos dois carim::bos...um tá escrito assim...céu...entre parentis...coisas do al::to...no outro tá escrito assim inferno...entre parentis... coisas da terra... coisas terrenais...esses dois carimbo que você tem eu tenho... chega uma hora na vida que você será chamado a carimba... TUdo que você tem...TOdas as pessoas com as quais você se relaciona...que carimbo cê vai botá ali? NÃo...num é que a partir dali cê vai es::colhe:: o carimbo que qué colocá...que carimbo você PO::de colocar ali?.. o dinhei::ro por exem::plo...será que cê pode pegá o dinheiro que cê ganha... e até o jeito que ganha esse dinheiro... e colocá o carimbo... do céu?... ( ) você precisa... transformá o seu dinheiro de uma forma tal...que ele possa recebê o carimbo do-céu...porque senão ele ti leva pa o outro carimbo lá.... eu num vô falá muito do outro carimbo não... ((risos)) ((aplausos)) dá ibope pó encardido não né?... ele é danado ele qué que a gente fala... aqui prele/ ó ((gesticula)) ((aplausos e risos)) ele é dana::do...ele ...ele proveita que cê tá falan{} ãh?... ele sempre dá um jeitim de se infiltrá ali né?...ah::danado...num veim não...cê pode colocá o carimbo do céu... ou se o dinheiro é sujo...é desonesto...o uso que cê faiz do seu dinheiro...pode recebê o carimbo do céu...das coi::sas do al::to...ou... tem que pô aquele ou::tro carimbo...só voCÊ:: pode fazer essa escolha...só voCÊ:: pode carimbá-lo...os seus relacionamen::tos...tá namorando?...comé/ que tá o seu namoro?... dá de carimba... do céu...em todos os momentos que cês dois tão juntos...inclusive quando estão sozinhos... sem a::parentemente ninguém vendo...dá de colocá do céu?...ou vai tê o outro carimbo no seu

namoro?... por i::sso que as pessoas chega pra gente e fala padre minha vida é um inferno...mas olha os carimbos que ela distribuiu ao longo da vida...o namo::ro é um inferno...o dinhei::ro é um inferno...TUdo o que tem:::... se transfor::ma em semente de inFER::no...cristão-é-chamado-a-ser-semeador-do-céu...CA-RIM-BA-DOR do cé::u...em primeiro lugar na sua vida...o seu cor::po...eu posso carimbar o meu corpo... do céu...coisas do alto...minha perna são coisas do alto...minhas pernas...meus braços são coisas do alto.. eu U::so... pra leva Jesus pras pesso::as...pra fazê carida::de...pro trabalho hones::to...di::gno... ou eu vou ter que por no meu corpo...igual esses menino e essas menina que gosta de desenhá um monte de ... tranquera pro corpo afo::ra...a tatuage... eu vô tê que tatuá aqui também o carimbo lá de baixo?... das co::ias de baixo?... a minha sexualida::de...po::de recebê o carimbo do ... céu?... porque eu procuro vivê-la conforme meu estado de vi::da.... na pure::za...como... espo::so como espo::sa como pai... como mãe de família como sacerdo::te como religioso.. com consagrado...como celibatário como jo::vem... eu estou ensinan::do... as crian::ças...meus fi::hos... meus ne::tos meus sobri::nhos...a ter um corpo carimba::do com as coisas do alto?...se não tenho...meu irmão... se não tenho...minha irmã...eu não achei a minha vi::da... ela continua escondida com Cris::to...e essa mor::te que virá... é çmor::te certa...o que eu fa::ço com o meu corpo...o Uso do meu corpo...os meus relacionamen::tos...as minhas amiza::des...será que são amizades verdadei::ras...pu::ras?... ou são amizades interesseiras?... que eu só uso as pessoas?...o mundo é assim::... ninguém gosta da gente não:::...as pessoas gostam daquilo que cê pó::::de fazer pra por elas....as pessoas sempre olham a gente sempre com interesse...o mundão lá fo::ra?... é assim::...o mundão que cê vive que nós vivemo...e o seu relacionamento com as pessoas?... pode recebê o carimbo...do céu?... das co::isas do alto?...a sua fa::la... as pala::vras que você fala...as pia::das que você con::ta...as mú::sicas que você canta...podem receber o carimbo do céu?...ou você já tá nivela::do...por baixo?... as coisas de baixo?...a baixari::a...a sujei::ra...já deixou tomá conta do seu coração?...meu irmão...minha irmã...se você quer de fato cantá a vitória de Deus na sua vida...é preciso clamá Hosana...nos dois sentidos que nós aprendemos hoje...((aplausos))...como esse suspiro da AL::ma...como esse pedido de aJUda...ma:::s é preciso que cada um aqui tome uma decisão...para que o ano que vem a gente esteja aqui de no::vo...celebrando as vitórias de Deus...quem sa::be... se no ano que vem nos for feita essa pergunta...mudou algum carimbo na sua vida?... se mudou UM:::... já vali/te/ valeu a pena... mas você pode mudar mais com a força do Espírito Santo... e Deus qué fazê essa mudança...Deus qué operá:: essa mudança em seu coração em sua vida... porque Deus não crio::u vo::cê pras co::isas de BAI::xo...Deus colocou em você o carimbo do batismo ... que é um carimbo diz a Igre::ja...uma mar::ca...é carimbo... que ninguém tira...nem quem vive lá no mundo de baixo...das co::isas de baixo...Deus colocou um carimbo em você:::... do cé:::u... então compor::te-se como alguém do cé::u... compor::te-se como cidadão do céu...comporte-se como alguém que... é feito para as coisa do alto e não as coisas estraga::das do pecado... rompa com o pecado meu irmão...eu não sei que pecado que ví::cio cê tá vivendo...mas será que cê num teve força ainda pa rompe esse vício?...será que cê buscou rompê?... será que cê buscou de fa:::to...o sacramento da reconciliação...eu vou fazê uma BOa confissão...eu vou rasgá a minha al::ma...“derramar a minha alma” diz o salmis::ta... e Ana... no livro de Samuel capítulo 2... derra/ capítulo 1 “derramar a minha alma na presença do Altíssimo”... derra::me a sua alma hoje na presença de Deus...na hora da Eucaristia ...hoje à tar::de...é Jesus que está aqui::... a sua vida ta escondida com E::le...quantas vezes você já falou::...e nós já ouvimos falá.... “que vida é essa que tô levando?”... se você num sabe que vida é essa é porque a sua vida ain::da está escondida... com Cristo em Deus...e você vai precisá buscá-la...e vai encontrá:::la na medida em que busca::::r as coisas do alto... é um processo... de mor::te e ressurreição...por isso Paulo começa esse texto com ua/ condicional:::...“Si::: ressuscitaste com Cristo...buscai as coisas do alto...Afeiçoai-vos”--olha que palavra bonita minero gosta dessa palavra...“nossa que feição

mais bo::a”...não fala?...“tá com a feição BO::a”....chega lá no velório olha fala “boni::ta a feição dele né?... parece que até tá rin::do”...((ri))... tá morto... afeiçoar é ficar com a mesma feição...é ir ficando parecido...cê vai olhá e vai vê que eis são tudo meio parecido... (o) jeito de falá... olha nois de Bethânia...basta cê conversá cinco minuto com um consagrado que ce descobre que ele é de Bethânia... num precisa eli falá...mas porque os assuntos são diferentes...é aquilo que... é a nossa vi::da...olha o pessoal da Canção Nova...como é que eles vão ficando parecidos...cê conhece um...parece que conhece to::dos...parece um bando de japneis... ((risos)) né ( )?...viu um viu todos... tirô retrato de um pode economizá...((risos))...num interessa home muié pode pô tudo igual na mesma foto...ingana Fácil...eis têm a feição pareci::da... e nós?... você já tem a feição...ma::is carimbada pro céu?... ou pras co::isas de baixo?... e você vai precisá responDÊssa pergunta...aonde mais em sua vida você precisa colocá o carimbo do... céu?... das coisas do alto?... que situação da sua vida ...pára agora e pense comigo...pode até fechar os olhos um pouqui::m...cê que tá em ca::as... aqui...nesse espaço sagra::do...( ) que área da minha vida eu preci::so... botá o carim::bo...do céu?...i::sso.. faiz um momentim de silêncio..olha que bonito... nem parece que são milhares de pessoas obrigado senhor..... e peça (assim) Espírito Santo... vem e socorra a minha fraqueza.... dá-me a graça de carimbá a minha vida inTEIra... com as coisas do alto... eu cansei...dessas coisas da terra...eu cansei do pecado...vem e socorra minha fraqueza...Espírito Santo tu que és o espicialis::ta...envie ( ) auxílio daqueles que são fracos...eu-sou-fraco... eu sou necessita::do da sua graça... eu preci::so da sua graça... volte seu coração pro Senhor...pa-sse... um filmizinho da sua vida...com o carimbo na mão...carRIMbo do céu...das COIsas do alto...aconteça o que acontecer eu vou carimbá:::... ho::je eu estou carimbando... se até hoje eu não vivi como devia minha sexualidade... hoje eu estou carimBANdo a minha sexualidade... das coisas do alto...mesmo eu sou vicia::do na baixaria... na suje::ira... na pornografia...a partir de hoje eu vou ser diferente...a partir de hoje eu vou ser essa criatura nova...porque eu achei a minha vida que tava escondida com CRISto...por Isso que eu não era feliz...eu vou carimbá meu dinheiro...eu vou carimbá meu namoro...vô carimba meu relacionamento familiar... eu vou carimbá meu trabalho... eu vou carimbá todo o meu corpo...ho::je... vou carimbá minha casa...meu ca::rro...eu num posso usá meu carro pra pecá...é um presente de Deus que eu posso te um automó::vel... pra passeá com a minha famí::lia...pra visitá os ami::gos...mas eu num posso usá-lo pro pecado...ah:::::: eu quero carimbá também o meu tempo...meu tempo precisa sê tempo do céu...tempo das coisas altas...das coisas lá de cima...tempo de Deus...vitória de Deus...hoje...depois de mui::to tempo...eu volto...((canta)) *alô::::: meu Deus...fazia tanto tempo...que eu não mais te procurava... alô::::: meu Deus...senti saudades tuas...e acabei voltando aqui...andei por mil caminhos.. e como as andorinhas...eu vim fazer meu ninho...em tua casa e repousar...embora eu me afastasse...e andasse desligado...meu coração cansado resolveu... voltar...eu não me acostumei ((aplausos))...nas terras onde andei... eu não me acostumei ((aplausos))...nas terras onde andei... ((aplausos e gritos emocionados))... eu volto...((canta)) alô::::: meu Deus...fazia tanto tempo...que eu não mais te procurava... alô::::: meu Deus...senti saudades tuas...e acabei voltando aqui...gastei a minha herança...comprando só matéria... restou-me a esperança...de outra vez te encontrar... voltei arrependido...e volto convencido...com o coração ferido...aqui é o meu... lugar...eu não me acostumei...* se é verdade... diz*...eu não me acostumei nas terras onde andei.... eu não me acostumei nas terras onde andei....*((repete o refrão e cumprimenta a todos))... eu tava com medo de pregá senta::do...mas depois eu me recorDEI das pregações mais profundas ... dos mais belos milagres de Jesus ele fez sentado...{verdade}né?